



S
U
B
M
U
N
D
O

GUARDIÕES DE ALMA LIVRO 4

KIM RICHARDSON

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



GUARDIÕES DE ALMA

* Livro Quatro *

SUBMUNDO

KIM RICHARDSON

www.kimrichardsonbooks.com

Submundo, Guardiões de Alma, Livro 4:

Copy right © 2015 por Kim Richardson

Traduzido por Sabrina Lopes Furtado

Este e-book é uma obra de ficção. Qualquer referência a eventos históricos, pessoas reais ou locais reais são usados ficcionalmente. Outros nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora, e a semelhança a eventos factuais, locais ou pessoas, vivas ou mortas, é inteiramente coincidência.

Este e-book está licenciado apenas para seu divertimento pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou dado para outras pessoas. Se você quiser compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada pessoa com quem compartilhar. Se você estiver lendo este livro sem tê-lo comprado ou se ele não tiver sido adquirido para seu uso individual, então você deve se dirigir ao Smashwords.com e comprar sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho do autor.

Mais livros de Kim Richardson

SÉRIE GUARDIÕES DE ALMA

Marcada, Livro 1

Elemental, Livro 2

Horizonte, Livro 3

Submundo, Livro 4

Seirs, Livro 5

Mortal, Livro 6

Cefeiros, Livro 7

Demônios, Livro 8

SÉRIES MÍSTICAS

O Sétimo Sentido, Livro 1

A Nação Alfa, Livro 2

O Nexus, Livro 3

Índice

[Capítulo 1 - A Livraria do Velho Jim](#)

[Capítulo 2 - De Volta](#)

[Capítulo 3 - Um Anjo Reluzente](#)

[Capítulo 4 - Uma Caçada em Plena Tarde](#)

[Capítulo 5 - Seirs](#)

[Capítulo 6 - Lilith](#)

[Capítulo 7 - Uma Visita Surpresa](#)

[Capítulo 8 - A Decisão do Conselho](#)

[Capítulo 9 - Janelas para as Almas](#)

[Capítulo 10 - Um Coquetel de Anjos](#)

[Capítulo 11 - A Cidade Demoniaca](#)

[Capítulo 12 - Arranha-Céus em Vingança](#)

[Capítulo 13 - Uma Viagem na Escuridão](#)

[Capítulo 14 - Cativos](#)

[Capítulo 15 - A Transformação](#)

[Capítulo 16 - O Parque Extravaganza](#)

[Capítulo 17 - Caixinha de Surpresas](#)

[Capítulo 18 - David, o Demônio](#)

[Capítulo 19 - A Grande Fuga](#)

[Capítulo 20 - O Interrogatório](#)

[Capítulo 21 - Presente para um Amigo](#)

[SEIRS](#)

[Capítulo 1 - Banho de Sangue](#)

[Sobre a Autora](#)

Para William Gordon Richardson.

*Você me deu as melhores recordações de infância que qualquer neta
poderia pedir.*

Capítulo 1

A Livraria do Velho Jim

Kara inspirou profundamente e soprou o pó de uma fileira de livros com capas rasgadas e espinhas despencadas. O ar cheirava a uma mistura de cola e mofo. As partículas de poeira pairaram no ar como uma nuvem de insetos e a umidade quente aderiu à sua roupa. Aquele não era o ambiente perfeito para guardar livros antigos, mas ela amava a forma como o cheiro de tinta e papel impregnava o local. Era cheiro de imaginação – um lugar onde grandes mentes se uniam e criavam magia com suas palavras – o cheiro de aventuras ainda não descobertas. Nos livros, tudo era possível... e ela adorava isso.

Ela limpou o suor da testa e prendeu o cabelo em um rabo de cavalo. Apertou *As Aventuras de Huckleberry Finn* entre *O Grito da Selva* e *O Velho e o Mar*, na seção de romances clássicos. Alinhou-os em linha reta perfeita, com suas espinhas dispostas verticalmente. Uma vez satisfeito com seu trabalho, ela limpou a umidade e a sujeira de suas mãos no seu jeans azul, aumentando a camada de sujeira do trabalho do dia. A escada rangia e tremia com seu peso. Ela apertou as mãos firmemente em volta do corrimão e desceu com cuidado. Assim que chegou mais embaixo, pulou o último degrau.

Com um sorriso no rosto, Kara empurrou um carrinho de metal empilhado com livros e revistas até a frente da loja. Ela esquivou-se da única lâmpada que cintilava nervosamente sob um fio solto no centro da loja e levou o carrinho por entre pilhas tortas de livros que serpenteavam até o teto em alguns lugares e balançavam perigosamente.

Raios de luz penetravam através de uma grande janela de sacada na frente da loja e iluminavam as estantes de livros com um suave brilho dourado. Partículas de poeira brilharam sob a luz como flocos de neve em miniatura. Kara viu as teias de aranha cinzentas que cobriam os cantos mais altos do teto e tomou nota mentalmente, a fim de varrê-las mais tarde com sua vassoura. O papel de parede com listras marrons e bege descascava das paredes atrás de um balcão frágil de madeira que alinhava-se ao lado direito da loja. Uma velha caixa registradora com botões manuais e uma alavanca vermelha ficava em cima

dele. Embaixo da caixa registradora, havia uma vitrine exibindo bolas de cristal de diferentes tamanhos. Kara deu uma risadinha quando viu seu reflexo distorcido nelas. Uma brisa morna afastou a franja de Kara de seu rosto. Os sinos de vento ressoavam fracamente sobre a porta da frente, que estava aberta.

Kara espirrou. O carrinho balançou. Uma espessa camada de poeira cobria a maior parte das estantes de trás, uma clara indicação de que ela ainda tinha um monte de limpeza para fazer. Levaria semanas para espanar da loja anos de negligência. Para começo de conversa, ela duvidava seriamente de que aquele lugar alguma vez tivesse sido limpo. Em seu primeiro dia na loja, Kara fez uma boa limpeza nas janelas, varreu e raspou o chão, removendo a sujeira encardidas e as manchas marrons nas quais preferia não pensar.

Kara inspirou com alegria o vento de verão vindo pela porta aberta – dentes-de-leão e grama recém cortada - seus espíritos se enchia de ânimo a cada novo cheiro. Era uma sensação incrível. A escola havia acabado, e ela agora era oficialmente funcionária em um lugar que amava e de um homem que admirava. O Sr. Patterson havia dado a ela um emprego de verão em sua livraria. Seus deveres eram ajudá-lo a categorizar todos os livros novos em um novo programa de computador, manter a loja limpa e operar o caixa quando ele estivesse em seu horário de almoço. Aquele se mostrava ser o melhor trabalho de todos. E Kara estava determinada a economizar dinheiro suficiente para o primeiro semestre da faculdade de Dawson. O Sr. Patterson até lhe dissera que iria mantê-la em tempo parcial, quando retornasse à escola. Ela não podia querer um chefe melhor ou um trabalho melhor. Enfim, as coisas estavam finalmente melhorando para ela.

Com o carrinho estacionado, ela pegou um punhado de revistas do *National Geographic* e ordenou-as por datas ao longo da prateleira do meio do revisteiro. Ela as embaralhou e ficou paralisada.

Seu cabelo ficou em pé. Kara inexplicavelmente sentiu uma presença. Ela seguiu a fonte da sensação até a janela da sacada.

Alguém a encarava do outro lado da rua.

Seu coração martelava contra o peito. Uma jovem garota, em um vestido branco à moda antiga, com um grande laço vermelho amarrado no meio, encarava Kara do lado oposto da rua. O cabelo preto sedoso era cortado na altura do queixo e acentuava suas feições nítidas. Ela era bonita, como uma boneca de luxo. Ela parecia ter cerca de doze anos de idade. Mesmo à distância, Kara podia ver traços de vermelhidão ao redor de seus olhos e nariz. Seu rosto pálido se fechara em uma careta, seus olhos exprimiam terror. Kara quase podia sentir o pânico dela. Seus olhos imploravam por ajuda, para obter a ajuda de Kara. Uma conexão inexplicável com a menina ergueu-se no peito de Kara. Era como se estivessem relacionadas de alguma forma, com o uma prima muito distante. A menina balançou a cabeça de repente e começou a se afastar.

Dois homens em ternos cinzentos meticulosamente costurados abordaram a jovem de ambos os lados. Seus rostos e cabelos platinados eram idênticos, e a pele deles era de uma cor branca pálida, como a de albinos doentes. Eles se moveram rapidamente e com um propósito. A garota se apoiou contra a parede da frente da loja vizinha. Ela fixou os olhos em Kara mais uma vez, em um apelo silencioso. Ela moveu os lábios dizendo *Ajude-me*. Kara susteve a respiração. A garota foi presa entre os dois homens maliciosos com olhos negros. O alto martelar do coração de Kara em seus ouvidos abafou todos os outros sons ao seu redor. A menina não era páreo para esses dois homens que pareciam maus. Kara tinha de fazer algo, ela tinha de tentar ajudá-la.

Kara tirou o carrinho do caminho e pulou pelo balcão. Ela agarrou o taco de beisebol que o Sr. Patterson mantinha escondido atrás do balcão, no caso de uma transação perigosa com um cliente, e arremeteu-se para fora da livraria, até a rua.

Ela foi de soslaio até lá.

O lugar estava vazio. A garota havia desaparecido, assim como os homens de olhos negros. A rua permanecia em silêncio. A calçada estava nua, exceto por alguns pombos bicando o chão.

Será que seus olhos estavam lhe pregando uma peça novamente? Seria essa outra visão estranha? Nos últimos meses, ela tinha a sensação de estar sendo

vigiada. Ela havia percebido sombras assustadoras em lugares escuros, seguindo cada movimento seu, atacando quando achavam que ela não estava olhando. Mas assim que ela se virava para enfrentar o que quer que fossem, as sombras desapareciam em um piscar de olhos. Talvez essa tenha sido uma dessas ocorrências. Ou talvez ela estivesse ficando louca. Ela pensou que deveria ser a última opção.

— Planeja bater em alguém com esse bastão?

Kara se virou. David estava lá, bonito como sempre, com seu habitual sorriso descarado e cabelos loiros despenteados. Com a cabeça no ar, ele caminhou em direção a ela com passos saltitantes.

— É seguro? Ou devo voltar mais tarde? — riu David, travando as mãos nos bolsos.

Kara o ignorou e observou o lado oposto da rua.

— Eu-eu pensei ter visto algo.

David ergueu as sobrancelhas.

— E, então, você decidiu virar uma *vigilante* e pegou um taco de beisebol para bater com ele?

— Eu vi uma garota. Acho que ela estava com problemas - não, ela definitivamente *estava* com problemas. Ela estava muito assustada e precisava da minha ajuda — Os nós dos dedos de Kara ficaram brancos quando ela agarrou o bastão firmemente. Ela se lembrou do rosto petrificado da menina e da forma como ela recuou dos homens que se aproximavam.

— Que garota? — David procurou na rua — Não vejo nenhuma garota. Tem certeza de que viu alguma coisa? Você sabe, toda aquela poeira que você inala o dia todo pode estar afetando seu cérebro.

Kara suspirou e abaixou o taco.

— Ela estava lá um minuto atrás. Tenho certeza disso. E havia dois

homens com aparência estranha... com cabelo branco... muito feios e assustadores. Tive o pressentimento de que eles iriam machucá-la. Eles tinham olhos negros assustadores.

— Olhos negros? Como se tivessem recebido um murro na cara ou algo do tipo? Assim como você estava prestes a fazer com o bastão, não é?

Kara viu o rosto perplexo de David e decidiu soltar o taco de beisebol. Claramente, ele pensava que ela era louca. Ela balançou a cabeça e deu de ombros.

— Não importa — ela deu um suspiro frustrado... e, então, um sorriso meio torto — O que você está fazendo aqui tão cedo afinal? Eu pensei que tivesse treino de futebol?

— Eu tinha — David fez fingiu um passe com os pés para impressionar Kara. — Foi cancelado. Pensei que podíamos ir ver um filme de tarde ou algo assim.

Kara se esforçou para não sorrir, mas seu rosto a traiu. Ela afastou o olhar rapidamente de David. Suas bochechas queimavam, e ela instantaneamente soube que seu rosto ficara vermelho como tomate. O coração batia em seus ouvidos.

— Hum... deixe-me pedir ao Sr. Patterson primeiro. Ele ainda pode precisar de mim n restante do dia. — ela esperava silenciosamente que não. Todos os dias David aparecia nos arredores da loja desde a primeira vez em que acidentalmente se conheceram, há dois meses. E toda vez que ele estava perto, ela sentia um friozinho na barriga.

Com o taco de beisebol solto ao seu lado, Kara entrou de volta na loja. David se esquivou do sino de vento e a seguiu. Ela ouviu o clique da porta de trás se fechado e viu o Sr. Patterson vindo em direção a eles, seus ossos se estalavam enquanto ele se aproximava. Ele coçou a cabeça, bagunçando seus ralos cabelos brancos. Suas pernas curtas ficavam à mostra com sua habitual bermuda cáqui e camisa havaiana colorida de amarelo e laranja. As tábuas do assoalho rangiam sob o peso de seus pés descalços. Kara nunca entendeu por que ele andava

descalço na sujeira e poeira no chão. Mas, com o tempo, se acostumou a ver seus grandes dedos quadrados e longas unhas amarelas. Ela teve a ideia de conseguir para ele um vale-presente do spa local, *Dedos com Arcos*, oferecendo uma pedicure. Se seria forçada a olhar para os pés dele, então que eles, pelo menos, fossem bem cuidados.

O Sr. Patterson acenou animadamente para eles.

— Olá, Denis! O que o traz a este lado do mundo literário? Veio comprar um livro finalmente? Há uma ótima seção nova com livros de aventura para garotos logo ali... — ele jogou sua longa barba branca por cima do ombro e apontou para uma estante alta de livros à sua esquerda.

David sorriu desconfortavelmente e coçou a parte de trás do seu pescoço.

— Hum... não, senhor P., mas, de qualquer forma, obrigado. Tenho certeza de que são todos... excelentes. — David virou-se para Kara e sussurrou baixinho — Ele ainda está me chamando de *Denis*.

Kara cobriu a boca e riu.

O Sr. Patterson parou e observou Kara com cautela. — Clara? Por que você está segurando o *bastão bravo*? Aconteceu alguma coisa? Você entrou numa briga com algum um cliente psicótico?

— Hum, não, eu estava apenas...

David bufou:

— O bastão bravo? Sério? Parece um pouco louco para mim.

Kara chutou David na canela e escondeu o taco de beisebol nas costas.

— Hum... nada. Eu só estava... limpando ele. — Ela caminhou até o balcão e guardou o bastão atrás dele.

— Na verdade, Sr. P. — disse David — eu vim ver se a Kara poderia

tirar o resto da tarde de folga.

— Entendo — O Sr. Patterson olhou David desconfiadamente por um momento. Seus olhos azuis claro observavam dentre as dobras de suas centenas de rugas. Ele franziu os lábios e coçou a cabeça. — Bem, não vejo por que não. Acho que a Clara já fez o bastante por hoje. Você pode ir com o Denis se quiser.

A empolgação encheu o peito de Kara, mas ela ficou desconcertada:

— Sério? Obrigada, Sr. Patterson. Você é bom demais para mim.

— Bobagem. — o Sr. Patterson balançou a mão em desconsideração. Ele ficou em silêncio por um momento, com o rosto perplexo. — Nossa! Não me lembro do que eu estava prestes a fazer agora... a minha mente parece vagar por conta própria à medida que eu envelheço. Essa idade avançada é uma coisa muito estranha. — seus olhos azuis ficaram vidrados no espaço.

Kara olhou para David e, depois, de volta ao Sr. Patterson:

— Sr. Patterson, se quiser, eu posso ficar e ajudá-lo a encontrar o que você estava procurando. Está tudo bem, de verdade. Posso ir ao cinema outra hora. Tenho certeza de que *David* não se importará. — Kara deu a David um olhar de soslaio.

— Não, não. Isso não será necessário, minha querida. Vá agora com David. Tenho certeza de que, seja o que for..., vai aparecer em breve. — o Sr. Patterson bamboleou até o balcão e deslizou a porta do compartimento de vidro, tirando uma bola de cristal do tamanho de um punho. Partículas de luz se refletiam em seu rosto enquanto ele olhava para ela intensamente, sem pestanejar. Ele segurou a bola com as duas mãos, permanecendo imóvel.

— Sr. Patterson? Está tudo bem? — perguntou Kara. Como ele não respondeu, ela perguntou novamente. — Está se sentindo bem? Você parece um pouco pálido. Posso pegar um copo de água para você?

— Esse cara é um pouco pancada... se é que me entende — sussurrou David ao lado dela. Ele arregalou os olhos e girou o dedo ao lado da cabeça,

fazendo sinal de que o homem era louco.

Kara ignorou David e estudou o velho. Ela baixou a voz:

— Ele faz isso às vezes. Sempre que olha para uma daquelas bolas de cristal, parece que ele se esquece do mundo à sua volta. É como se ele estivesse viajando. É bastante... esquisito.

— Talvez ele esteja apresentando os primeiros sinais da doença de Alzheimer.

Kara abanou a cabeça, irritada.

— Não, não. Ele é apenas... velho. Queria ver você com a idade dele, ver como você se viraria.

— Eu seria o velhote mais sexy da cidade, querida. Todas as senhoras solteiras estariam me perseguindo com suas bengalas. Seria incrível.

Kara revirou os olhos e riu:

— Você é um bobo. — ela observou o velho sombriamente. Afligia-lhe vê-lo tão perturbado. — Eu odeio deixá-lo aqui desse jeito. E se alguém vier... e ele ainda estiver olhando para aquela bola e não responder? Podem acabar chamando a polícia ou algo assim. E se o prenderem?

David apertou o ombro dela suavemente.

— Não se preocupe. O velho já tinha esta loja bem antes de você aparecer. Tenho certeza de que ele vai ficar bem. Vamos. O filme começa em meia hora.

— Espero que sim. — relutantemente, Kara se virou e seguiu David em direção à porta. — Então... que filme você quer ver? Por favor, diga que não é outro filme de zumbi. Acho que já vi bastante sangue e tripa pelo resto da minha vida.

David estalou os dedos e sorriu.

— Eu estava pensando no novo...

— Espere! Pare!

Com um estampido, a bola de cristal do Sr. Patterson se partiu em 1 milhão de pedaços ao cair no chão. Ele ignorou o incidente e correu descontroladamente em direção a eles. Seus cabelos brancos saltavam no topo da cabeça, e Kara não pôde deixar de se lembrar das bonequinhas troll da boa sorte com cabelo roxo espetado que ela costuma colecionar. Ele abanava as mãos freneticamente no ar:

— Você não pode partir. A escuridão se aproxima. A legião precisa de você. Os mortais estão em perigo!

David sussurrou baixinho:

— Opa... e você disse que o velho não era maluco? Ele acabou de nos encher de baboseiras.

— Espere — disse Kara, interrompendo-o — Algo está errado. Eu nunca o vi tão agitado.

Em instantes, o Sr. Patterson estava diante deles. Seus olhos estavam arregalados e enlouquecidos. Ele pôs as mãos trêmulas no cabelo:

— Eu vi! Está na hora. Você precisa voltar!

Kara vasculhou o rosto dele. Seus grandes olhos azuis se perdiam sob espessas sobrancelhas brancas.

— Tempo de quê? Isso não faz nenhum sentido. — o corpo dela se enrijeceu. E se ele tivesse ficado louco? Ela teria de procurar outro emprego. Um nó se formou em sua garganta. Ela ergueu os olhos para David, que arqueou as sobrancelhas.

O Sr. Patterson andava de um lado para o outro.

— Chegou a hora. Vocês devem se preparar. Eles estão esperando por

vocês. Você devem deixar o mundo dos mortais.

Kara limpou o suor de sua testa com a mão. Aquilo estava ficando cada vez pior:

— Quem está esperando? Não estou entendendo, Sr. Patterson, isso não faz nenhum sentido...

— As chaves! Quase esqueci! — O velho correu até o balcão, vasculhou uma gaveta e disparou de volta. Dois cartões-chave dourados brilhavam nas mãos dele. Ele os entregou a Kara e David. — Aqui, vocês devem levar seus cartões. Vocês não podem entrar no nível 5 sem eles.

David riu e pegou uma das chaves.

— Obrigado, Sr. P. Talvez você deva se sentar e relaxar um pouco. Opa... isto é ouro de verdade?

Kara empurrou David para o lado e sacudiu suavemente os ombros do Sr. Patterson:

— Sr. Patterson. Você está me assustando. Acho que você precisa se deitar e tomar um copo de água. Você comeu alguma coisa hoje?

O Sr. Patterson assentiu com a cabeça impacientemente:

— Sim, sim, claro. — Ele pegou na mão dela, colocou o outro cartão dourado em sua palma e o envolveu com seus dedos. — Mantenha isso em segurança. Você precisará dele. É só uma questão de segundos agora.

Kara piscou para secar a umidade de seus olhos.

— Está bem. É isso. Vou fechar a loja e levá-lo para casa. Não vamos mais ao cinema.

Ela se voltou em direção à porta, mas o Sr. Patterson agarrou seu braço com força e a puxou de volta, de modo que ela o encarasse.

— Não! Está acontecendo. Você não pode ir a lugar algum. Você

precisa ficar aqui. Vocês dois.

Kara e David se entreolharam. Ela percebeu que aquilo era muito pior do que imaginara a princípio. Ela teria de ligar para alguém. Decidiu ligar para sua mãe. Ela saberia o que fazer.

— Eu preciso usar seu telefone.

— Não! — o Sr. Patterson agarrou Kara pelo cotovelo e a fez encará-lo de novo — Não há tempo. Está vindo agora. Preparem-se.

— O que está vindo? — riu David, caçoando. — A escuridão? Teremos mais cartões dourados?

O velho afastou-se deles de repente e apontou para o teto. Seus olhos estavam arregalados de medo.

— O terremoto — ele sussurrou.

Kara franziu o cenho:

— O terremoto? Não temos terremotos aqui...

Como se fosse um aviso, as estantes de livros começaram a chocalhar e a terra tremeu ferozmente. Um enorme estrondo ressoou em torno deles, como se a própria terra tivesse se aberto. As estantes balançavam perigosamente, derrubando tudo o que havia nelas. Livros tombavam e caíam no chão à sua volta. As paredes racharam, revelando grandes buracos. Nacos de gesso despandiam do teto, cobrindo Kara e David com um pó branco. Kara tossiu, pois o pó queimava sua garganta.

— Kara! Por aqui! — David puxou Kara pelo braço e a colocou na direção do balcão. Eles se esconderam sob a armação de madeira para se protegerem da melhor forma que podiam dos escombros que caíam.

Kara olhou em volta nervosamente:

— Onde está o Sr. Patterson? — gritou ela mais alto que os rangidos dos

escombros.

Um enorme pedaço de gesso caiu no chão, a apenas centímetros de distância deles.

— Não sei! — gritou David. Ele inspecionou o teto a procura de mais detritos caindo. — O teto está desabando. Nós seremos esmagados se ficarmos aqui. Temos de sair daqui agora!

Kara assentiu com a cabeça e seguiu David, saindo de detrás do balcão. Eles caminharam se esquivando das prateleiras quebradas e dos pedaços de escombros perigosamente afiados.

BOOM!

Metade do teto desabou atrás deles. O balcão desapareceu sob uma avalanche de destroços.

Kara viu os lábios de David se moverem, mas não conseguiu ouvir o que ele estava dizendo. Tudo o que ela podia ouvir era o martelar do seu coração e o estrondo da queda de escombros. Ele apontou para a porta e agarrou a mão dela.

Desesperadamente, eles correram até a porta. Ela estava perto. Eles estavam quase na soleira da porta.

O som de uma rachadura estridente vibrou em torno deles.

O restante do teto desabou.

A última coisa que Kara viu foi uma parede de tijolos caindo em cima dela. Um tremendo peso pressionou seu peito e, então, sua consciência a deixou.

Capítulo 2

De Volta

Após uma desagradável viagem de elevador de cinco minutos, com um orangotango em um roupão de banho rosa e bobes de cabelo, que insistia em atacá-los com uma saraivada de insultos, Kara e David encontraram-se em uma grande câmara redonda, do tamanho de um campo de beisebol. Ao contrário dos seus habituais encontros com a divisão, nos quais centenas de anjos da guarda se ocupavam digitando nos teclados e subindo em escadas de metal que chegavam aos níveis mais altos, vociferando ordens, desta vez, apenas um punhado de guardiões estavam em operação na vasta sala. Kara se estremeceu desconfortavelmente com o silêncio, um lembrete assustador da grande perda que a Divisão Contrademônios havia sofrido no combate a Asmodeus. Agora não era nenhuma surpresa por que eles haviam sido chamados de volta tão cedo: a DCD parecia uma cidade fantasma.

A princípio, Kara sentiu um pouco de ressentimento pelo fato de a Legião trazê-la tão rapidamente, sem que ela passasse muito tempo com David como mortais. Eles apenas haviam começado a se conhecer. Mas agora, ela entendia a necessidade de estar de volta. E ficou contente por isso – contente por fazer parte de algo especial e importante, como salvar as almas mortais das garras dos demônios; contente por ter a chance de trazer equilíbrio entre os mundos.

— Então, estamos de volta — disse Kara para ninguém em particular.

Ela se virou e olhou para David. Seu rosto estava tenso, e ele caminhava e olhava para o chão.

— David? Qual é o problema? — ela não estava acostumada a vê-lo tão aflito; isso a desalentava.

David ficou em silêncio por um momento, mas, então, respondeu:

— Eu... Eu estava morto, Kara. Minhas lembranças estão todas voltando agora. Eu lembro. Minha alma morreu. Asmodeus me matou...

Uma dor jorrou no peito de Kara quando ela se lembrou de David em seus braços, antes de o corpo dele desfazer-se em um pó dourado. Ela não queria passar por isso nunca mais.

— Bem, a sua alma não estava realmente morta. Ela apenas expirou por pouco tempo. E agora você está de volta. O Chefe o trouxe de volta, David.

David estudou o rosto de Kara. Os lábios dele romperam em um sorriso:

— Tenho certeza de que você teve algo a ver com isso... não é?

Kara desviou o olhar:

— Não tenho ideia do que você está falando. — algo duro a pressionou dentro do bolso. Ela enfiou a mão e puxou um cartão-chave dourado. Ele brilhava na luz; ela o segurou e examinou com mais atenção. Seu rosto logo franziu. — O Sr. Patterson... nos deu as nossas chaves douradas.

— Sim. O velhote é um oráculo.

Kara suprimiu uma risada.

— Isso explica muita coisa.

Ela se lembrou dos pés sujos e descalços e das loucas camisas havaianas. Sua obsessão por bolas de cristal fazia sentido agora. Ele era muito gentil com ela, e Kara se perguntou se isso era só porque ele estava cuidando dela. Quantos oráculos estavam incógnitos na Terra? Ela ficou se perguntando o que aconteceu com ele depois que o edifício ruiu. Será que ele havia voltado imediatamente ao Horizonte, assim como eles?

Eles caminharam lentamente, passando por grandes telas holográficas que tremeluziam como raios-x, com diferentes imagens de cidades em todo o globo. Uma grande mesa redonda se encontrava em uma plataforma, no meio do grande espaço. Kara contou dez anjos sentados ao redor da mesa. Alguns rostos se destacavam, mas ela não reconheceu a maioria deles, mas imediatamente reconheceu Peter e Jenny. O rosto pontudo da Jenny se rompeu num grande sorriso. Seus grandes olhos verdes cintilavam animadamente. Ela

pulou e espremeu Kara em um abraço apertado. Seu cabelo roxo espetado fez cócegas no pescoço de Kara.

— Bem-vinda de volta, garota. Senti sua falta.

Kara gentilmente apertou sua amiga de volta:

— Eu também, Jenny. Estou feliz por estar de volta. Alguma ideia de por que fomos chamados de volta tão cedo?

Jenny soltou Kara e recuou:

— Não. Mas tenho certeza de que vamos descobrir em breve. O que quer que esteja acontecendo, deve ser grande. Estão todos de boca fechada sobre o assunto.

Com uma pose exagerada, David levantou os braços e fingiu abraçar o ar à sua frente:

— O quê? Não ganho um abraço também? — Jenny o ignorou e sentou-se novamente rindo.

Kara apertou o ombro de Peter.

— Olá, Peter. É um prazer vê-lo novamente.

— Oi, Kara. Idem. — Peter sorriu e baixou os olhos.

Depois de David e Peter trocarem um aperto de mão complexo, Kara olhou ao redor. Uma grande mulher sentou-se na cabeceira da mesa. Ela era deslumbrante, o que não deveria ser uma surpresa para Kara. Sabia-se que os arcanjos eram lindos. Seus olhos cor de caramelo estudaram Kara e David. A mulher puxou sua cadeira e levantou-se graciosamente. Curtos cachos apertados levemente saltaram de sua cabeça como molas macias. Ela usava uma calça preta para dentro de uma bota negra bem polida e uma camisa preta de mangas curtas, as quais se mesclavam maravilhosamente bem com sua pele cor de café mocha. Seus lábios carnudos se abriram em um sorriso.

— Vocês devem ser Kara Nightingale e David McGowan — disse a mulher com voz suave e harmoniosa. Kara instantaneamente gostou dela. — Bem-vindos de volta. Eu sou a Arcanja Ariel - a nova comandante do departamento de defesa. É um prazer finalmente conhecer vocês. Ouvi muitas coisas boas sobre os dois. Ouvi dizer que possuem um *notável* talento individual e estou ansiosa para observá-lo. Por favor, sentem-se.

Obedientemente, Kara se sentou em uma cadeira vazia ao lado de Jenny e Peter e esperou. David jogou-se em uma cadeira vazia e colocou os pés em cima da mesa, com as mãos entrelaçadas atrás da cabeça. Ariel pareceu não notar. Ela observou Kara, que, embora tivesse tentado olhar para a Arcanja, não conseguiu sustentar o olhar.

— Tenho certeza de que vocês devem estar se perguntando por que os AGs que estavam na Terra foram convocados de voltar tão cedo. — Ariel passeava calmamente ao redor da mesa. Cabeças balançavam para cima e para baixo concordando. — Como vocês já devem suspeitar, temos um problema sério em nossas mãos.

Kara deslocou-se nervosamente em seu assento. Ela apertou as mãos nas pernas. O que havia levado a Legião a chamá-los de volta tão cedo? O que seria esse grave problema? Asmodeus estava morto. Ela matara seu próprio pai meses atrás e quase perdera sua alma no processo. Ela se lembrava disso como se fosse ontem. Talvez tivesse sido. Ela ainda se lembrava daquele feio sorriso triunfante antes de ela perfurar-se com a lâmina do inferno. Quão surpreso ele ficara - ele nunca esperaria por isso. Seu corpo fora consumido por um fogo dourado. Ela se lembrou do grito dele sob o fogo crepitante que consumia seu corpo. Ele não voltaria depois disso. Isso seria impossível. Ou não?

Como uma nova ameaça poderia surgir tão rapidamente? Ela se recordou das palavras do Chefe, quando o visitara – *onde houver o bem, sempre haverá o mal*. O mundo mortal e os seus sempre estariam em risco de um novo mal. Demônios e anjos coexistiam. Era só uma questão de tempo antes que o mal ressurgisse. Ela só não esperava que fosse tão cedo.

Ela lançou um rápido olhar para David, que piscou de volta. Ela revirou

os olhos. Claramente, David estava afim de alguma ação. Ela invejava a serena determinação dele.

A Arcanja Ariel parou e apertou as mãos à sua frente. Ela observou o grupo pensativamente por um momento:

— Fomos alertados sobre uma nova situação no mundo mortal — começou a Arcanja. Kara se encolheu quando os olhos de Ariel repousaram sobre ela novamente. Uma frieza permeou sua mente, e ela suprimiu um arrepio. Ela sentiu uma presença em sua mente. Era como se Ariel pudesse ver através dela e ler seus pensamentos mais íntimos. Os olhos de Ariel se arregalaram. — É precisamente por isso que convocamos seus serviços mais uma vez, Kara Nightingale.

Kara recuou quando todos os olhos fixaram-se nela. Ela estudou o rosto de Ariel a procura de um sinal do que estava por vir, mas não conseguia ver nada. Ela se mexeu na cadeira. Suas unhas arranhavam suas pernas. Ela odiava ser o centro das atenções. A tensão na sala era insuportável. Ela podia praticamente ver o silêncio que se espalhou por toda a câmara. Cada um dos anjos da DCD esperava ansiosamente para ouvir o que Ariel tinha a dizer. Duas jovens mulheres que Kara não reconhecia deram as mãos, seus olhos estavam arregalados de medo. Parecia que todos queriam ouvir por que a nova ameaça envolvia Kara especificamente. Ela mordeu o lábio inferior e se preparou para o que a Arcanja diria em seguida.

Ariel inclinou-se para a frente:

— Nossos batedores identificaram um novo *elemental*.

Sussurros se espalharam ao longo da grande mesa. Olhos curiosos se encontraram com os de Kara e, pelo olhar confuso dos demais, ela não tinha certeza se eles estavam animados com o fato de se sentarem ao lado dela. Ela ouviu seu nome ser murmurado uma ou duas vezes e manteve os olhos abaixados até o murmurinho diminuir. Ela ficou zangada, mas não deixou as emoções tomarem o seu melhor, especialmente naquele momento. Isso só iria piorar as coisas. Que olhassem! Ela deu o seu melhor para ignorar os sussurros.

Apenas um pequeno grupo de pessoas sabia o que realmente acontecera naquela noite do cemitério no ano passado. Ela se lembrou do rosto banhado por lágrimas do menino que ela havia arrancado das mãos do senhor dos demônios, Asmodeus. Ela o segurara apertado enquanto seu pequeno corpo estremecia contra o dela. Ela sabia que era única - ela era o único anjo capaz de suportar o toque do elemental. Foi quando ela aprendeu sobre seu próprio poder excepcional. Parecia fazer tanto tempo agora.

— Temos conhecimento da sua existência — disse Ariel — e, pelo o que sabemos, como qualquer ser elemental, ela está em grande perigo de ser torturada por seu poder indomável. Nós não podemos permitir que ela caia em mãos inimigas. Ela deve ser protegida.

Ela, repetiu Kara em sua mente. Desta vez, o elemental era uma menina. Kara franziu o cenho e se perguntou onde estaria a sua mãe mortal. Sua mãe sabia que havia dado à luz a um ser sobrenatural?

— Ela conseguiu evitar a captura pelos demônios até agora, mas não demorará muito até que ela esteja ao alcance deles e, para nós, perdida para sempre. Não podemos permitir que isso aconteça. Já vimos a devastação que o inimigo pode causar quando o poder elemental cai em suas mãos. A Legião já sofreu o suficiente. O Alto Conselho pediu especificamente a nossa ajuda nessa questão e não vamos faltar com eles — a voz de Ariel ressoou em toda a câmara.

Apesar de Ariel ser menor do que os arcanjos masculinos, Kara tinha certeza de ela era uma força com a qual teriam de se haver caso a deixassem furiosa. Ariel endireitou-se e voltou sua cabeça em direção a Kara:

— Kara é a única que pode tocar no elemental. O simples toque de um elemental destruiria um anjo comum; então, os talentos especiais de Kara são essenciais para esta missão. Esta tarefa é confiada a você, Kara... e à sua equipe.

Sem perceber, Kara balançou a cabeça assentindo. Ela sabia que era a única apta ao trabalho. Com o fim do senhor dos demônios, ela não achou que seria difícil recuperar uma criança elemental. Ela e seus amigos poderiam dar

conta de alguns demônios. Ela endireitou-se em seu assento e ignorou os olhos examinados à sua volta. *Sim*, ela sabia que não era um anjo comum. Ela era diferente. E tinha orgulho de ser diferente. Isso a tornava especial.

— Seus companheiros de equipe são... — com um longo dedo, Ariel apontou para diferentes faces na mesa e, então, concluiu com os amigos de Kara — Jenny, Peter e David. Vocês provaram ser excelentes como uma equipe. Precisamos dos melhores nesta missão. Vocês não podem falhar. Em qualquer caso, cada um receberá um par de centelhas. Use-as sabiamente.

Kara e Jenny se entreolharam e Jenny deu a Kara um sorriso tranquilizador. Kara sorriu de volta. Ela não podia pedir um time melhor. Com o cérebro de Peter, a autoconfiança de Jenny e as habilidades de combate de David, eles eram uma força implacável. Eles recuperariam o elemental. Ela tinha certeza disso – seria mamão com açúcar.

Ariel levantou a voz ligeiramente ao se dirigir à equipe:

— Nós identificamos a última localização dela em Boston, Massachusetts. Acreditamos que ela esteja escondida em um abrigo para jovens. Vocês começarão a busca por lá. Se obtiverem sucesso em encontrar a garota, um grupo de Sensitivos estará em modo de espera e pronto para levar a elemental em seus cuidados assim que ela estiver segura com vocês.

— Parece ótimo. — David estalou os dedos e bateu na mesa com as mãos. — Quando é que começamos? Estou doído para chutar o traseiro de alguns demônios sérios. Acho que é hora da vingança por toda a mer... — Ariel ergueu suas sobrancelhas, e isso foi o suficiente para silenciar David.

O rosto da Arcañja mudou. Sua expressão tornou-se séria:

— Há mais uma coisa. Os nossos Batedores sentiram uma presença sombria ao redor da elemental, algo mal a espreita... quase como um escudo ou guardião. Eles não foram capazes de nos fornecer mais detalhes sobre essa aura sombria. Mas uma coisa é certa... eles nunca sentiram nada igual antes.

— Você acha que ela está marcada? — Kara se lembrou de sua própria

experiência com a marca do demônio. Aquilo não havia sido muito agradável. A Legião não demorou a fazer julgamentos sobre ela. E se essa pobre garota sofresse o mesmo destino e fosse parar no tártaro também? — Se estiver marcada... não é culpa dela. Vocês não podem culpá-la por algo fora de seu controle. Ela é apenas uma criança. Uma criança inocente. — a voz de Kara levantou-se antes mesmo que ela pudesse controlar. Ela sabia que tinha total atenção agora, mas não se importava. Ela não permitiria outro incidente no qual um inocente fosse acusado do toque de um demônio. Não outra vez.

Os olhos de Ariel estavam cheios de ternura:

— Eu entendo como você se sente, Kara. Deve ser muito difícil ouvir isso, mas você foi uma exceção. Você é um anjo - ela é uma mortal. Só não podemos dizer com certeza se essa criança foi comprometida, e não podemos nos arriscar com ela. A presença sombria que emana desta criança é algo novo, de acordo com os Batedores. Eles não sabem o que é, exceto que parece mal, extremamente mal... e perigoso.

— Eu não gosto do som disso — sussurrou Jenny, como se tentasse fazer contato visual com Kara, mas sem efeito.

Raiva e medo jorravam dentro Kara. Ela cerrou os punhos até que não sentisse mais seus dedos. Tudo isso soava muito parecido com o que lhe acontecera. A Legião já havia rotulado essa pobre garota como uma aberração. Igual a ela. Eles não tinham provas além daquilo que os batedores disseram sentir. E se eles estivessem errados? E, então? O que eles fariam quando ela estivesse em suas mãos? Eles a matariam? Se fosse tão perigosa como a Arcanja lhes informara, Kara tinha dúvidas se iriam entregá-la pacificamente aos Sensitivos. Não, ela tinha certeza de que eles tinham outros planos.

A injustiça da situação alimentou uma fúria selvagem dentro dela. Um tremor quente percorreu suas costas, e Kara se esforçou para subjugar o seu próprio poder. Essa menina era inocente. Ela não era uma *coisa* - mas uma menina assustada e mortal que precisava de ajuda. Kara tinha de protegê-la. Ela tinha de encontrá-la antes da Legião. Ela não sabia o que iria fazer com a menina depois que a tivesse, mas descobriria mais tarde. Uma coisa era certa: ela não os

deixaria tocar num fio de cabelo sequer dela - não importa o que acontecesse.

A Arcanja olhou diretamente nos olhos de Kara:

— Kara. Por favor, entenda. Nós só queremos ajudar. Esta é uma situação muito *delicada* e cremos que você não nos deixará na mão. Você deve ter muito cuidado. Nunca baixe a sua guarda. Não sabemos o que rodeia o elemental. Sabemos que é mal, mas não sabemos o que isso pode fazer a *você* - especificamente. Entende?

Os olhos de Kara se encontraram com os dela:

— Eu entendo. Não vou baixar a guarda. — seu Tom foi áspero, mas ela não se arrependeu disso.

A incerteza cobriu o rosto de Ariel por um momento. Ela estudou o rosto de Kara e, então, recompôs-se rapidamente com um suspiro:

— Bom. Quero todos de volta a salvo dentro de duas horas. Vamos lá pessoal. Vamos lá!

Todo mundo pulou animadamente. Kara viu Ariel se afastar e se perguntou como seria sua aparência se tivesse aceitado a proposta do Chefe de se tornar uma arcanja também. Ela seria tão linda e temível como Ariel? Ou mais recatada, como o traidor de fala mansa, Cassiel? Ela não sabia se teria escolha na questão. Talvez a pessoa só se tornasse uma versão maior de si mesma. Ela nunca descobriria isso.

Kara sabia que a Legião precisava dos seus talentos únicos nesta missão especial. Ela não planejava deixá-los na mão - mas também não entregaria a garota. Não até que descobrisse pessoalmente primeiro o que era essa presença sombria. Só, então, ela decidiria o que faria com a garota elemental. O que seria essa nova escuridão da qual Ariel falou? Embora o medo permeasse sua mente sobre as possibilidades do que poderia ser tal escuridão, a necessidade de salvar a garota superava todo o resto. Algo dentro dela dizia que a elemental era inocente e que a presença maligna estava atrás dela.

— Kara! Você vem ou não? — David gritou da prateleira das armas. Ele embolsou duas lâminas da alma, uma pedra de fogo e uma pedra da lua antes de ir para os tanques Vega.

Kara caminhou lentamente em direção à prateleira de armas. Depois de equipada com as armas de sua escolha – duas lâminas da alma –, ela seguiu os outros silenciosamente para os tanques de água verde. Três deles já estavam em pé na plataforma esperando por ela. Eles estavam inquietos de empolgação.

Embora determinada a salvar a elemental, Kara não podia deixar de se perguntar o que seria essa escuridão. Se Asmodeus estava morto, o que seria esse novo mal? Será que ele poderia ter liberado algo ainda mais sinistro, sem a Legião saber? Kara se lembrou dos lamentos dos mortais morrendo quando seus corpos eram feitos em pedaços pelos demônios fétidos que Asmodeus havia liberado através do Espelho das Almas. Os gritos deles sempre iriam assombrá-la. Ela fechou as mãos para que parassem de tremer. Isso não seria tão fácil afinal de contas, mas uma coisa era certa: ela tinha de encontrar a elemental, antes que alguém o fizesse.

Capítulo 3

Um Anjo Reluzente

O sol era uma moeda de ouro perfeita no céu do meio da tarde. As aves enchiam o céu azul, voando umas atrás das outras em perseguição. Kara e seus companheiros de equipe caminharam pela Washington Street em busca do Centro de Juventude Saint James. Edifícios de arenito rodeavam ambos os lados e se elevavam sobre as lojas locais em ruínas que estavam imprensadas entre os gigantes de pedra. Os mortais caminhavam aprofundados em suas conversas, ignorando os elementos sobrenaturais em volta deles.

Kara ainda irritada com a reunião. Ela não conseguia suprimir a sua raiva facilmente; ele habita em seu âmago, pronta para atacar como um gato selvagem. Ela caminhou com as unhas cravadas nas palmas das mãos tentando parar de tremer de raiva. Ela torceu para que ninguém atrapalhasse seus planos, pois a coisa ficaria muito feia se isso acontecesse. Proteger a elemental era tudo o que importava. Ela sabia que seus amigos estariam do seu lado; eles não interfeririam. Mas se outro AG tentasse impedi-la, não sabia se poderia controlar seu poder. Nesse caso, ela provavelmente acabaria voltando para o tártaro - seu lugar menos favorito no Horizonte.

Eles caminharam pelos parques bem cuidados, com exuberantes gramíneas verdes salpicadas de flores perenes de ricas cores amarelas e vermelhas. Uma brisa morna trouxe o cheiro das flores de verão. Kara lembrou-se de seus dias de verão na casa de sua avó, com longas gramas amarelas que se balançavam nas brisas de Junho, e o doce aroma dos arbustos exuberantes de hortênsia que sua avó tanto adorava. Como ela sentia falta de sua avó. Kara sorriu. Ela estava feliz por estar entre os vivos novamente. Os raios do sol faziam cócegas em seu rosto. Ela fechou os olhos, feliz, por um momento e deixou que a luz do sol penetrasse profundamente em seu traje M.

Kara...

— O quê? — Kara abriu os olhos e se virou. Seus companheiros a observavam com expressões vazias.

— O quê? — Ela repetiu um pouco irritada.

— Nada, Kara — respondeu David, com um encolher de ombros. — Ninguém disse uma palavra a você.

Kara franziu o cenho e desviou o olhar. Ela tinha certeza de ouvir seu nome ser chamado. Seus olhos se encontraram brevemente com os de David, mas foi tempo suficiente para compreender o questionamento no olhar dele. O aborrecimento de Kara aumentou.

Jenny adiantou-se. Sua preocupação se refletia em seus grandes olhos verdes:

— Está se sentindo bem? Você parece um pouco assustada.

— Sim...Estou bem. Não é nada. — Kara se esquivou. Seu embaraço aumentava a cada nova pergunta. — Vamos andando. O centro de juventude deve estar a apenas outros dois quarteirões.

Enquanto eles se afastavam, Kara olhou para trás pela última vez. Ela se esforçou para ouvir qualquer coisa. Uma cacofonia de pneus e buzinas respondeu de volta. Ela não ouviu seu nome novamente. Talvez ela tivesse imaginado isso, talvez o vento a provocasse. Ela arrumou um fio de cabelo atrás da orelha. Indiferentemente, ela andou alguns passos para alcançar a outros.

Kara... me ajude!

Kara parou e se virou. Ela olhou para um casal de meia idade caminhando até ela. Eles estavam discutindo em voz alta e alheios a todos ao seu redor. A mulher empurrou o homem para longe dela com raiva e tentou bater-lhe com sua bolsa de couro. O homem apelou gesticulando teatralmente com as mãos. A voz não poderia ter vindo deles. Mas Kara tinha certeza de que viera de trás dela. A voz viera de tão perto, como se a apenas um passo de distância. Mas não havia ninguém por perto o suficiente para ter pronunciado seu nome. O que estava acontecendo?

— Kara? O que está fazendo? O centro de juventude é por aqui. Pensei

que estávamos com pressa para chegar lá. Vamos. — David acenou para ela, com uma expressão confusa no rosto. Quando ele percebeu que ela não estava se mexendo, deu de ombros e começou a caminhar em direção a ela.

Relutantemente, Kara levantou a mão:

— Já vou, David. Só um segundo. — ela estudou a área uma última vez e balançou a cabeça — Estou ficando doida — ela disse a si mesma — Talvez os trajes M-5 estejam disfuncionais. Quando eu voltar, terei uma conversa com Ariel. — com sua mente finalmente convencida, ela caminhou pela rua até se juntar à equipe.

Kara, por favor...Preciso da sua ajuda...Eles estão vindo...

Kara ficou paralisada. Todos os cabelos do seu corpo angelical ficaram arrepiados. A voz vinha de dentro de sua mente. Assim como a sua própria parte elemental falara com ela antes, uma voz soava dentro da sua mente. Era alta e nítida, como se seus próprios pensamentos falassem com ela. Mas isso era algo totalmente diferente. Alguém estava falando com ela telepaticamente – e, de alguma forma, Kara já sabia quem era.

Com um renovado senso de dever, Kara procurou freneticamente por qualquer sinal da garota elemental da rua. Ela sabia que teria de estar por perto. Ela olhou à sua volta, estudando a massa de mortais à procura de uma jovem. Os transeuntes ignoraram sua explosão repentina e vagavam por ela, espiando as vitrines das lojas locais em busca de presentes. Um mau pressentimento a envolveu. Onde a garota estava? Ela já havia sido pega? Um bando de meninas de sua idade saiu de uma loja de música nas proximidades. Elas se distanciavam enquanto enviavam mensagens de texto em seus telefones. Kara abriu caminho através de todos, ignorando desesperadamente os gritos de raiva dos mortais. O pânico cresceu dentro dela. Ela havia perdido a garota. Ela colocou as mãos na cabeça. Não havia sinal algum de nenhuma garotinha... ou elemental.

Kara bateu a mão na perna com raiva. Como ela a perdera tão de repente? Onde ela poderia estar? Talvez ela estivesse com medo de ser vista e foi se esconder em algum lugar perto. Ela torceu para que esse fosse o verdadeiro

motivo. Se os demônios estivessem atrás dela, não seria nenhuma surpresa que a elemental estivesse apavorada e preferisse ficar escondida. Talvez ela só estivesse esperando o momento certo para se apresentar - ou talvez ela quisesse que Kara a encontrasse.

Uma ideia lhe ocorreu, e ela decidiu tentar uma abordagem diferente. Tentou relaxar e tampou os ouvidos com as mãos para bloquear todos os sons da rua movimentada. Calmamente, ela fechou os olhos. Com grande esforço, concentrou toda a sua energia.

Ei, garotinha... sou eu, Kara. Estou aqui para ajudá-la. Onde você está?

Nada. Sua mente estava tão silenciosa como um túmulo. Apenas um zumbido maçante respondia de volta. Ela esperou um pouco mais. Novamente, esvaziou sua mente. Concentrando o seu poder, ela o projetou para fora como um farol.

Sou eu, Kara. Só quero ajudá-la. Você pode me dizer onde está?

Kara esperou. Ainda nada. *Bem, valeu o esforço.* Ela abaixou as mãos e abriu os olhos.

A princípio, quando ouviu a voz, ela não sentiu nada sombrio à sua volta. Na verdade, ela não havia sentido nada afinal. A voz parecia muito normal, como a de qualquer jovem. Qualquer coisa que os Batedores tivessem sentido, Kara não percebeu. Eles estavam errados. O mal que os Batedores haviam sentido não estava conectado à elemental, mas provavelmente à aura desagradável dos demônios. Isso explicaria a presença maligna que haviam sentido. A elemental provavelmente estava cercado por demônios.

Uma súbita urgência de encontrar a elemental jorrava dentro dela. A perspectiva de uma garota sendo torturada por uma massa de ímpios demônios era horripilante. Eles estavam ficando sem tempo. Kara precisava encontrá-la imediatamente. Andando vigorosamente, ela viu David e os outros em pé, perto de um banco, a um quarteirão de distância. Eles estavam esperando por ela. Seus rostos mostravam sua preocupação quando a viram se aproximando.

Um garotinho por volta de sete anos, com cabelo vermelho-cenoura, perseguia uma borboleta roxa e amarela em volta de um poste de metal do outro lado da rua.

Kara acenou para seus amigos. Ela decidiu contar sobre a voz - dessa forma, eles não lhe olhariam como se ela fosse demente. Ou seria pior contar a eles? Ela não tinha certeza. Mas sabia que tinha de contar, não importava o quão delirante eles a achassem depois. Todos tinham rostos preocupados. Ela odiava o fato de eles pensarem que ela fosse tão frágil.

A borboleta escapou voando e atravessou a rua, em direção à Kara.

Falar sobre as vozes que ouvia sempre a deixava ansiosa. Ela temia o olhar nos olhos deles. Kara, a esquizofrênica – é isso que você ganha por ser diferente – e Kara era diferente. Ela sabia que seus amigos se importavam muito com ela, mas aquela suspeita de maluquice sempre aparecia nos rostos deles por um segundo quando ela falava das vozes que ouvia – e sempre tempo o bastante para Kara perceber.

O garoto perseguia a borboleta pela rua.

Porém, mesmo depois de todas as experiências que haviam partilhado, seus amigos ainda estavam do seu lado. Eles arriscaram suas próprias almas para tirá-la da prisão. Sendo ela esquisita ou não, eles eram seus amigos, amigos leais. Então, e daí se ela tivesse ouvido mais do que uma voz dentro de sua mente. Eles já haviam aceitado seu show de horrores. Certamente, uma esquisitice a mais não deveria ser um grande desastre. Eles entenderiam.

O garoto ria enquanto continuava a perseguir a borboleta no meio da rua.

O azul dos olhos de David brilhou quando ela aproximou-se deles. Jenny estava encarando um grupo de meninas da mesma idade, com melancolia em seus olhos. Embora Kara soubesse que Jenny amava o trabalho com a Legião, ela compreendeu seu sentimento. Ela também sentia o mesmo às vezes. Elas nunca seriam adolescentes normais novamente. Em vez disso, eles eram soldados que lutavam para proteger o mundo mortal contra os demônios. Agora,

suas vidas eram inequivocamente diferentes daquelas dos adolescentes comuns. E não havia volta.

O menino saltava tentando pegar a borboleta com as mãos nuas.

Kara ficou paralisada.

Um táxi preto vinha na direção oposta da rua.

A imagem do menino morto na rua vacilou diante de seus olhos. O mundo ao seu redor desvaneceu-se, e ela concentrou toda a sua atenção no menino. Sua visão ficou aguçada como o zoom da lente de uma câmera.

Os olhos do garotinho estavam fixos na criatura que voava.

O táxi continuava a vir.

Seu traje M-5 foi ativado. Uma onda de energia quente a percorreu. Antes que desse conta do que estava fazendo, Kara disparou para o outro lado da rua e agarrou o garoto. O táxi cortou seu pé esquerdo quando ela pousou em segurança na calçada. Ela ouviu um estalido, mas não sentiu nenhuma dor.

— Sua louca! — o motorista do táxi buzinou irritado, xingando ao passar por eles.

Kara ignorou o comentário rude e suspirou de alívio. Ela abaixou o menino no chão. Suas mãos tremiam, e ela o largou suavemente.

— Nossa, essa foi por pouco. Você não viu o carro? Não. Imagino que não. Você podia ter se machucado. Cuidado da próxima vez, ok? Sempre olhe para os dois lados antes de atravessar. Não fique perseguir borboletas no meio da rua de novo. Entendeu?

O menino não respondeu. Em vez disso, olhou para Kara com uma expressão confusa. Seus grandes olhos azuis estavam fixos nela; sua boca entreaberta. Ele cutucou o braço dela com seu dedinho:

— Por que você está brilhando?

Kara riu:

— O quê? Eu não estou brilhando. — ela pensou que podia ter deixado o garoto bater a cabeça por acidente (oops!), mas, pelo menos, ela havia salvo a vida dele. Uma cabeça machucada não deve ser muito sério. — Tenha cuidado da próxima vez, ok?

— James! — Uma mulher de cabelos ruivos veio correndo até eles. Ela deu um abraço apertado no menino e caiu de joelhos.

— James! Meu Deus! — Ela choramingou no ombro dele. Ela o agarrou pelos ombros e sacudiu. — No que você estava pensando? Você sabe que não deve correr pela rua! — ela o repreendeu carinhosamente; lágrimas corriam por seu rosto.

Mas James não respondeu. Ele só ficou olhando Kara com a mesma expressão desnorteada.

— Mamãe, por que a garota está brilhando? — ele apontou.

Kara começou a se sentir desconfortável. Ela olhou em volta nervosamente, mas os outros mortais não pareciam estar olhando para ela. Ela mesma se olhou. Seu traje M estava intacto. Ela não via nenhum rasgo em parte alguma. Ela se inclinou e olhou seu reflexo na janela de um carro estacionado. Parecia estar tudo bem com ela. Ela parecia um mortal comum. Ela não estava brilhando. Então do que o garoto estava falando?

A mulher limpou o nariz com a manga da blusa e ignorou o filho. Ela ficou de pé:

— Muito obrigada, senhorita. Eu - eu - não consegui vê-lo a tempo. Se você não estivesse lá... — os olhos da mulher começaram a vazar lágrimas como uma torneira.

— Está tudo bem. Ele está seguro agora. — Kara sorriu suavemente. — Apenas tome cuidado com borboletas vagando pelas ruas. Acho que ele pode segui-las novamente.

— Mamãe, a moça está brilhando! — James bateu o pé e apontou mais uma vez, com seu rosto ficando ainda mais vermelho.

A mãe agarrou-o com firmeza pela mão:

— Basta, James! Diga obrigado e adeus para a moça.

— Mas mamãe, ela está brilhando! — gritou James teimosamente.

Kara pensei que os pulmões deles explodiriam. O que havia de errado com esse garoto? Com um olhar severo, sua mãe deu-lhe um puxão:

— Chega! Já ouvi o bastante. A babá está esperando. Vamos lá, James.

Kara observava em silêncio enquanto a mulher ignorava a birra do filho e o puxava com força. Durante todo o caminho pela rua, James se virava e apontava na direção de Kara, ainda dizendo em voz alta que ela estava brilhando. Ele viu claramente algo dentro dela que a mãe dele não percebera. O menino podia ver através de sua aparência mortal?

— Ele é um Sensitivo — disse David, como se lesse seus pensamentos. Ele parou ao lado dela e observou o menino com grande interesse. — É assim que geralmente começa.

Kara estudou o rosto dele:

— O que normalmente começa?

— A visão do sobrenatural. Primeiro, eles nos veem, os AGs em missão, como nossos verdadeiros eu. Radiantes, em nosso completo *esplendor*. — David endireitou-se e levantou seu queixo no ar dramaticamente. — Mas em breve ele vai ver os outros. E, então, a coisa ficará feia para ele.

— Os outros? — Kara não gostou de como ele dissera aquilo, mas ela já sabia a resposta.

— Demônios. Os Sensitivos têm o dom da visão. Eles nos veem, o que significa que veem os demônios também. Isso vai apavorá-lo. Pobre coitadinho -

espero que o grupo o encontre rapidamente. Quando isso não acontece, já ouvi dizer que alguns desses jovens enlouquecem. Ou pior, seus pais os trancam pensando que eles são loucos. Os Sensitivos são especiais – e extremamente raros.

Kara balançou a cabeça lentamente:

— Isso é horrível. Não consigo imaginar como deve ser ver essas coisas quando se é tão pequeno.

— Bem, torça para que o grupo o encontre logo. A mãe dele parece ser do tipo que o trancaria em um hospício. Ela não vai acreditar quando ele disser que ele vê monstros. Você viu a cara dela quando ele contou que você estava brilhando? Sim. Ela irá trancá-lo em algum lugar.

Kara viu James e sua mãe desaparecerem na esquina.

— Quanto tempo até que ele comece a ver demônios? — ela temia pelo menino. Os demônios se materializavam de todas as formas de feiura. Se Kara tinha medo deles, James ficaria apavorado.

— Em breve. Amanhã provavelmente. Vai ser uma bagunça total.

Algo a incomodava no fundo de sua mente:

— Espere um segundo? Onde está o guardião dele? O menino podia ter morrido se eu não o tivesse tirado do caminho a tempo. Esta era uma tarefa fácil, o AG dele deveria estar aqui.

— Eu ouvi Ariel falando mais cedo — David ergueu os olhos e abaixou a voz — Aparentemente, há uma escassez de AGs agora. Acho que perdemos mais anjos do que a Legião previra na guerra contra o Asmodeus. Não existem anjos suficientes para proteger todas as almas mortais. Até treinamos bastante novatos - milhares estarão vulneráveis. Não podemos salvar todos.

— Isso é horrível. Não tinha ideia. — Kara viu os mortais caminharem na rua, cuidando de seus negócios e ignorando os perigos à sua volta. Mas agora as chances eram pequenas de que os guardiões conseguissem prevenir as

tragédias mortais. Kara abaixou a cabeça e olhou para o chão.

David pegou a mão de Kara e apertou delicadamente:

— Kara, é melhor irmos. Não temos muito tempo.

Kara, me ajude...Estou com medo...

Kara saltou em surpresa. A voz estava mais alta dessa vez. Ela ouviu distintamente o pânico na voz. Ela deu meia volta no local, procurando freneticamente.

— Kara, o que houve? — David observava ansiosamente. — O que há de errado? Você está me assustando.

— Eu...Eu ouvi alguma coisa..... alguém me chamando agora. Mas eu ouvi isso antes, chamando meu nome, pouco antes do incidente com o menino.

David ergueu as sobrancelhas:

— Eu não ouvi nada... Veio de onde?

— De dentro da minha cabeça...

Kara parou. Uma jovem garota num vestido branco e com um grande laço vermelho estava a poucos metros de distância. Seu cabelo preto brilhava à luz do sol. Sua pele branca era quase translúcida e se mesclava estranhamente ao seu vestido. Kara reconheceu-a imediatamente.

Era exatamente a mesma garota que havia visto em frente à livraria.

Capítulo 4

Uma Caçada em Plena Tarde

Kara se aproximou da menina cuidadosamente e levantou as mãos em sinal de rendição:

— Ei, sou eu...Kara. A garota com quem você tem falado mentalmente.

O rosto da garota pálida era inexpressivo. Era como se ele estivesse paralisado, assim como o de uma boneca. Sua pele branca de porcelana destacava-se contra seus cabelos negros. Seu vestido branco balançava na brisa leve. Um reconhecimento passou por seus olhos escuros momentaneamente. Os lábios delas contorceram-se. De repente, ela se virou e fugiu na direção oposta.

— Não! Espere! Volte! — Kara foi atrás da garota em perseguição.

— Kara, pare! Pense no que Ariel disse! Kara!

Kara ignorou David e se lançou na rua. Ela correu num pânico louco. Seu íntimo dizia que a menina precisava de proteção. Sem jamais piscar, os olhos dela estavam colados no vestido branco. Ela não podia perdê-lo de vista.

— Com licença! Estou passando! Sai da frente! Desculpe! Cuidado! — Kara dizia ao grupo de mortais irritados que a xingava e cerrava os punhos.

— Eu pedi desculpas! — Ela gritou de volta, suprimindo uma risada.

O vestido branco apareceu alguns metros à frente. A garota corria em meio aos transeuntes, saltando facilmente sobre latas de lixo de metal a uma velocidade incrível. Uma garota mortal não podia correr tão rápido. Era óbvio que havia algo de sobrenatural nela. Não se admira que os demônios não a tivessem pego — ela havia sido agraciada com uma super velocidade. Kara estava contente. Ela aumentou a força do seu traje M-5 para apanhar a garota. Um fluxo de energia fluiu através dela, como uma onda quente. Com vigor renovado, ela percorreu todo o quarteirão.

As lojas pelas quais passava pareciam borrões em tons de marrom e vermelho. O cheiro de gás carbônico do escapamento dos carros chegava ao seu

nariz. Os mortais tentavam ao máximo sair de seu caminho quando ela passava por eles na rua. Mas alguns não tiveram tanta sorte e foram derrubados como pinos de boliche. Kara gritava pedindo desculpas às pessoas nas quais batia e continuava em sua caçada. O vestido branco vibrava na frente dela. Kara ouvia o som do tecido esvoaçando a cada movimento da garota. Ela estava quase ao seu alcance. A elemental estava a apenas quinze metros de distância.

Mas por que ela estava fugindo em primeiro lugar? Era como se Kara a assustasse. Mas como isso era possível? A garota havia procurado Kara em busca de ajuda. Não fazia nenhum sentido. Ela se lembrou da ligação familiar que sentiu na primeira vez em que viu a garota da janela da livraria. Tinha de ser a parte elemental. Isso é o que elas tinham em comum, uma energia sobrenatural compartilhada. Ela sabia que a menina podia sentir isso também. Será que era isso que a assustava?

A elemental virou abruptamente à esquerda e desapareceu na esquina, no final do quarteirão. Kara estava bem atrás dela. Ela girou em volta de um poste de metal e dobrou a esquina.

Multidões de mortais passavam por ela. Kara piscou várias vezes. A garota havia desaparecido.

Ela olhou por cima das cabeças na multidão. Nada. Kara abriu caminho através de um grupo de mortais, que gritaram para ela com raiva. Ela os ignorou e diminuiu sua velocidade para se tornar menos perceptível.

Ela olhou à sua volta e procurou a elemental. Aonde ela havia ido? Ela não podia ter desaparecido. Kara olhou pelas janelas tentando vislumbrar um vestido branco. Nada. A elemental podia estar em qualquer lugar, e levaria um dia inteiro para fazer uma busca em todo o quarteirão. Ela gemeu de frustração. Ela procurou freneticamente, de um lado a outro do quarteirão, em busca de espaços entre os prédios onde a garota poderia ter encontrado um esconderijo secreto. Nada. Ela havia perdido a elemental.

— Para onde ela foi? — David surgiu em sua vista, seguido por Peter e Jenny. — Você a alcançou? Quero dizer... ela estava bem ali na sua frente? Ela

simplesmente usou um truque desaparecimento?

Kara coçou a cabeça e caminhou no local:

— Eu sei. Eu sei. Eu não entendo. É como se ela tivesse desaparecido em pleno ar. Mas eu não entendo. Por que ela estava fugindo? É como se ela pensasse que eu quisesse machucá-la, mas por quê? Não entendo por que ela teria tanto medo de mim. Isso não faz nenhum sentido.

— Você não pode culpá-la por fugir — disse Jenny enquanto ajeitava sua aljava prateada nos ombros. — Ela está sozinha há muito tempo. Está confusa e atemorizada. Quem sabe o que a vem perseguindo todo esse tempo? Talvez ela pensasse que você fosse um demônio disfarçado.

— Espero que não. — Kara suspirou alto. — Eu só queria que ela visse que não quero machuca-la, que sou sua amiga. Mas ela só continua fugindo sem parar, como uma maldita máquina. Meu Deus, como ela é rápida. Eu tive de usar meu traje no limite só para conseguir acompanhá-la! Eu estava tão perto! — Kara gritou em frustração. — Eu tenho de encontrá-la antes que alguém o faça. Precisamos protegê-la.

— Bem, ela não pode estar longe. — Peter abriu a palma da mão. Uma pequena esfera vermelha do tamanho de uma bola de gude pairava sobre ela. Ele estendeu a mão para o edifício de pedra mais próximo. Uma luz inflamou-se de repente no interior da esfera. Ela ficou mais brilhante, iluminando a palma da mão de Peter em tons de vermelho. — Devemos procurar por todo o quarteirão. Ela tem que estar em um dos edifícios.

— Concordo com Peter — disse Jenny. Ela lançou seu olhar sobre os edifícios diante deles. — Tenho certeza de que ela está aqui em algum lugar. Ela deve estar escondida. A coitada provavelmente está apavorada.

Kara largou os braços. Ela não via nenhum sinal de um vestido branco pelas janelas do edifício:

— Espero que vocês estejam certos. Mas ela não pode continuar assim por muito tempo. Tanta velocidade deve estar drenando as forças dela. Ela vai se

cansar logo, e, então, será um alvo fácil para os demônios. Quanto mais foge de nós, mais energia ela gasta. Nós temos de encontrá-la... e logo.

— Não se preocupe com isso, nós a encontraremos antes deles — disse David com confiança. — Se não for hoje, amanhã. Eu prometo.

— Não. — Kara balançou a cabeça. — Amanhã será tarde demais. Se não a encontramos hoje, ela estará perdida para nós. Aconteça o que acontecer, não podemos partir até encontrá-la. E *tem* de ser hoje. — Kara tentou afastar o pânico de sua mente. Ela precisava se concentrar. A segurança da elemental dependia disso.

Um grupo de garotos adolescentes se aproximou. Eles passaram, interrompendo a conversa deles por um momento. Eles tinham o peito estufado como pavões orgulhosos, e Kara se lembrou de uma das bandas masculinas de Pop que costumava ouvir: seus membros eram bonitos e sempre vestiam as melhores roupas. Um adolescente bonito com cabelo preto e olhos cinzentos sorriu-lhe ao passar por ela. Envergonhada, Kara desviou o olhar, esperando que David não visse. Ela pressionou seus lábios para impedir-se de sorrir de volta. Ela se recusou a olhar para David, só por garantia.

Kara esperou até que os garotos estivessem longe do alcance de sua voz:

— Pessoal. Não acho que haja algo de sombrio nessa elemental.

David virou-se e andou em direção à Kara:

— O que quer dizer? — Ele tombou a cabeça para o lado.

— Bem, acho que os batedores estavam errados sobre ela. Acho que a Legião inteira está errada sobre ela, assim como estavam sobre mim. A escuridão da qual Ariel estava falando não está na elemental.

— Mas como você pode saber? — Jenny inclinou-se para mais perto. — Você nunca chegou perto o suficiente. Como sabe que ela não está *rodeada* pelo mal, como eles disseram?

— Porque eu a senti... mais ou menos. É difícil explicar. Eu senti a *presença* dela, e não havia nenhum mal nela. Qualquer mal que os batedores sentiram, acho que é porque ela estava cercada por demônios. Acho que isso é o que eles sentiram. A aura maligna dos demônios... mas não dela. Ela não é má. Ela é só uma inocente garota mortal que provavelmente está morrendo de medo.

— Elementais não são a minha especialidade — disse David. — Mas não vejo como os batedores possam estar errados sobre algo assim. Além disso, na minha experiência com a Legião, os Batedores *nunca* estão errados. Ariel disse que esse era um caso especial. Eu sei que você sente a necessidade de protegê-la — eu vejo nos seus olhos — e tenho certeza de que sei por que você se sente assim. Mas temos de ter cuidado, Kara. Há algo maligno espreitando ao redor dela. Temos de confiar no que a Legião nos disse.

— Eles estão errados! Eu sei. — Kara se irritou com a relutância de David em acreditar nela. Ela sabia que ele não poderia entender, afinal ele não era um elemental, mas ela ao menos esperava que seus amigos acreditassem nela, por mais improvável que tudo aquilo fosse. Mas ela estava errada. Kara suspirou em frustração.

David se mexeu desconfortavelmente:

— Escute, Kara. Não se zangue comigo. Estou tentando fazer você entender que há uma chance de haver algo perigoso com relação a essa elemental. Só não sei se você compreende os riscos.

— Eu entendo. — a voz de Kara se ergueu com sua raiva. — Eu entendo tudo. E estou dizendo que não há nenhum *mal* nela. Eu sei, eu senti isso. Se você não acredita em mim, tudo bem. Mas ainda vou atrás dela. E vou provar para você.

— Kara, não acha que está sendo pouco sensata? — disse David, com certa severidade em sua voz.

— É isso o que você pensa? Depois de tudo o que aconteceu, você acha que estou sendo pouco sensata? — Kara rangeu os dentes em frustração.

David não respondeu. Ele apenas observou Kara com olhos solenes. Kara olhou para David. Eles ficaram olhando um ao outro. Depois de um tempo, Kara sentiu-se confusa a respeito de onde vinha toda a sua raiva. Uma onda de vergonha caiu sobre ela, e ela desviou o olhar. Não era de David que ela estava com raiva. Ela sabia que ele estava tentando fazê-la pensar com a razão. Ela se sentiu mal por sua atitude, mas o dano já estava feito. Quando ela se voltou para desculpar-se com David, ele já estava caminhando em direção a Peter. Kara deu de ombros e chutou uma pedrinha com sua bota.

— Ei, pessoal! Acho que encontrei algo. — Peter apoiou-se num edifício marrom. Ele estendeu a mão com a esfera brilhante. — Definitivamente, há algo aqui, estão vendo? Viram como a luz mudou? Acho que vocês devem verificar. Acredito que ela esteja lá dentro.

Uma porta abriu-se com um estrondo. Uma garota em um vestido branco passou por Peter e o derrubou. A elemental correu até a rua com uma velocidade inacreditável. O laço vermelho esvoaçava atrás dela ao cruzar o quarteirão.

Demorou alguns segundos para o grupo reagir. David partiu em caça da elemental. Kara correu até Peter, segurou-o pelo braço e o ajudou a se colocar de pé.

— Por favor, não conte a ninguém que eu fui atropelado por uma garota. — seu rosto estava cheio de humilhação.

Ele tateou o chão a procura de seus óculos, encontrou-o e ajeitou-o no nariz. Kara se esforçou para não rir. Todos sabiam que Peter não era um lutador muito bom:

— Não vou contar. Prometo. Mas não se sinta mal. Ela não é uma garota comum.

Peter forçou um sorriso e guardou o orbe no bolso:

— Comum ou não, ainda temos de alcançá-la. — ele saiu correndo na direção por onde David havia desaparecido.

Kara começou a correr, mas logo parou. Ela olhou para trás:

— Jenny, você vem? — Jenny estava imóvel e virada para a direção oposta.

Ela estava olhando diretamente para o grupo de adolescentes que passara por eles mais cedo. Quando se aproximou, Kara percebeu que Jenny estava com especial atenção voltada para o jovem com cabelo preto que lhe sorrira momentos antes. O olhar de dor no rosto de Jenny causou um aperto no peito de Kara.

— Jenny, você está bem? — chamou Kara suavemente:

— Quem é ele? É alguém que você conhecia... antes?

Jenny pulou de susto:

— Hã? Ah... não. Eu...Eu estava apenas olhando, só isso. Eu pensei ter visto algo. Acho que me enganei. Onde estão os outros? — pelo estremecimento na voz dela, Kara soube imediatamente que ela estava mentindo.

Kara estudou o rosto da sua amiga por um instante. Jenny era uma amiga de verdade. Ela nunca havia traído ou mentido para ela antes, o que tornava aquilo ainda mais intrigante. Quem era aquele garoto misterioso com os olhos cinzentos? E por que Jenny havia ficado tão triste ao vê-lo? Kara sentiu que Jenny não estava pronta para contar. Ela não gostava de ver a amiga sofrer. Quem quer que fosse, Kara decidiu que iria chegar ao fundo da questão mais tarde.

— Eles foram atrás da elemental — respondeu Kara depois de um minuto. — Melhor irmos agora se quisermos alcançá-los.

— Certo. Vamos. — Jenny passou por Kara. — Por qual caminho?

— Por aqui.

Kara liderou o caminho. Ela correu pelo quarteirão e avistou de relance as costas de Peter. Os transeuntes saíam do caminho deles à medida que elas

cortavam a rua como duas lunáticas. Kara podia ouvir os pés de Jenny batendo no asfalto ruidosamente atrás dela. Um vento bateu em seu rosto. Ela piscou em meios a longos fios de cabelo. Peter correu para o quarteirão seguinte e desapareceu atrás de uma loja de conveniência. Para alguém tão pequeno, suas pernas se moviam anormalmente rápido. Kara e Jenny estavam logo atrás dele.

Um utilitário esportivo preto vinha diretamente em direção a eles.

Ativando seus trajes M-5, Kara e Jenny saltaram facilmente sobre o capô do utilitário. A mão esquerda de Kara bateu no retrovisor, e ela ouviu um estalo. Elas pousaram sem esforço do outro lado, sem perder seu impulso. Com um enorme estrondo, o utilitário colidiu com um carro estacionado e parou.

Elas seguiram Peter por um beco com grafites enormes de músicos de jazz com homens e mulheres dançando. O cheiro de peixe podre encheu o ar e os olhos de Kara arderam. Quando o beco terminou, as meninas encontraram-se em outra rua. Elas abriram caminho em ziguezague em torno da massa de mortais em movimento, tentando não derrubar ninguém mais além do absolutamente necessário. Kara finalmente avistou David correndo pelo quarteirão a poucos metros de distância. Ela vislumbrou um tecido branco alguns passos à frente dele, desaparecendo novamente em meio à onda de humanos. Kara dobrou o quarteirão.

Outro utilitário preto veio em direção a ela.

Os pneus cantaram, e o veículo tomou impulso selvagemmente em direção a ela. Kara tentou sair do caminho. Suas pernas bateram no parachoque dianteiro, com um estalido. Ela foi lançada no ar e bateu no chão com força. O veículo fez uma manobra brusca e parou de frente para ela. Os faróis piscaram uma vez.

— Cuidado! — Kara gritou irritada para a sombra de um motorista por trás do vidro fumê. Ela percebeu que o utilitário foi conduzido para a direção oposta, para uma rua de sentido único.

— Kara, vamos lá! — Jenny a ajudou a colocar-se de pé e a levou consigo correndo.

Aliviada com o fato de que suas pernas funcionavam muito bem, Kara ignorou os olhares das muitas testemunhas. Se estivessem tentando ser discretas nessa missão, elas falhariam miseravelmente.

— Eu estou bem, sério — Kara gritou para os rostos preocupados. — Estou vestindo um traje protegido!

Kara correu atrás de Jenny a toda velocidade. Seu único foco agora estava na elemental. Ela não tinha tempo para os motoristas desajeitados. Logo, Peter e David puderam ser vistos. Eles correram até o próximo quarteirão e desapareceram no beco entre um prédio muito velho com janelas e portas fechadas com tábuas. Um prédio de tijolos pintado de rosa guardava a entrada do beco, trazendo um letreiro de néon que piscava os dizeres *Lavanderia da Loulou* preso a um painel gigante de madeira, em formato de coração. Kara e Jenny entraram no lugar logo após Peter.

Altos edifícios de pedra surgiam indistintamente de ambos os lados, projetando sombras longas e deixando a maior parte do beco na escuridão. Uma fraca luz penetrava através de pequenas fissuras no topo. Poças negras cobriam o chão. O ar estava quente e parado, e Kara identificou um odor subjacente com mau cheiro de carne podre. Um bando de moscas zunia em volta de grandes latas de lixo e seu conteúdo entornava no chão. O tráfego estava agitado atrás dela.

A elemental chegou ao fim do beco, que estava bloqueado por um grande edifício de tijolos cinza. Ela se virou e encarou seus perseguidores. Ela não tinha outro lugar para onde correr.

David se virou e compartilhou um olhar preocupado com Kara. Ela passou por ele e levantou as mãos em sinal de rendição.

— Não tenha medo. Não estamos aqui para machucar você. Nós só queremos ajudar. Eu prometo. — Kara caminhou lentamente em direção à menina, com as mãos para cima. Ela tentou parecer o mais inocente possível e sorriu com ternura. Ela tentou imitar aquela voz suave e carinhosa que sua mãe

usada sempre que ela ficava doente. — Por favor, eu só quero ajudá-la.

A garota elemental a observava com olhos sombrios. O rosto dela se mostrava sem expressão. Ela não movia um músculo sequer. Kara achou estranho o fato de o peito dela não se mexer. Ela deveria estar ofegante depois de toda aquela correria. Era como se ela estivesse paralisada. Ela nem ao menos piscava.

— Eu sou um anjo — continuou Kara — assim como os meus amigos aqui. Eu sei que você pode enxergar através dos nossos trajes mortais. E acho que é por isso que você fugiu. Você tem medo. E entendo. Mas nós somos seus amigos. Então, não precisa mais ter medo. Nós sabemos quem você é. Sabemos que você é especial, assim como nós. Nós queremos ajudá-la. *Eu* quero ajudá-lo. Deixa-me ser sua amiga. Você pode me dizer seu nome? — Kara deu um passo adiante.

A elemental deu um passo para trás. Seus olhos estavam fixos em Kara, vigiando cada movimento dela.

— Por favor — Kara se suplicou — Sou eu, Kara. Eu sei que foi você quem falou comigo antes. Você pediu minha ajuda. Agora estou aqui.

Ela observou o rosto da menina em busca de qualquer sinal de reconhecimento.

— Por favor, deixe-me ajudá-la. Eu só quero ser sua amiga. Eu sei o quanto você está assustada. Deixe-me ajudá-la. — Kara apertou as mãos contra o peito. Devagar, ela deu mais um passo à frente.

Um cantar ensurdecedor de pneus eclodiu no ar quando dois utilitários pretos roncaram no beco atrás deles. Kara, desviou os olhos dos faróis fortes. Ela piscou para limpar os borrões da sua vista. Quando recobrou a visão, ela viu os veículos com exterior preto brilhante, acabamento cromado e janelas fumê impenetráveis. Eles eram da mesma marca que ela havia visto anteriormente. Um utilitário preto até podia ser acidente, mas dois idênticos era, de fato, uma mensagem.

As portas dos veículos foram abertas e um grupo de dez homens parecendo loucos saíram do interior. Longos casacos de couro preto bateram em seus calcanhares quando eles se posicionaram em frente aos utilitários. Uma luz suave se refletida na careca deles, e Kara podia ver as tatuagens tribais pretas que cobriam a maior parte de seu couro cabeludo. Seus rostos estavam cobertos de pó branco, o que destacava ainda mais o contorno de kohl preto dos olhos deles. Kara se lembrou dos antigos hieróglifos egípcios que ela havia visto nas revistas do National Geographic na livraria. Para seu horror, pares de olhos também estavam tatuados na parte de trás das cabeças deles. Os olhos os observavam com maldade, sempre à espreita.

David e Jenny se afastaram lentamente e se juntaram à Kara. Eles formaram uma linha defensiva. Do canto do olho, Kara viu David colocar a mão no casaco e puxar uma lâmina da alma. A lâmina prateada brilhou em meio à iluminação lúgubre do local. Kara vasculhou seu casaco e puxou uma de suas lâminas. Ela a segurou bem firme com sua mão. Jenny levantou seu arco e encaixou uma flecha, mirando nos estranhos sinistros. Peter se encolheu nas sombras e deu seu melhor para tornar-se invisível.

O maior dos homens deu alguns passos à frente. A pisada de suas enormes botas ecoou em torno deles:

— Bem, bem, bem. O que temos aqui, rapazes? — disse ele com uma voz gutural. Um sorriso perverso contorceu-se em seus lábios e revelou suas fileiras de dentes podres. — Quatro anjinhos perderam o rumo...

Capítulo 5

Seirs

Kara franziu o cenho e olhou para David. Os olhos dele estavam colados nos homens. Ele cerrou a mandíbula, e sua lâmina tremia em seu punho apertado.

— Não deveria ser permitido que os anjos vagassem na minha cidade sem a *minha* permissão — riu o homem, com uma profunda voz ameaçadora. Ele moveu sua mão. Uma lâmina negra deslizou para baixo, sob a manga da sua jaqueta de couro, até o pulso. Vapores negros emanavam em volta do seu braço. Ele apertou a lâmina na mão e a levantou para limpar os dentes. Kara imediatamente reconheceu a lâmina da morte:

— Não matei nenhum anjo por estas bandas ultimamente. Pode me dizer o que está fazendo aqui? Na *minha* cidade?

O poder elemental de Kara despertou com a ameaça. Ele se inflamou até o limite do seu âmagô e, em seguida, acalmou-se, à espera. Com certeza, aqueles eram homens mortais. Mas como eles podiam ter lâminas da morte em sua posse? Kara olhou para eles. O fedor deles chegou ao seu nariz. Ela podia sentir que não eram demônios, mas por que cheiravam como tais? Quais eram eles?

— Eles são chamados de seirs — sussurrou David, como se lesse a mente dela. — Já ouvi sobre eles antes, mas eu pensei que fossem apenas um mito. Não achei que esses psicopatas existiam de verdade.

Kara mantinha os olhos no homem malicioso:

— Seirs — ela repetiu, mantendo sua voz baixa para que apenas David pudesse ouvir. — Então, o que eles são? Tenho certeza de que são mortais, mas... parecem malignos.

— Eles são vis. Eles são um grupo da pior espécie de homens mortais, ímpios e mortais. Eles nasceram sensitivos... mas escolheram um caminho diferente – um caminho muito negro. Os seirs trabalham ao lado dos demônios, eles juraram lealdade ao mundo dos mortos.

Kara não podia entender por que algum mortal escolheria ficar do lado dos demônios. Isso não fazia sentido para ela. Tinha de haver outra explicação. Os demônios matavam os mortais em busca de suas almas e as comia por diversão. Um dos seirs virou de costas e sussurrou algo no ouvido do líder. Kara estremeceu com a visão dos olhos tatuados na parte de trás da cabeça. Eles olhavam para ela.

— Odeia ter de falar duas vezes — disse o homem, com raiva ressoando em sua voz. Um sorriso perverso se abriu sem eu rosto e ele lambeu os lábios. — A coisa não vai acabar bem para você, anjos.

— O que aconteceu com todo o amor? A última vez em que verifiquei, esta cidade pertencia a todos... não a um palhaço de cara pintada — David desafiou, retornando com um sorriso calmo.

A face do homem se distorceu, criando centenas de pequenas rugas ao redor de seu rosto branco:

— Quer impressionar as meninas com sua coragem, rapaz? Vocês anjos são demais – sempre se exibindo por aí com uma falsa sensação de bravata. Nunca entendi por que os anjos acreditam estar acima de todas as outras criaturas. Eu tenho novidades para vocês. Vocês não estão. E eu vou gostar de cortar o seu rosto, garotinho. — Ele levantou sua lâmina e a girou ao redor de sua mão, como um bastão.

— Não antes de eu adicionar algumas cores necessárias a você, *palhaço* — David ameaçou e sorriu.

Os seirs se separaram e cercaram o utilitário. Os casacos de couro preto caíam sobre eles como capas líquidas. O barulho de suas pesadas botas cortava o silêncio tenebroso. O cheiro de carne podre queimava o nariz de Kara. Eles traziam em suas mãos lâminas da morte. Todos tinham mais de 1,80 de altura e ultrapassavam Kara e os outros facilmente. Seus músculos espessos apareciam debaixo de suas roupas pretas.

Kara olhou atrás. Ela estremeceu. A elemental havia ido embora.

— David... ela se foi.

Jenny gritou. Ela pôs as mãos na barriga e caiu de joelhos. Seu arco no chão a seus pés. Uma lâmina da morte projetava-se do estômago dela. Uma névoa negra subiu ao redor da lâmina e envolveu o rosto dela. O riso perverso dos seirs soou ao redor de todos, e um deles estava diante de Jenny, com um olhar satisfeito no rosto.

Kara saltou em auxílio de Jenny. A lâmina queimou a carne e o osso da mão de seu traje M quando ela puxou o punhal negro e o jogou fora. Em seguida, Kara puxou o seir pelo casaco e o fez encará-la. Ela o chutou com força no estômago. O homem tropeçou para trás e riu. A raiva de Kara ardia. Com a lâmina na mão, ela atirou-se ao pescoço dele, mas cortou o ar em vez disso. O seir havia se desviado facilmente para o lado. O riso ecoou em seus ouvidos. Kara perdeu-se em raiva, o que desencadeou sua fúria. Ela virou-se e empunhou sua espada.

— Pare, Kara! — David pegou o braço de Kara no ar e o forçou a descer.

Com ódio ainda nos olhos, ela puxou o braço, soltando-se das mãos dele:

— O que você quer dizer com *pare*? Ele tentou matar a Jenny! Eles são loucos. Nós temos de detê-los! Eles têm lâminas da morte! Eles querem nos matar!

Jenny cambaleou tentando colocar-se de pé, apertando o estômago. Seu arco tremia em suas mãos.

— Você não entende. Eu devia ter dito a você. Nós não podemos *feri-los*. — O rosto de David era uma mistura de raiva e incerteza. Ele olhou para os homens e, então, voltou seu olhar para Kara. Seu corpo tremia, e ela podia sentir que ele estava lutando para se conter.

Kara lançou suas mãos no ar:

— O quê? Está falando sério? Quem disse que nós não podemos? Estes

são homens maus, assassinos com a intenção de nos matar. Você o ouviu. Ele quer matar você! — uma harmonia de escárnios doentios levantou-se no ar. Os seirs estavam se divertindo.

David colocou uma mão no braço dela:

— Não podemos machucar os mortais. Nem mesmo o pior deles — disse David. — Não podemos tocar neles ou machucá-los... jamais.

Kara olhou para ele com frustração. Ela balançou a cabeça como uma criança teimosa e tentou recolher-se:

— Mas... isso não pode ser verdade. Certamente existem exceções às regras... estes homens tentaram matar a Jenny. E quanto à legítima defesa? Essas regras não se aplicam aqui também?

— Você deveria ouvir o rapaz. O que ele diz é verdade. — o líder dos seirs sorriu largamente. Ele correu a mão sobre sua cabeça calva. — Você jurou proteger *todos* os mortais. E isso nos inclui. Se você nos ferir... também se ferirá.

— Se matarmos um mortal — interrompeu Peter suavemente, com um olhar de terror. — Nossa essência angelical morre. Esse é um detalhe no contrato dos anjos da guarda que selamos pelo juramento que fizemos no nosso primeiro dia na Orientação. A estrela em nossas testas, lembra? — Ele apontou para a testa e cruzou os braços.

Kara pressionou seu dedo indicador na testa. Ela se lembrou do qual empolgada havia ficado quando o oráculo a marcou com uma estrela. Ela realmente não sabia, na época, quais eram as implicações disso. Ela ainda estava confusa sobre o significado. Ela abaixou a mão e cerrou os dentes.

— Tudo bem — disse Kara irritadamente. Ela ainda empunhava sua lâmina. — Eu acredito no que os meus amigos me dizem. Não encostarei a mão em você, mesmo que isso esteja me matando, pois tudo o eu quero é arrancar suas cabeças feias. Então, saiam do nosso caminho e nós sairemos do seu.

O líder dos seirs levantou os braços no ar. Seu casaco elevou-se como

asas gigantes de morcego:

— Mas vocês estão no *nosso* caminho. Perambular pela minha cidade sem a minha permissão tem um preço. Não posso deixá-los ir embora, meus anjinhos. Você precisam sofrer as consequências de seu pequeno passeio.

Kara olhou para eles. Ela já estava cheia dessas aberrações:

— Parem de brincar com a gente. Não temos tempo para isso. Sairemos agora.

— Acho que não.

Os seirs avançaram subitamente. Dois ao mesmo tempo foram até Kara. Eles brandiam suas lâminas habilmente e cortaram a carne de seu traje M. Kara gritou de dor quando o fogo líquido do veneno da lâmina da morte abriu caminho através de seu corpo. Ela recuou e tentou evitar ser cortada. Ela tropeçou e caiu no chão bem quando uma lâmina da morte acertaria sua cabeça um segundo antes. Ela rolou e saltou, ficando de pé. Outro golpe. Desta vez, Kara perdeu um pedaço da sua coxa. Uma luz saiu da sua ferida. Ela cerrou a mandíbula e ignorou a dor. Kara tentou desesperadamente se afastar, mas os homens eram muito rápidos.

Ela não podia revidar por medo de feri-los. Eles não eram meros mortais. Eles lutavam como combatentes com anos de experiência em combates. Eles saltavam e percorriam facilmente as paredes, com seus casacos longos voando no ar como asas. Eles atacavam com precisão e graça, como ninjas infernais. Eles eram extremamente rápidos, e Kara se perguntava como mortais podiam lutar tão bem contra os anjos. Ela pensou em chamar seu poder elemental, mas isso poderia ser desastroso contra os mortais. Se o que seus amigos lhe disseram fosse verdade, usar seu poder elemental contra eles certamente acabaria a matando no processo. Eles estavam perdendo esta batalha. As probabilidades não estavam a seu favor.

Batidas e gemidos ecoaram à volta deles. Ela teve vislumbres de seus amigos evitando golpes e bloqueando os ataques mortais. Jenny de repente ficou

bloqueada em um canto, com seus olhos verdes arregalados de medo. Seu arco estava munido com uma flecha, mas ela nunca o usou.

Kara reconheceu o grito de Peter. Ela conseguiu ficar momentaneamente livre e mancou ao auxílio de Peter. Ele estava deitado no chão, em posição fetal, com os braços em volta do estômago. Ela ajoelhou-se sobre ele, de forma protetora. Punhos voaram e Kara foi atingida fortemente na têmpora. Ela caiu em cima de Peter. Sua cabeça latejava. Um veneno jorrava na lateral de sua cabeça.

— Já chega — uma voz cruel chamou, silenciando os sons da batalha instantaneamente. — Vocês já se divertiram. Não queremos que eles fiquem feridos demais, não ainda. Capturem-nos. Estamos de partida.

Mãos fortes arrancaram Kara pelos pés. Sua visão ficou turva, e ela se esforçou para ver seus companheiros. A sombra de Jenny apareceu ao seu lado. A cabeça dela pendia sobre o peito. Dois seirs com rostos brancos estavam diante dela. Eles a ameaçaram e lhe deram uma forte bofetada na cara. Jenny olhou para cima. Ela manteve os olhos em Kara por um momento antes de deixar a cabeça cair de novo. Isso foi o suficiente para Kara ver o terror e a dor nos olhos dela. Pés se embaralharam atrás dela. Dois seirs arrastaram David e Peter para junto dela. Kara notou que Peter parecia estar melhor. Ela suspirou de alívio. Os anjos ficaram em silêncio e esperaram.

— Amarre as mãos deles e vendem seus olhos — disse o líder.

Os braços de Kara foram puxados para trás com força. Uma queimadura inflamou seus pulsos. Alguém havia puxado seus braços vigorosamente, e algum tipo de fio havia sido amarrado firmemente em torno de seus pulsos. Ela lutou contra suas algemas, mas não adiantou. O material era inquebrável, até mesmo para ela.

— Estamos ferrados... — disse David. Um seir colocou um pedaço de pano preto sobre os olhos dele, amarrando-o firmemente atrás de cabeça com uma sacudida. — Cegos e totalmente ferrados. Era para eu estar me divertindo. — Ele tombou a cabeça para a frente. — A propósito, meu amigo, seu hálito

fede. É desagradável. Eu lhe dariam uma bala de hortelã... mas minhas mãos estão atadas. — David sorriu e foi recompensado com um forte soco no rosto. — Ai. Eu sabia que você gostava de violência.

Encontrando alguma força interior, Jenny chutava e batia desesperadamente em seus algozes:

— Fiquem longe de mim, suas bestas!

Eles finalmente a encurralaram e deram uma joelhada em suas costas. Jenny gritou. Depois que ela parou de revidar, eles amarraram seus pulsos, a colocaram de pé e puseram uma venda em torno de seus olhos. Ela rangeu os dentes selvagememente, a centímetros dos dedos deles.

A cabeça de Peter foi puxada com força para trás quando um seir o vendou.

— Há coisas piores do que o escuro, pequeno anjo — zombou o seir, com uma profunda voz grossa. Depois de terminar, ele bateu Peter na cabeça com a alça de sua lâmina da morte. Peter gemeu. O seir riu, e Kara o viu entrar na traseira de um dos utilitários.

Jenny cutucou contra ele:

— Estou aqui, Peter, não se preocupe. Tudo vai ficar bem. Nós vamos descobrir uma maneira de sair dessa confusão.

Kara firmou seu corpo quando um seir a vendou. Uma onda gelada de pânico a percorreu. O seir apertou a venda firmemente em torno de sua cabeça. Kara não podia nem piscar se quisesse. Seus olhos estavam abertos. Ela olhava para a escuridão. Era como abrir os olhos no meio da noite, enquanto você esperava seus olhos se adaptarem à escuridão. Só que, desta vez, a escuridão se mantinha. O pânico foi logo substituído pela raiva. Uma energia selvagem crescia dentro dela, e ela lutou para controlá-la. Ela procurou por uma calma que não veio.

— Aonde estão nos levando? — sussurrou Kara.

Ela continuou lutando e tentando se libertar de suas amarras, mas era impossível. Ela não suportava ser algemada. Suas mãos começaram a tremer. Não enxergar era um milhão de vezes pior do que ela jamais poderia imaginar. Era como ser um animal engaiolado.

— Você sabe que vai pagar por isso. Tenho certeza de que sequestrar anjos é um crime capital... não importa a qual mestre você sirva.

Um motor foi ligado. Pneus esmaram cascalho e vidro contra o concreto. Uma porta foi aberta e o som de pesadas botas ecoou em torno deles.

— Coloquem-nos lá dentro — ordenou a voz do líder.

Mãos fortes agarraram Kara. Ela foi arrastada pela distância de alguns passos e, depois, seu corpo foi levantado do chão. Ela foi atirada no utilitário com força. Sua cabeça bateu em algo duro, e ela foi pressionada contra uma superfície dura. Outro peso a esmagava.

— Desculpe, Kara — disse David. Ela sentiu-o rolar lado, saindo de cima dela. O corpo dele roçou contra o dela.

— Como sabia que era eu? — Kara ouviu um baque e reconheceu o gemido de raiva da Jenny e algumas palavras de xingamento que deixaria qualquer técnico de futebol orgulhoso.

—Eu senti o seu perfume. — Mesmo na escuridão, Kara sabia que David estava sorrindo. Ela ficou furiosa.

— Eu não uso perfume — disse Kara irritada.

— Então, eu devo ter reconhecido o seu cheiro natural em geral. — Kara levantou a perna e o chutou de lado.

Ela tentou se soltar novamente, mas o que a prendia apenas apertou mais ainda seus pulsos. Ela cerrou os dentes de dor. Exasperada, Kara deixou sua cabeça tombar sobre uma superfície dura:

— Não acredito que isso esteja acontecendo! Nós deveríamos estar

perseguido a elemental. Como é que vamos encontrá-la agora? Nós estamos sendo sequestrados!

Uma bota bateu no rosto de Kara:

— Ei! Cuidado.

— Desculpe — disse Peter. Ele se esforçou para se virar e pisar todo mundo no processo. Ela tinha certeza de que o ouvira dar uma risadinha.

As portas se fecharam em volta deles. O utilitário balançou quando os seirs subiram nele. Os anjos haviam sido empilhados firmemente como uma lata de sardinhas. Kara sabia que eles não estavam num banco traseiro macio, mas espremidos no porta malas do veículo, como sacos de cadáveres, uma cortesia da máfia local. Com um clique, as portas foram trancadas. Ela levantou a perna e deu um pontapé na porta. Ela nem se moveu. O corpo de Kara estava preso firmemente entre a lateral do utilitário e David. E ela tinha certeza de que ele estava gostando desta parte.

Com um solavanco repentino, o utilitário começou a andar. O motor roncou e os pneus cantaram quando eles partiram. O corpo de Kara foi arremessado para frente com o impulso do carro. O veículo fez uma curva acentuada, e todo mundo foi jogado em cima de Kara. Depois de todos se desculparem e saírem, o utilitário virou mais duas vezes e andou constantemente por cerca de vinte minutos.

O som de outros veículos passava por eles. Kara estava ficando impaciente:

— Alguém alguma vez já ouviu falar de anjos sendo sequestrados por um bando de mortais seriamente perturbados antes?

— Nunca ouvi falar de palhaços sequestrando anjos antes — respondeu David. — Isso é novidade para mim. Talvez nos levem ao circo. Pode ser divertido. Nunca fui ao circo antes.

— Eu ouvi dizer que eles atacaram alguns sensitivos e mortais —

murmurou Peter de sua posição entre David e Jenny. — Mas isso foi há mais de um século. Não acho que a Legião esteja ciente do que está acontecendo. Acho que se esqueceram do seirs.

Kara não gostou do som disso. Claramente, os seirs eram conhecidos no Horizonte, caso contrário, David e Peter não teriam ouvido falar neles. Mas o fato de que a Legião pudesse ter se esquecido deles durante todo esse tempo deixava Kara mais na dúvida. Este era um território novo. Eles encontravam-se com um velho e mortal inimigo que não podiam combater. Como saíam dessa confusão, se eles mesmo não podiam revidar? Será que eles simplesmente deveriam deixar que os seirs os matassem? Isso seria loucura. Tinha de haver uma maneira de contornar as regras.

O grupo de repente foi arremessado para a frente. O barulho do freio abafou todos os outros sons de motor em volta deles. O utilitário parou de se mover. Kara ouviu o som de portas sendo abertas e fechadas, além do murmúrio de vozes. Depois, veio o *tec, tec, tec* de algum tipo de dispositivo mecânico lento, como o raspar de um metal sobre rodas.

Com um estalo, o porta malas foi destrancado. Mãos agarraram Kara e ela foi retirada do veículo e deixada sozinha de pé. Ela sentiu a presença dos outros ao seu redor e ouviu David pronunciando alguns xingamentos com raiva. Depois que ele terminou, ela se concentrou em sua audição. Ela reconheceu o ruído das luzes de néon e o ronco suave do tráfego. O som estava abafado, como se viesse por trás de uma parede. O ar estava viciado, com um toque de mofo; ela soube que deviam estar dentro de algum prédio. Ela tentou perceber mais detalhes, mas o som de passos pesados e de conversas balbuciadas atrapalhou todo o resto. Onde eles estariam? Até o momento, suas almas estavam ainda intactas. Como os seirs tinham lâminas da morte, as coisas poderiam ter ficado muito piores. Por que os seirs os haviam raptado e levado até ali?

A cabeça de Kara foi puxada para trás quando a venda foi arrancada de seus olhos. Uma luz intensa a atingiu, e ela precisou desviar o olhar. Ela piscou várias vezes, tentando acostumar sua visão. Depois de um tempo, sua visão clareou à medida que seus olhos se acostumavam com a iluminação.

Eles estavam em um grande armazém cheio de caixas de madeira e grandes recipientes de metal que ela havia visto antes em trens de carga. Longas luminárias ovais pendiam de um teto incrivelmente alto. Janelas altas de vidro se estendiam pelo edifício; sua sujeira marrom e preta mal permitia que alguma luz entrasse. Uma ferrugem marrom manchava as paredes de metal como uma doença comedora de carne.

O som suave de sapatos chegou aos seus ouvidos. Kara ergueu os olhos. Uma figura se aproximou deles. Era pequena, quase infantil...

Os cabelos de Kara se arrepiaram e seu queixo caiu. Um vestido branco balançava, vindo em sua direção.

Kara olhou fixamente para os olhos escuros da garota elemental.

Capítulo 6

Lilith

— Mas o que...? — disse David, cortando o silêncio assustador.

Kara examinou a garota à medida que ela se aproximou deles. Ela parecia uma menina de doze anos de idade, exceto pelo aspecto antigo do vestido que ela usava. Seus cabelos negros balançavam com o sombras. Ela usava meias brancas até o joelho e um par de sapatos pretos lustrosos. Com seu queixo erguido, ela moveu-se elegantemente em direção a eles, como se andasse numa passarela. Pela primeira vez, Kara notou um sorriso disfarçado nos lábios carnudos da garota. O brilho inconfundível em seus olhos negros causou um calafrio em Kara. Isso era divertido para ela, como um jogo doentio no qual o objetivo era torturar anjos. O horror da situação pesou sobre ela. A Legião estava certa, e ela estava errada. Ela havia sido egoísta e tola novamente, pensando que sabia melhor do que todos. Kara curvou as mãos atrás das costas e olhou para a garota. Ela não se deixaria enganar duas vezes.

O líder dos seirs empurrou Kara rudemente para frente:

— Mestra, onde quer que os coloquemos?

Mestra? Kara tropeçou para a frente. Por que os seirs estavam recebendo ordens de uma garotinha? Kara olhou para David de soslaio e notou que o rosto dele estava fechado em uma carranca mortal.

— Obrigada, Ranab. Deixe-os onde estão — ordenou com voz suave. Ao mesmo tempo, os seirs se afastaram de Kara e dos outros. Apenas o líder deles permaneceu onde estava.

— Como desejar, mestra. — Ranab deu um aceno de cabeça e endireitou as costas.

Com uma carranca suspeita no rosto, Kara compartilhou outro olhar com David:

— O que está acontecendo? Por que eles a obedecem? — ela sussurrou.

David deu de ombros:

— Talvez esses palhaços gostem de receber ordens de garotinhas.

A carranca de Kara se ficou ainda maior:

— Você acha que ela lhes paga de alguma forma para fazerem isso?
Como um trabalho? Isso não faz nenhum sentido.

— Talvez. — David riu um pouco. — Ela parece ter saído da classe alta.

Kara viu a elemental caminhar lentamente em direção a eles. Ela baixou a voz um pouco mais:

— De qualquer forma - isso não faz muito sentido. Ela devia estar do nosso lado. O que ela quer de nós?

— Talvez a garotinha louca queira brincar de bonecas com anjos de verdade. — David olhou furiosamente para ela.

— Eu tenho um mau pressentimento sobre isso — sussurrou Peter.

O rosto dele tinha uma cor cinzenta bem pálida, e Kara podia ver sua luminosa essência angelical através da pele afinada. Ela percebeu que ele provavelmente tinha mais uma meia hora antes de seu traje M evaporar-se completamente. Eles tinham de sair dali rapidamente, não havia tempo para brincar de casinha. Ela encontrou os olhos de Jenny — eles mostravam medo. A pele dela também havia perdido seu pigmento e uma luz ofuscante vazava através de seus poros. Eles precisavam de um plano. E eles precisavam sair dali.

A elemental parou a alguns passos de distância na frente do grupo. Seu rosto sem vida os encarava como uma boneca fantasmagórica — perfeita e nova, como se tivesse acabado de sair da caixa. O vestido branco estava impecável. Ela não morava nas ruas há meses. Seus sapatos pretos recém polidos brilhavam como joias, como se nunca tivessem sido usados. Ela era como um robô — nenhum músculo facial se movia e ela nunca piscava. Sua pele branca era iluminada pelas luzes fluorescentes e seus olhos escuros brilhavam com uma inteligência superior à de sua idade. A elemental uniu as mãos na frente do corpo

e os observou com grande interesse. Ela se inclinou para a frente, e seu sorriso se abriu:

— Como você pode fazer uma coisa dessas? — Kara a repreendeu antes que pudesse se conter. — Você é uma elemental! Você é parte anjo! Nós viemos aqui para resgatá-la. Por que fazer tal coisa conosco? Como você pode ir contra sua própria espécie?

A menina deu uma risadinha. Levou um instante para ela se recompor. Ela alisou a frente do vestido:

— Mas é aí que você se engana, Kara. Eu não sou nada como você.

— Então, você sabia quem eu era... todo esse tempo? — a raiva de Kara se inflamou. Ela contorceu seus braços e pernas, mas se forçou a manter a calma. Já que não podia usar seus braços, talvez ela pudesse arrancar o sorriso do rosto da menina com uma cabeçada.

— Sim, é claro que eu sabia. — a garota olhou para as unhas dela, como se estivesse entediada com a conversa. — Eu a encontrei naquela patética livraria, não foi? Em pensar que você passou suas férias de verão naquele lugar horrível e mal cheiroso... Você estava praticamente coberta de sujeira quando a vi pela primeira vez. Muito nojenta mesmo.

Kara se irritou:

— E, então, você nos enganou! Me fez acreditar que precisava da minha ajuda. Planejou isso desde o início... mas por quê? E como você entrou na minha mente?

Kara deu um passo em frente, mas Ranab a puxou de volta às pressas. Ela se contorcia nas mãos dele.

— Como é que eu conseguiria chamar a sua atenção de outra forma? — a elemental riu e aplaudiu dramaticamente. — Sim. Eu me saí muito bem convencendo você. Eu sabia que não poderia resistir a ajudar uma pobre menina. Além disso, é seu trabalho ajudar os seres inferiores, salvar os fracos dos ímpios.

Não é isso que os anjos fazem?

Kara parou de lutar:

— E por que você precisa da *minha* atenção? É melhor acabar com isto antes que a situação fuja do controle. Isso é muito sério. Não é um jogo, menina. Os anjos estão feridos. Meus amigos estão sofrendo por sua causa. Olha o que você fez! Como pôde?

A elemental olhou para Kara e sorriu:

— Eu queria que você soubesse quem eu sou. Que me conhecesse melhor, para que pudéssemos brincar. Você gosta de jogos, Kara?

O corpo de Kara se estremeceu de raiva:

— Você é uma elemental que ficou completamente louca! Você está delirando, agindo contra os seus. Você mandou que seus cães ferissem a mim e aos meus amigos, sabendo que não poderíamos revidar. Você é louca. O que mais há para saber? — Kara tentou desesperadamente se soltar, mas as cordas ardentes e perfurantes cortavam sua carne mortal.

— Ei! Ei — disse David, ficando de pé. — Uma garotinha psicótica com intenções assassinas. Eu já não vi esse filme antes?

A elemental levantou suas sobrancelhas e ignorou David. Ela se concentrou em Kara:

— Mas você está errada, Kara. Você não me conhece nem um pouco. Você vê uma menina patética diante de você, mas seus olhos a enganam. Olhe de novo. Olhe além do véu e, desta vez, você verá quem eu sou. Mas devo avisá-la... você pode se surpreender com o que vai encontrar. — a garota riu e cruzou os braços.

Kara estava ficando impaciente. Ela não tinha tempo para enigmas. Ela precisava escapar. Ela havia sido uma tola por pensar que essa garota precisava da ajuda dela. Ela estava furiosa consigo mesma pela facilidade com qual fora

enganada. No fundo, ela queria encontrar alguém diferente – alguém com quem pudesse se identificar. Ela queria poupar a menina do escrutínio e da perseguição da Legião, aos quais ela própria havia sido submetida. Mas a elemental obviamente era insana. Quem sabe do que ela seria capaz?

— Está bem. Tanto faz. Por que não despede seus cães para que possamos ter uma conversa *normal* e nos conheçamos melhor.

Kara olhou por cima da elemental. Do outro lado do armazém, havia duas grandes portas de metal. Luz suficiente entrava pelas fendas acima de uma fileira de janelas fechadas, ajudando a enxergar o caminho através das pilhas de caixas de madeira e contêineres de metal.

— Sim. E que tal você soltar as nossas mãos como uma medida de boa fé. — David virou e mexeu os pulsos amarrados. — O que você nos diz? Eu prometo tomar chá e brincar de bonecas com você depois.

A elemental o ignorou.

— Veja, Kara. Eu a trouxe aqui para lhe dizer uma coisa. Uma coisa que eu estava esperando compartilhar com você há bastante tempo. Este é um momento muito emocionante para mim.... e para você. Você verá.

— O quê? — Kara olhou preocupada para Peter. Sua essência angelical estava sendo contida apenas por uma fina camada de pele mortal. Ele tremia incontrolavelmente. Ele estava piorando.

— Olhe, eu não tenho tempo para seus joguinhos. O que é que você quer compartilhar? — Kara não se deu ao trabalho de esconder a impaciência em sua voz.

— É que...

A elemental levantou seus braços. Seus cabelos se levantaram no ar. Rajadas de vento envolveram a garota em um redemoinho de poeira e detritos. Kara apertou os olhos. As lâmpadas estouraram, criando uma chuva de cacos de vidro. O chão tremeu e rangeu. Os contêineres caíram e bateram no chão com

um estrondo. Peter gemeu e Jenny o confortou. Raios de luz verde explodiram de onde a garota estava. A elemental desapareceu completamente em um redemoinho de vento e luz verde. Outra grande explosão de luz verde ocorreu em torno deles. Os olhos de Kara ardiam. Ela os fechou e virou a cabeça.

Silêncio. Depois de um instante, Kara abriu os olhos lentamente. O armazém estava em silêncio mais uma vez. Uma mulher um pouco mais velha do que Kara se encontrava onde a menina estivera momentos antes. Seu cabelo branco comprido flutuava como uma bandeira na brisa. Uma veste branca envolvia seu corpo esbelto e era presa com uma faixa vermelha. Ela era bonita, com feições delicadas e a pele branca com um leve tom esverdeado. Seus frios olhos negros se voltaram para Kara. O ódio neles era inconfundível.

Kara notou que os seirs não pareciam nada surpresos com essa transformação. O que estava acontecendo?

— Então, agora você sabe. O véu foi retirado, e aqui estou agora, como meu verdadeiro eu. — disse a jovem mulher; sua voz assumiu um tom mais aveludado.

Algo estava errado. Kara sabia que elementais não podiam se transformar em outras pessoas. Ela tinha de ser um demônio ou alguma outra criatura que não vira antes. Essa era a única explicação para a súbita transformação.

Kara balançou a cabeça:

— Sinto muito por desapontá-la, mas continuo sem saber de nada. Não sei por que você nos raptou e nos trouxe aqui. Não sei quem você é ou o que você é. O que quer de nós?

— Bem, claramente eu não sou uma elemental, como você bem pode ver. — Ela lançou as mãos teatralmente no ar. — Estou tão feliz que tenha acabado. Odiei me disfarçar e andar como uma garotinha patética num vestido branco. O cheiro era horrível, tão mortal e tão deplorável. Eu prefiro ser eu mesma. Não está feliz com o que você vê?

A jovem passou em torno dos anjos. Ela inspecionou um por um. Seus frios olhos negros os hostilizavam enquanto ela caminhava por eles, se divertindo. Pouco a pouco, ela vasculhou cada centímetro de cada um deles e tocou no traje que vestiam. Ela tomou grande parte do tempo inspecionando a pele mortal de Peter e Jenny. Ela estendeu a mão e alisou o rosto de Jenny com seu dedo branco. Ela riu quando Jenny recuou. Depois de se dar por satisfeita com sua inspeção, ela se aproximou de Kara.

— O quê que os anjos têm de mais? Nunca entendi essa coisa toda sobre com anjos. Por que os mortais se importam tanto com vocês? Se eles vissem o quão patéticos você estão agora, com certeza teriam dúvidas. E onde estão as suas asas? Eu sempre pensei que os anjos tivessem asas. — a jovem virou o rosto e riu.

Kara cerrou os dentes:

— Pare com seus joguinhos e nos conte o que você quer.

A jovem pôs as mãos nos quadris:

— Então, deixe-me esclarecê-la, querida Kara. Sabe, você matou alguém que eu amava.

Kara olhou fixamente para ela, incrédula:

— O quê? Eu não matei ninguém. Por que não deixa de brincadeira e começa a contar o verdadeiro motivo de estarmos aqui. Conte-nos a verdade.

David estava atento a Kara. Ele lhe sussurrou: *mas o que...?!*

A jovem apontou uma unha pintada de vermelho para o rosto de Kara:

— Oh, isto não é uma brincadeira. O que eu quero de você é simples. Você me tomou a única pessoa que me era querida... e a matou. E agora eu trouxe você aqui para fazê-la pagar pelo que fez.

Kara deu um passo à frente e fez o máximo para parecer verdadeira:

— Olha, eu juro a você. Eu não matei nenhum mortal. Eu jamais poderia fazer uma coisa dessas. Eu acabei de descobrir que isso é impossível para os anjos. Eu não poderia ter feito isso de forma alguma. Acredite, você está enganada...

A jovem a interrompeu:

— Eu não estou enganada — ela olhou furiosa e irritada para Kara — e ele não era nenhum mero mortal, seu anjo estúpido. Eu não sei como você fez isso, mas o fez. Você o matou.

— Eu não matei ninguém, eu juro a você — defendeu-se Kara.

Mas algo dentro dela estava dizendo outra coisa. Ela se contorceu, inquieta, e olhou para David, buscando ajuda. Tudo o que ele podia fazer era dar de ombros.

— Você o matou! — ela se inflamou de raiva, cerrando os punhos ao gritar. — Ele se foi por sua causa! — Sua voz trovejou e a terra tremeu. Os contêineres de metal rangeram e uma poeira caiu do teto, assentando em torno deles.

Kara esperou a jovem se recompor. Ela balançou a cabeça um pouco:

— Eu não sei o que você quer dizer. De quem você está falando?

A jovem há observou por um longo tempo. A voz dela era fria:

— Você matou o meu pai.

Kara se inclinou para trás:

— Seu pai? Mas... mas... isso é impossível.

— Meu pai era Asmodeus. E você o matou. — Seus olhos negros estavam fixos em Kara.

As palavras ficaram presas na garganta de Kara. Ela ouviu a respiração o ofegante dos seus amigos. Ela se lembrou de Asmodeus envolvido por fogo

dourado; os gemidos dele permearam sua mente. Ela se lembrou do ódio que sentiu por ele quando ao segurar o corpo desfalecente de David em seus braços. Matar Asmodeus havia sido um ato de vingança e de libertação do qual ela nunca se arrependera. E, se pudesse escolher, ela faria tudo de novo, num piscar de olhos.

— Quem você é realmente? — exigiu Kara.

Um sorriso travesso espalhou-se nos lábios da jovem.

— Eu sou Lilith. Sua irmã.

Capítulo 7

Uma Visita Surpresa

— Kara — disse David. — O que está acontecendo? Do que ela está falando?

Kara balançou a cabeça e não respondeu. Ela olhou em perplexidade para a garota que se dizia sua irmã – seria possível?

— Eu não tenho nenhuma irmã — Kara bravejou. — Se tivesse, eu saberia. Minha mãe não teve outros filhos. Você está mentindo.

— Eu sou sua meia-irmã, bobinha — disse Lilith casualmente. O desdém se mostrava em suas feições delicadas. — Nós compartilhamos o mesmo pai, mas não a mesma mãe, querida.

Kara observou Lilith em silêncio. Asmodeus havia enganado sua mãe, levando-a a acreditar que ele era um cara normal; certamente era possível que enganasse outras mulheres mortais também. Kara se sentiu enganada e revoltada. Ela tentou soltar seus punhos, mas a corda a queimou. Será que essa criatura estava dizendo a verdade? Será que ela realmente podia ser sua meia-irmã?

— Bem, não vejo qualquer semelhança familiar — interrompeu David. — Embora você tenha herdado o mau gosto do seu pai para se vestir. Além disso, você precisa seriamente de um bronzado. — Ranab enterrou sua lâmina na perna de David. Ele gritou e caiu de joelhos. Em seguida, olhou para Ranab e sorriu.

Lilith desconsiderou o incidente e focou em Kara:

— A minha mãe era uma sânskrita – uma criatura parte demônio e a parte mortal. Ela era tão enfadonha. Os sânskritos são tão incrivelmente estúpidos e inúteis. Infelizmente, tive de me desfazer dela - ela estava sempre atrapalhando meus planos - uma resmungona. Ela não entendia o que eu era - sempre me dizia que eu era louca. Nós, filhas, raramente nos damos bem com as nossas mães, não é mesmo, querida irmã?

— Talvez sua mãe estivesse certa — disse David. — Ela viu que era uma lunática total e tentou fazer algo a respeito — Ranab esbofeteou David com força no rosto. Ele caiu, mas se esforçou para ficar de pé, olhando triunfantemente para Ranab.

Kara permaneceu em silêncio. O ódio inflamou-se dentro dela como um maremoto. Essa garota havia matado a própria mãe. Ela definitivamente era uma psicótica perigosa.

— Você é louca. Matou sua própria mãe. Como pôde? Ela lhe deu a vida, e você a matou.

— Claro, eu a matei. Ela era *tão* irritante — continuou Lilith — mas eu sempre estimei meu pai. Ele me ensinou tudo o que eu sei. Ele me mostrou como controlar meus poderes e me ensinou como obter mais. Ele também me falou sobre você, sabe. Eu amava muito o meu pai.

— Sério? Que tocante! — debochou Kara.

Lilith comprimiu os lábios:

— Então, veja, agora você me deixa sem escolha, irmã querida. Você me tomou alguém que eu amava, o que significa que eu terei de retribuir o favor...

Ela correu como um borrão branco na velocidade da luz. Kara ouviu Jenny gritar antes de perceber o que estava acontecendo.

Kara piscou os olhos.

Lilith havia agarrado Jenny pelo cabelo e, com um sorriso perverso, a arrastara para longe do grupo.

— Não! — Kara correu e caiu. Ela sentiu uma dor em suas costas. Um fogo líquido queimou seu interior quando uma lâmina da morte perfurou sua coluna vertebral. Ela levantou o rosto do chão.

Jenny se debatia contra Lilith, mas aquilo não adiantava. As mãos de

Jenny estavam presas, e Lilith era muito mais poderosa.

— Por favor, pare. Leve-me - você quer a mim. Não faça mal a ela!

O ar ao lado de Lilith parecia uma onda de calor. Um estranho gemido ecoou, seguido de um gargarejar e um barulho de sucção, como quando a água termina de escoar por um ralo. O ar em torno de Lilith e Jenny se movia, crescendo em diâmetro até virar um buraco negro de três metros de altura e dois de largura. Kara podia ver a sombra de um túnel atrás delas. Formas saltavam e desapareciam na escuridão. Kara ouviu grunhidos numa linguagem gutural; algo que não conseguiu entender. Mas uma coisa sabia ao certo - ela estava olhando diretamente para as profundezas do submundo.

Os seirs ergueram os punhos e cantarolaram em outro idioma. Seus corpos tremiam, e os olhos pintados nas costas de suas cabeças pareciam ainda mais perturbadores quando eles viravam de um lado para o outro.

— Mestra, o que quer que façamos com eles? — Ranab inclinou-se e puxou sua lâmina das costas de Kara.

Ela mordeu a língua para segurar o grito de dor. O veneno da lâmina a corroía como uma doença; seu corpo estava enfraquecendo. Ela sabia que os outros estavam em mau estado também. Ela ouviu Lilith caminhar atrás dela acompanhada do arrastar das botas de Jenny contra o piso de concreto.

— Quero a Kara viva — ordenou Lilith. — Eu tenho planos para ela. Matem os outros.

Kara lutou febrilmente para ficar de pé. Um peso a segurava. Seu ferimento se rasgou, e ela gritou de dor. Ela se virou e viu o rosto branco maligno de um seir. Ele riu e pisou nela mais uma vez. Ele ficou de pé diante de Kara, com sua bota vermelha a centímetros do rosto dela; o bico apontava para o seu olho.

— Espero vê-la logo do outro lado, querida irmã. Se quiser ver sua amiga novamente, você terá de buscá-la. Que os jogos comecem!

— O quê? Espere!

Com Jenny arrastada atrás de si, Lilith entrou na fissura e desapareceu.

— Não! — gritou Kara.

Tudo o que ela conseguiu ver foi a silhueta de Jenny dentro da fissura. Ainda havia uma chance de salvá-la. O corpo de Jenny já estava se deteriorando. Seus olhos verdes atemorizados desapareciam na fissura.

Kara se debateu até soltar suas pernas. Ela não se importava se acertaria o seir; ela só se preocupava com Jenny. Ela tinha de chegar à Jenny antes que fosse tarde demais.

Com um último chute, ela acertou o seir na virilha, e ele caiu do lado dela. Ela se virou e se colocou de pé. Outro seir apontou sua lâmina para ela. Ela tentou soltar os braços; as amarras fizeram um corte ainda mais profundo em sua carne, mas não afrouxaram. Kara se desviou e a lâmina cortou o ar. Ela estendeu o pé fazendo o seir tropeçar.

Kara imediatamente verificou seu estado. Ela ainda estava inteira.

Os outros a acompanharam rapidamente. David bateu com seu corpo contra o seir mais próximo. O homem foi apanhado desprevenido e caiu no chão. Outro seir veio até ele, mas David facilmente escapou do alcance dele. Peter se esquivou e se contorceu até sair do meio dos seirs.

Vendo que seus amigos conseguiriam se virar por enquanto, Kara correu até a fissura. O buraco escuro vacilava e gemia. Ela estava quase lá. Ainda podia ver uma sombra do cabelo roxo da Jenny do outro lado. Apenas alguns passos a mais...

Algo agarrou-lhe pelos pulsos, e Kara foi jogada para trás. Ela bateu de cara no concreto duro.

— Aonde você acha que vai? — Ranab chutou suas costas selvagemmente. Seu ferimento se abriu um pouco mais, e Kara gritou. — Sua amiga provavelmente já está morta, sabe. Os anjos não conseguem sobreviver

no submundo. — Um sorriso perverso invadiu o rosto pálido dele — Pena que a mestra não me deixou matá-la. Eu adoro um bom desafio.

— Por que estão fazendo isso? — Kara rosnou, ignorando a excruciante dor nas costas. — Você é humano - como pode ficar do lado dos demônios. Eles não são confiáveis. Eles o estão usando e um dia o matarão.

Ranab riu suavemente, e Kara ficou chocada com o jeito dele:

— É muito simples. Nos foi prometido imortalidade: se servirmos ao submundo, viveremos para sempre. Essa é uma oferta muito boa. Só um tolo não aceitaria. Há um poder inimaginável no submundo. E, em breve, eu terei um gostinho da coisa. — Seus olhos castanhos brilhavam de desejo, e Kara quis vomitar.

— Os seres humanos são mortais. Você não é sobrenatural. Você não pode ir para o submundo. Você vai morrer. Não vê que ela está mentindo para você? Este é um jogo para ela. Ela não se importa com o que acontece com você. — Kara se sentou. O brilho dos olhos dele deixava Kara desconfortável.

Ranab levantou seu punho no ar:

— Deixe-me contar um segredinho. Não seremos mortais por muito tempo. Em breve, atravessaremos para o outro lado e nos tornaremos poderosas criaturas das profundezas. Então, nunca mais morreremos...

— Isso é o que vamos ver — David bateu com seu corpo fortemente contra Ranab. O seir tropeçou sobre as pernas de Kara e caiu. David riu, satisfeito consigo mesmo. — Aproveitando a vista daí, cara de palhaço? Vamos lá, Kara. Vamos!

Kara saltou, ficando de pé. Ela olhou para a fissura. Ela havia sumido. O local estava tranquilo - como se nunca tivesse havido uma fissura ali antes. Um arrepio gelado percorreu seu corpo. Jenny havia desaparecido.

Kara chutou Ranab quando ele tentou se levantar. Ela se voltou para a saída que havia visto antes e correu habilmente com as mãos amarradas atrás

das costas. Ela alcançou David.

— Então, nós podemos chutá-los e socá-los - mas não matá-los?

David deu de ombros:

— Acho que sim. Nós não ainda morremos.

Peter havia escapado dos seirs também e corrido em direção a eles. Seu rosto mostrava sinais de cansaço. Kara sabia que eles precisavam encontrar uma fonte de água logo para saírem dali.

— Peguem eles! — Ranab rugiu atrás deles. — Não os deixem fugir!

Kara olhou ao redor freneticamente:

— Para a porta dos fundos! Depressa!

Eles fugiram em direção às portas grandes de ferro, no extremo oposto do armazém. David correu ao lado dela. Peter seguia logo atrás. Kara alcançou as portas dentro de segundos e procurou por uma maçaneta ou alavanca, mas não havia nenhuma. Ela chutou a porta com toda a força que conseguiu reunir. A porta rangeu, mas não se abriu. Era como chutar um bloco de concreto. David bateu com seu corpo contra as portas. Elas nem sequer se moveram.

— Bem, no três — disse David. — Um, dois, três! — tanto ele como Kara bateram com seus corpos contra as portas grandes de ferro, mas, ainda assim, elas permaneceram intactas.

Peter chutou as portas em frustração:

— Não adianta. Elas não se abrem. Não podemos sair! Eles vão nos matar!

— Isso mesmo, pequeno anjo. Seu tempo acabou.

Kara voltou-se.

Ranab caminhou em direção a eles. Nove rostos brancos sombrios

olhavam furiosamente de trás dele, com lâminas da morte empunhadas. Os casacos de couro preto batiam nos calcanhares deles. Kara inconscientemente deu um passo para trás.

O líder dos seirs zombou:

— Já jogamos seu jogo tempo o bastante, anjinhos. Nossa mestra nos prometeu suas peles — ele levantou sua lâmina no ar e apontou para Kara. — Exceto por essa aí, claro. Sabem, anjinhos, é hora de receberem sua punição por entrarem na minha cidade sem permissão. Nós vamos mostrar a vocês como gostamos de jogar. É como eu disse antes, entrar na minha cidade tem um preço.

— Certo. E qual o preço é, sua aberração de circo? — David olhava furiosamente para os seirs.

Ranab deu-lhe um sorriso amplo:

— O preço é a sua alma angelical, homenzinho. E eu vou adorar matá-lo. Veja... você não pode nos matar... e não há nada que possa fazer para nos impedir de matar você. — vapores pretos serpenteavam em torno de suas mãos. Ele girou sua lâmina nos dedos, se divertindo.

Os seirs cercaram os anjos. Seus grandes corpos os cobriam. Sob a luz lúgubre do armazém, seus rostos horríveis pareciam ainda mais sinistros do que Kara imaginava. Seus olhos escuros brilhavam de satisfação. As lâminas da morte balançavam nas mãos deles com empolgação. Ela claramente podia vê-los agora como demônios - demônios em formação. Peter se estremeceu ao lado dela e chegou mais perto.

Uma lâmina voou no ar. David gemeu. Uma lâmina da morte havia perfurado seu ombro. Os seirs riam animadamente como um bando de hienas. A ânsia reluzia nos olhos deles. Eles estavam se divertindo. Kara ficou enojada. Ela sentiu as frias portas de ferro contra suas costas. Eles estavam presos e não conseguiriam sair.

Um lampejo de metal passou por Kara. Peter gritou e caiu no chão. Uma lâmina da morte havia perfurado sua coxa. A fúria de seu poder

instantaneamente a inundou. O poder elemental despertara. Ela lutou para controlá-lo, pois sabia que, se ele foi liberado, ela mataria todos os seirs – e, então, morreria também. Ela poderia se safar deixando-os no chão, mas, no fundo, ela sabia que, se os matasse, ela pagaria com sua própria alma. Ela fez um esforço para se acalmar. Ela iria descobrir uma maneira de escapar. Ela precisava descobrir.

Um seir pulou na frente de Peter, agarrando-o pela jaqueta e levantando-o facilmente:

— Você é o anjo mais patético que eu já vi. Você enterraria sua própria cabeça no chão, se pudesse. — O seir riu perversamente. As botas de Peter rasparam o chão, e o seir o ergueu ainda mais alto. Ele balançava nas garras do seir como uma marionete.

Kara invocou seu poder com cuidado. Ela estendeu a mão e liberou apenas um fragmento da energia selvagem, que dançou nas pontas de seus dedos.

— Diga adeus, anjo. Sua alma é *minha*. — O seir levantou sua lâmina até o pescoço de Peter.

Um barulho estrondoso explodiu no lado oposto do armazém. A porta da frente havia virado uma pilha de metal. Faróis surgiram e cegaram Kara por um momento. Ela piscou quando um sedan preto da Ford, de 1940, colidiu com o carro estacionado e o arrastou para o lado, limpando o caminho. Os pneus cantaram quando o carro deu ré e pegou impulso para a frente. O Ford fez uma manobra brusca, seus pneus cantaram e derraparam até o veículo parar.

Kara podia sentir o cheiro de borracha queimada. Todas as quatro portas se abriram, e quatro homens e uma mulher, que, para a surpresa de Kara, era a motorista, saíram do carro. Eles usavam trajes elegantes de cores escuras e chapéus pretos. Eles caminharam casualmente até o grupo. Kara se lembrou dos bandidos dos filmes antigos que costumava assistir com a avó. Mas, em vez de metralhadoras esportivas, eles brandiam elegantes espadas prateadas. Quem seriam esses mortais?

Peter caiu no chão. Ele olhou para Kara com uma expressão confusa, mas parecia mais aliviado do que tudo. Kara, rapidamente, o puxou para junto dela.

Os seirs ficaram tensos. Eles se mexeram de forma ansiosa e suas lâminas da morte já não pareciam tão firmes. A atenção deles estava fixada nos recém chegados. A saliva escorria do rosnado deles.

— Quanto tempo, Ranab... — disse um homem com uma cicatriz que ia do olho esquerdo até o queixo. — Contudo, não posso dizer que senti sua falta. — a voz dele era rouca e firme. Ele tirou o chapéu. Seu queixo quadrado tinham uma barba fina.

Ranab olhou furiosamente para o homem e deu um passo à frente:

— Santo. Vejo que a sua cicatriz está curada. Quer mais uma?

Santo o estudou por um momento. Ele apontou sua espada para Kara:

— Solte os anjos, senão você irá se arrepender, seu amante dos demônios. Acho que estou afim de um pouco de limpeza. As ruas andam muito escuras ultimamente.

Anjos? Então, eles podiam vê-los também, pensou Kara. Ela considerou o grupo com mais interesse. Seus rostos estavam fechados em carrancas profundas, mas eles eram muito menos vis do que os seirs. Eles caminhavam com confiança e determinação. Kara viu velhas feridas nas mãos da mulher, como pequenas marcas brancas. A mulher pegou Kara olhando e piscou para ela.

— Esta é a nossa caça — rosnou Ranab. — Eles foram prometidos a nós. Suas mortes nos pertencem. Vocês não têm o direito de levá-los!

Santo deu-lhe um sorriso malicioso:

— Ah, mas eu tenho o direito. Não me importo com quem lhe tenha prometido isso, seu amante dos demônios. Você não vai machucar nenhum

desses anjos. Acho que é hora de ensinarmos uma lição a esses seirs.

Uma grande veia palpitava na testa de Ranab. Seus olhos negros reluziam de ódio:

— Se eu disse que eles vão morrer, então eles irão morrer! Vocês estão em minoria. Serão destruídos facilmente. E você ainda trouxe uma mulher junto. Ah! Vamos matá-la, e depois tomaremos o que é nosso. Hoje faremos um banquete com a alma desses anjos!

Santo sorriu:

— Nenhum anjo morrerá hoje.

Ele balançou sua espada no ar e atacou. Instantaneamente, os outros o seguiram, e cinco espadas brilharam no ar. O som das espadas ecoou no armazém. Os seirs correram ao encontro deles. Os sons de metal batendo contra metal ressoavam em torno deles. Uma das espadas perfurou o abdômen de um seir, e ele caiu no chão sob o casaco preto de alguém. O som de metal e de gemidos eclodiu em todo o armazém. Com sede de sangue em seus olhos, Santo fincou sua espada em seu agressor. O seir não teve nenhuma chance e caiu como uma pedra antes que outro tomasse seu lugar e se jogasse com sua arma. Santo levantou sua espada e bloqueou o ataque. O seir cerrou o punho e bateu com força em seu rosto. Santo cambaleou para trás. Sangue escorria de sua boca. Ele bravejou. O seir rosnou e saltou no ar. Santo o chutou e bateu em seu estômago. O seir começou a engasgar e a perder o ar.

A mulher se defendia e bloqueava os golpes de dois seirs. Ela se virou e desceu com sua arma num movimento curvo. Um seir foi abatido. O outro saltou e a chutou no rosto. A mulher tropeçou para trás, salpicando o chão de sangue. Ela limpou a boca com a mão e revidou. Ela tirou a lâmina da morte da mão do seir com um único golpe. Ele ficou de pé por um momento, com as mãos cerradas em punhos, mas depois desistiu e recuou.

Ranab xingou e retirou-se com o resto do seu grupo. Eles desapareceram pela entrada do armazém. Kara esperava nunca mais ver seus rostos feios e branquelos. Ela ouviu um gemido e se ajoelhou ao lado de Peter.

Ela se virou e procurou a lâmina da morte com os dedos. Ela sentiu o punho da arma e puxou a lâmina da morte da coxa de Peter. Em seguida, ela ergueu David um pouco e puxou a lâmina de seu ombro.

Apesar da dor, David gritou triunfalmente:

— Sim! Isso mesmo! Fugam como as meninas amedrontadas que vocês são. Vejo vocês no circo, suas aberrações!

Kara balançou a cabeça lentamente e cambaleou até Santo:

— Obrigada por nos ajudar, estamos em dívida. Suas habilidades de luta são realmente impressionantes. Importa-se se eu perguntar... que são vocês e como sabiam que nós éramos anjos?

Santo sorriu e virou Kara delicadamente a fim de soltar seus pulsos. Seus braços agora estavam livres:

— Ah! Graças a Deus. Eu já estava começando a pensar que ficaria assim para sempre. — uma luz vazava dos cortes em torno de seus pulsos. Ela os esfregou suavemente com as mãos.

— Acho que não faz muito tempo que você é uma guardiã, não é? — Santo guardou sua espada na bainha de couro preto pendurada em seu cinto.

Kara deu um sorriso sincero. Seu rosto formigou, e ela ficou contente por não poder corar:

— Hum... um pouco mais de um ano, eu acho, se você contar em anos mortais.

Ela estudou o rosto dele. A cicatriz era muito feia de perto. Ela havia se cicatrizado e adquirido uma cor oliva mais escura que a pele em volta, além de ter uma textura áspera como o couro. Seus espessos cílios negros, sobrancelhas profundas e cabelo preto bem curto se escondiam sob a aba do chapéu. Se não fosse pela grande cicatriz em seu rosto, ele seria muito, muito bonito.

Os olhos escuros do Santo brilharam:

— Somos uma sociedade mortal secreta. Lutamos ao lado da Legião há séculos. Os anjos nos chamam de Sensitivos, pois somos sensíveis ao sobrenatural ao nosso redor. Podemos ver e compreender coisas que outros mortais não podem sem treinamento e ensino.

Então, estes eram os Sensitivos. Kara sorriu apesar de tudo. Se ela não tivesse sido escolhida como guardiã, ser uma Sensitiva seria sua segunda opção. Ela estava muito feliz de finalmente conhecê-los. Ela achou que eles pareciam durões com seus ternos e espadas, e já foi logo se imaginando lutando ao lado deles. Santo parecia ter lido a mente dela, e ela sorriu novamente. Ela estava extremamente grata por não ter nenhum sangue que corasse seu rosto.

— Estamos muito gratos pela sua ajuda. Estávamos em uma situação muito ruim, na melhor das hipóteses — disse Peter, com um tremor na voz. — Nós teríamos virado jantar se não fosse por vocês.

— Fico feliz de poder ajudá-los, pequeno — disse a mulher.

Seus lábios vermelhos se abriram em um sorriso encorajador. Seus ferozes olhos azuis eram compassivos. Ela foi para trás de Peter e cortou suas amarras. Depois, fez o mesmo com David, que parecia muito satisfeito por uma mulher tão bonita resgatá-lo. Kara respirou fundo e revirou os olhos.

Vendo que seus encantos não surtiam efeito sobre a bela mulher, David caminhou até o sedan em vez disso. Ele esticou os braços e se jogou na frente do capô, colando sua bochecha na superfície fria:

— Uau, esse carro é impressionante! — Ele acariciou o capô suavemente com as mãos. — Ele é uma beleza... acho que estou apaixonado. Finalmente estou aqui, babe. — todos os Sensitivos se reuniram em torno do carro sorrindo, mas principalmente rindo de David.

Peter tentou seguir David até o carro, mas tropeçou e caiu. Kara se apressou em seu auxílio. A pele dele estava quase translúcida e uma luz branca vazava de pequenos buracos em todo o seu corpo. A pele dele parecia uma fatia fina de queijo suíço. Ela estava se desfazendo e não aguentaria muito mais tempo.

Kara deu-lhe um sorriso reconfortante:

— Você vai ficar bem, eu prometo. — ela sussurrou-lhe. — Eu vou tirar você daqui, Peter. — Peter forçou um sorriso, e ela percebeu que ele não acreditava.

Kara colocou Peter de pé e o envolveu com seus braços:

— Vamos lá. Vamos sair deste lugar fedorento.

Capítulo 8

A Decisão do Conselho

Depois de um interrogatório dolorosamente longo na Divisão Contrademônios, Kara, David e Peter foram informar pessoalmente o Alto Conselho. Ariel ignorou totalmente os apelos constantes de Kara para deixá-la ir sozinha em uma missão a fim de salvar Jenny. A arcanja lhe informou que estava lamentavelmente obrigada a seguir os comandos emitidos pelo Alto Conselho. Ela negou categoricamente o pedido de Kara e disse-lhe que essa seria uma missão suicida, mesmo que Kara já tivesse estado no submundo antes. Kara e os outros foram imediatamente convocados ao Alto Conselho. Furiosa, Kara saiu da DCD derrubando cadeiras e uma seleção de telas holográficas em sua saída.

Kara permaneceu em silêncio durante todo o caminho até Conselho dos Ministros. Desde a viagem de elevador com quatro pequenos macacos vermelhos que decidiram brincar com a cabeça de Kara até o final do ermo trajeto no carro celeste que quase a derrubou, Kara não podia deixar de se arrepiar toda vez em que se lembrava do rosto atemorizado de Jenny. Lilith havia levado Jenny de propósito. Ela sabia que Kara faria qualquer coisa ao seu alcance para salvar sua amiga. Mesmo que isso significasse arriscar sua reputação com a Legião e sua própria alma para salvá-la... ela o faria. Kara havia visto o brilho nos olhos de Lilith antes de ela saltar pela fissura. Lilith tinha grandes planos para Kara. Mas esses planos significavam que Kara teria de se aventurar no submundo mais uma vez.

Foi com um espírito arrependido que Kara acompanhou os outros após saírem do carro celeste. Eles deram ao motorista um dos cadarços de David como gorjeta e o viram partir em enghoca parecida com uma nuvem. Um oráculo cumprimentou-os imediatamente.

— Ah! Senhorita Clara. Aí está você, finalmente! — o oráculo rolou até eles, esmagando os seixos do chão sob o peso da sua enorme bola de cristal. O oráculo dançou em cima da esfera e agitou seus braços animadamente. Seu cabelo branco balançava como gramas altas sobre sua cabeça. Ele sorriu ao vê-los, mas rapidamente recuperou sua compostura, adotando uma atitude séria. — Vocês estão atrasados! Depressa! Depressa! Não devemos fazer o Conselho

esperar. Eles estão muito ansiosos por ouvir suas notícias.

— Tenho certeza de que estão. — resmungou Kara.

Ela vislumbrou os dedos grandes do oráculo e suas unhas amarelas que ficavam para fora de sua veste cintilante de prata. Eles pareciam consideravelmente semelhantes aos dedos do Sr. Patterson. Uma dor cresceu dentro dela. Kara ansiou por seus dias mortais na livraria, quando nenhum de seus amigos estava sendo torturado por uma meia-irmã malvada.

O oráculo arqueou uma sobrancelha espessa. Ele ficou em silêncio por um momento, o azul dos seus olhos brilhava:

— Bem, é claro, por que não estariam? Asmodeus tem outra filha. Assunto temível esse, depois de tudo o que sofremos, tantos anjos mortos, tantas almas mortas; um imenso massacre no Horizonte.

Uma onda de tristeza caiu sobre o rosto do oráculo. Ele virou as costas para eles e olhou para o espaço. Seus olhos azuis marejaram de repente, e, então, ele recitou em voz monótona:

— E da escuridão será lançada nos mundos... e somente da mesma escuridão poderá ser desfeita...

— O quê? — Kara se virou — O que você acabou de dizer, oráculo?

Os olhos do oráculo se arregalaram:

— O quê? Ah, nada. Não se importem comigo. Estou só balbuciando. São coisas da velhice. Contudo, não posso evitar as imagens que vejo de vez em quando. Assunto temível esse. — Ele inclinou-se e pegou nas unhas dos pés.

— Oráculo? — David inclinou-se para ele.

O oráculo ergueu a cabeça e encontrou os olhos de David. Ele sorriu:

— Hã? Sim? O que foi?

— Nós devíamos estar em algum lugar, lembra?

— Devíamos? Oh, céus! — O oráculo coçou a cabeça. — O que eu ia fazer? Céus, esqueci outra vez. Droga! Malditas visões. Sempre se metendo na minha mente. — O oráculo bateu o pé e fez beijo. — Diga-me rapaz, aonde eu ia?

David balançou a cabeça suavemente e riu:

— Você ia nos acompanhar até o Alto Conselho... lembra?

Oráculo balançou os braços e apontou um dedo no ar:

— Sim! Sim! Claro. Rápido, venham anjos. O Conselho os aguarda — instou o oráculo. Ele deslocou seu manto e endireitou-o com um puxão. — Dói-me ver o Conselho tão aflito. Apressem-se! Apressem-se! — Ele virou sua bola de cristal e rolou para a porta de metal cinza no final da plataforma de desembarque. Seu manto balançava ao vento enquanto ele corria em direção à porta.

Kara suspirou e seguiu os outros em silêncio. David tinha um olhar preocupado. Depois de passarem pela porta, eles caminharam pelo longo corredor decorado com tapeçarias coloridas e retratos aparentemente importantes de oficiais anteriores. Kara odiava o fato de os olhos deles sempre parecerem acusá-la antes de ter a chance de ser ouvida. Ela estremeceu e caminhou olhando apenas para frente, ignorando aqueles olhares sombrios.

Eles chegaram diante de duas portas gigantescas de bronze. O oráculo as abriu e esperou do outro lado. Ele fez um gesto para que eles entrassem.

Kara caminhou atrás dos outros. O único som ouvido era o do eco dos pés deles. Ela aproveitou para inspecionar a câmara. Na última vez em que estivera ali, a câmara estava em total desordem. A cúpula de vidro estava quebrada e cobria o chão com seus pedaços. Os assentos e as paredes de madeira estavam destruídos, como se uma bomba tivesse explodido. Kara estremeceu ao se lembrar dos anjos moribundos espalhados e despedaçados por toda a câmara. Ela atravessou a sala e parou. Os outros a seguiram relutantes. Kara ficou no meio da câmara, no ponto exato onde havia enfrentado e matado

Asmodeus na última vez.

Mas agora a câmara estava reconstruída em sua glória original. Raios de luz amarela penetravam através da enorme cúpula de vidro. Um grande céu azul pairava sobre eles. Os membros do Conselho se sentaram na plataforma, ao redor de uma mesa preta e lisa em formato de meia lua. Sete pares de olhos a observavam com grande interesse.

Ela começou a se sentir extremamente cautelosa. Ela não reconhecia nenhum dos arcanjos, exceto pela mulher bonita com cabelo cacheado vermelho. Camael havia sobrevivido ao violento ataque de Asmodeus. Seus olhos verdes sorriam para Kara. Ela deixou-se relaxar um pouco e descurvou as mãos.

Na cabeceira da mesa, sentava-se o substituto de Uriel. Ele possuía uma suave pele marrom avermelhada, maçãs salientes e uma mandíbula forte. Seus pequenos olhos escuros pareciam curiosos e intensos. Seus cabelos lisos e negros caíam em cachos por seus ombros largos. Se ela tivesse de adivinhar a nacionalidade dele, diria ser um nativo americano. Seu rosto era lindo. Na verdade, Kara notou que todos os novos membros eram excepcionalmente belos. Ela sempre se perguntou por que era assim – seria a boa aparência deles uma forma de intimidação?

O arcanjo se levantou. Seu manto verde floresta esvoaçou quando ele levantou as mãos:

— Bem-vindo, guardiões, ao Conselho dos Ministros. Permitam-me que me apresente. Eu sou Jeremiel, o novo ministro da ministração e da paz — sua voz era gutural, nada como tom musical de Uriel, mas Kara, no entanto, gostou.

— Vocês foram chamados aqui para ajudar a esclarecer os detalhes de sua última missão — continuou Jeremiel. — Queremos ouvir sobre os incidentes relacionados à suposta elemental. A arcanja Ariel nos informou sobre uma situação muito grave, e nós gostaríamos de ouvir sobre os eventos de sua missão pessoalmente de vocês. — Jeremiel empurrou seu manto para trás e sentou-se. Ele entrelaçou os dedos em cima da grande mesa:

— Por favor. Diga-nos o que aconteceu.

Os outros pareciam agitados. Peter balançou a cabeça e olhou para seus pés. Depois, então, fingiu estar interessado em algo atrás dele. Apenas David parecia ansioso para falar diante do Conselho. Ele piscou para Kara e mostrou os polegares em aprovação.

— Pois bem. Caras excelências e nobres da vida após a morte — começou David dando um passo à frente — Eu posso ajudá-los com isso. Eu estava lá. Vejam, com minhas habilidades surpreendentes de agente da DCD

Jeremiel levantou a mão para silenciá-lo. O arcanjo sorriu para Kara:

— Nós esperávamos que, talvez, Kara Nightingale pudesse esclarecer-nos com os detalhes, em parte porque tem muito a ver com ela.

David ficou de boca aberta:

— Um... bem... claro — Ele recuou e deu a Kara um encolher de ombros. Ela sabia que ele ficara chateado com o corte repentino. David queria provar a todos que era um grande guardião, apesar de ter uma reputação de cabeça quente. Ele murmurou algo e cruzou os braços.

Jeremiel sorriu suavemente para Kara e acenou com a cabeça:

— Por favor, diga-nos, com suas próprias palavras, o que aconteceu em sua missão.

Todos os olhares recaíram sobre Kara. Ela apertou as mãos firmemente atrás das costas. Seus olhos se encontraram com os de Jeremiel e ela assentiu com a cabeça.

Assim, Kara recontou os eventos ao Conselho, com detalhes elaborados sobre os seirs e os sensitivos. Ela dedicou especial atenção às partes sobre Lilith. Ela observava as reações do Conselho, mas suas feições eram ilegíveis e inexpressivas. Quando terminou, ela olhou para o Conselho... e esperou.

Um lampejo de incerteza passou brevemente pelos olhos escuros de Jeremiel. Seu rosto parecia indeciso, e ele compartilhou alguns olhares com os

outros arcanjos. Depois de um momento, ele voltou sua atenção para Kara:

— Foi exatamente assim que aconteceu?

— Sim... — disse David sonhador. — Foi incrível. Vocês deviam ter visto as caras feias de palhaço quando eles correram. Eu botei medo neles.

Jeremiel ignorou David e balançou a cabeça em perplexidade:

— Temo que seja muito pior do que aquilo que a arcanja Ariel havia avisado.

Jeremiel ficou em silêncio por um longo instante. E quando falou novamente, seu rosto estava sério:

— E você tem certeza de que ela não é uma elemental... essa Lilith?

Kara assentiu com a cabeça:

— Não havia certeza no começo. Eu pensava que ela fosse – eu a sentia como se ela fosse elemental. Mas ela só fez isso para me enganar. Quando ela mostrou seu verdadeiro eu para nós, eu soube que ela não era elemental. Ela parecia vil. Era como um demônio... só que diferente. Não consigo explicar.

— Entendo — Jeremiel observou Kara atentamente. Ela se moveu desconfortavelmente sob o olhar hipnotizante. Jeremiel inclinou-se e abaixou a cabeça. — Minha próxima pergunta é da maior importância, Kara. Você lembra se a Lilith deixou a entender que era uma *única* filha?

Kara forçou seu cérebro tentando recordar-se dos eventos com Lilith:

— Não estou realmente certa. Não me lembro de tudo. Eu estava tão furiosa com ela. Tenho certeza de que perdi algumas coisas. Eu pensei que ela fosse uma pequena criança elemental que havia enlouquecido, então não prestei tanta atenção no início. Mas ela não disse nada sobre isso... Eu acho. Você está dizendo que há mais de um? — Ela encolheu-se. *Poderia haver mais de uma Lilith?*

O Conselho entrou numa desarmonia de discussões acaloradas. Kara observava atordoada enquanto os arcanjos gritavam furiosamente na mesa. Kara identificou algumas palavras, tais como *fim* e para *escuridão eterna* em meio à gritaria. Suas vozes ecoavam em toda a câmara e retornavam como o trovão antes de uma grande tempestade. O céu nublou-se e a sala foi momentaneamente coberta pela escuridão.

— Basta! — Jeremiel levantou os braços no ar, e o Conselho mais uma vez ficou em silêncio. Kara podia ouvir os próprios dedos tremendo atrás de si. — Nós não podemos ter certeza de nada. Não sejamos vítimas de nossas emoções. Por enquanto, sabemos apenas de *uma* descendência. Não podemos dizer se existem outros.

David assobiou:

— Nossa! Um exército de suas irmãs — ele sussurrou.

— Ela não é minha irmã! — bravejou Kara, cerrando os dentes.

— Um... certo. Então, um exército de suas *meias*-irmãs assustadoramente albinas.

Kara se sentiu desconfortável. Ela não sabia no que acreditar. Pensar em Jenny rodeada por um grupo de abominações branqueadas de suas meias irmãs era assustador demais para ela. A alma da Jenny ainda estaria viva? Ela tinha de acreditar que sim. Era óbvio que Lilith queria que Kara pagasse pela morte de Asmodeus. E Jenny havia sido pega por causa disso. Se Lilith se parecesse com seu pai, ela manteria Jenny viva tempo suficiente para ver Kara sofrer. Ela tinha certeza disso. E precisava encontrar Jenny.

— Jeremiel, devemos presumir que há outros — disse um dos membros do Conselho de pele escura, em vestes de cor vinho. — Asmodeus era astuto. Como saberemos que ela é a única? Ele pode ter mil descendentes! O que aconteceria se eles nos atacassem? Claramente essa Lilith herdou alguns dos seus poderes... e algo mais. A Legião está em risco! Não podemos fingir que não.

— Acalme-se, Leriell — Jeremiel ordenou. Ele esfregou as mãos

distraidamente. — Precisamos pensar bem nisto. Não vamos tirar quaisquer conclusões precipitadas.

— O que precisamos são de mais informações — interrompeu um arcanjo moreno com uma pele verde-oliva. — Precisamos de provas de que não existem mais descendentes. Se soubermos com certeza, então poderemos nos preparar corretamente. A partir de agora, nada é certo. Pode haver um. Pode haver centenas. Como nós podemos proteger o nosso mundo sem saber o que esperar? — Seus olhos azuis penetrantes focaram em Kara por um momento.

— Creio que Muriel tenha razão — Jeremiel bateu os dedos na mesa. — Não devemos tomar nenhuma decisão precipitada, sem termos todos os fatos.

— E como podemos obter mais informações, Jeremiel? — perguntou Lერიel, sua voz erguendo-se acima da dos outros. — O submundo está fechado aos anjos. Não podemos ver além de seus muros. O que propõe que façamos? Que batamos à porta deles e perguntemos educadamente?

Jeremiel fechou os olhos por um momento, perdido em seus pensamentos:

— Tem toda razão, Lერიel. Mas há alguém que pode. Somos afortunados por haver entre nós um anjo com habilidades especiais. Um anjo que foi para o submundo... e retornou vivo.

Kara moveu-se nervosamente. Ela se sentiu que todos os olhos do Conselho estavam nela novamente. Ela odiava ser o centro das atenções. Ela olhou para suas botas.

— Kara — ela ouviu Jeremiel dizer — temo que nós devemos sobrecarregá-la mais uma vez com uma missão perigosa. Nós nunca pediríamos para assumir tal tarefa e arriscar sua alma angelical se não notássemos uma ameaça imediata contra o Horizonte. Nós pedimos que você volte ao submundo e descubra se Asmodeus possui mais descendência. Precisamos de você como nossa espiã.

— Ei! Eu também quero ser um espião! — sussurrou David, com uma

ligeira carranca no rosto. — Eu seria um espião incrível. Um dos meus apelidos na Legião é *00David*.

Kara ignorou David e suspirou de alívio. Aquilo era melhor do que ela esperava. Desta vez, ela não teria de sair escondida. Ela poderia ir para o submundo, reunir informações para o Conselho e salvar Jenny no processo. Esse era um bom plano, e ela precisava começar imediatamente.

— Eu farei isso — disse ela um pouco ansiosa também. — Partirei imediatamente. Eu obterei qualquer informação que precisarem e buscarei a minha amiga Jenny enquanto estiver lá.

— Kara — interrompeu a Arcanja Camael. Ela olhou para Kara gentilmente. — Sua amiga não poderia sobreviver no ambiente do submundo. Peço desculpa, mas você deve entender que a alma dela já não se encontra entre nós. Essa nova missão é perigosa, e você não deve se desviar dela. Será necessária toda a sua atenção. Não tente uma missão de resgate que já está perdida. A sua amiga se foi.

— Ela não se foi! A alma dela ainda vive. Eu sei! — a voz de Kara ergueu-se antes que ela pudesse se controlar. Mas ela não se importava. Ela sabia que Jenny não podia sobreviver muito tempo no submundo, mas ainda havia uma chance de sua amiga estar viva. Ela não podia estar morta. Kara não podia encerrar o fato de ser a causa da morte de sua melhor amiga.

— Por favor, seja sensata, Kara — disse Camael suavemente. — Eu sei que devemos muito por tudo o que você fez pelo Horizonte, mas, por favor, nos escute. Eu não quero magoá-la com estas palavras. Quero que esteja preparada. Lilith quer atraí-la para uma armadilha. Não se esqueça de quem era o pai dela. Ela tão astuta quanto ele. Ela sabe o quão longe você vai para salvar seus amigos. Não se esqueça disso. Ela está contando com as suas emoções. Sua amiga Jenny se foi. Não se deixe enganar pelas palavras de um demônio.

Kara balançou a cabeça:

— Ela não se foi. Eu sei que não. — Kara agarrou um pedaço do tecido

de sua roupa. — E eu vou encontrá-la — sussurrou para si mesma. — Eu vou.

Jeremiel bateu na mesa com as palmas das mãos:

— Bem, então, Kara Nightingale, aceita esta nova missão em busca de informações das profundezas do submundo? — houve um longo momento de silêncio.

Kara ajeitou-se no lugar:

— Aceito — finalmente disse ela.

O Arcanjo Leriel inclinou-se:

— E como, permita-me perguntar, planeja entrar no mundo dos demônios? — Ele perguntou com uma pitada de desprezo em seu tom.

Kara encontrou seu olhar:

— Da mesma maneira que antes. Através de uma fissura.

— Eles não sentirão a sua chegada? — a voz da Leriel era fria, e ele deu-lhe um olhar sério.

— Talvez. Não sei como funciona. Mas não se preocupe. Eu voltarei com as informações. — ela sorriu friamente para ele. — Estarei de volta antes que você perceba. Pode apostar.

Leriel contraiu os lábios e se reclinou em sua cadeira. Mais uma vez, seu rosto ficou inexpressivo.

O local estava sinistramente silencioso. Jeremiel ergueu a mão:

— Kara. Peço que Ariel seja uma conselheira nesta missão. Ela se juntará a você no nível 5 quando estiver pronta, e você poderá discutir seus planos com ela lá. Você terá total cooperação da Legião nesta missão.

— Obrigada, tenho certeza de que precisarei dela. — Kara endireitou-se, seu rosto trazia uma máscara de calma. Mas suas mãos tremiam

nervosamente atrás dela. *Estou indo, Jenny. Espere mais um pouco.*

— Eu vou com você — sussurrou David. — E não tente me impedir desta vez. — Ele juntou o cabelo com as mãos.

Kara franziu a testa e falou com o canto da boca:

— Não, você não vai comigo. Você não pode vir, David. Me desculpe, mas é muito perigoso. Você sabe disso.

— Eu vou, sim.

— Não, não vai.

— O que dizia, Sr. McGowan? — Jeremiel percorreu o olhar entre os dois com grande interesse. Seus olhos escuros estavam fixos em David.

— Que eu quero ir com ela — disse David. — Ela não deve ir sozinha. Ela precisa da minha ajuda.

Jeremiel balançou a cabeça. Seu longo cabelo negro caía em torno dos ombros:

— Isso é impossível, meu caro. Sua alma angelical iria desintegrar-se em pó no momento em que passasse para o reino dos demônios. Isso não é possível.

— Ele está certo, você sabe. Você morreria. — disse Peter. Ele afundou o queixo no pescoço quando viu a expressão furiosa de David.

— Ela não deve ir sozinha! É suicídio! — a voz de David se ergueu e Kara viu um lampejo de irritação no rosto de Jeremiel. — Tem de haver outra forma de atravessarmos para lá. Talvez apenas não a tenhamos descoberto ainda.

Kara tomou a mão de David e a apertou delicadamente:

— Está tudo bem David. Entrarei de fininho e voltarei sorrateira. Eu prometo. Não vai acontecer nada. Eu vou estar de volta antes que você perceba.

Além disso, é culpa minha a Jenny ter sido levada. Eu não posso deixá-la lá. Eu sou a única que pode fazer isso. Eu tenho de fazer isso sozinha.

— Não gosto disso. — David fez uma careta e cruzou os braços sobre o peito. — A Lilith está esperando você lá, você sabe.

— Eu sei. Mas não posso deixar Jenny morrer só porque minha meia-irmã é psicopata. Tenho de tentar salvá-la.

Kara e David se entreolharam. Uma compreensão passou entre eles. David apertou a mão dela e sorriu.

— Já entendi — disse David. O azul dos seus olhos brilhou na luz suave. — Só não deixe que a matem.

— Não deixarei. Eu prometo.

— Muito bem — disse Jeremiel. — Está resolvido. Kara, que as almas a protejam em sua jornada.

Pela primeira vez, Kara viu o sinal de um sorriso nos lábios do Jeremiel. Ele apontou o dedo longo para David e Peter:

— Vocês dois devem regressar à DCD. Vocês se reportarão à arcanja Ariel e permanecerão em seus postos até novo aviso. A reunião está encerrada.

— Espere! E sobre os seirs? — perguntou, de repente, Kara. — O que farão com eles?

A testa de Jeremiel se enrugou. Ele deu-lhe um sorriso:

— Os seirs são um grupo de mortais que há muitos séculos causam estragos. Eles são inofensivos, apenas um incômodo para o resto do mundo mortal. Eles não são uma ameaça direta a nós e, portanto, não é nossa principal preocupação. Eles podem ser facilmente combatidos se começarem a causar problemas. Não se preocupe. Não se preocupe com eles, Kara. Seu único foco deve estar em obter as informações de que precisamos.

— Certo. Se você diz — Kara concordou com a cabeça.

Ela observou o Conselho. Eles estavam confiantes demais. Esse havia sido seu primeiro passo em falso. A relutância deles em dar atenção aos seirs era um erro - um erro muito grande. Mortais ou não, eles poderiam causar danos sérios. Mas não cabia a ela decidir. E Jenny precisava de sua ajuda agora.

Com as palavras de Jeremiel ecoando em sua cabeça, Kara virou-se e saiu da câmara. Ela não esperou pelos outros. Apressou-se pelo corredor e passou por um oráculo que enrolava a barba em sua cabeça. Ela ouviu David e Peter chamarem seu nome, mas ela os ignorou e correu ainda mais. Havia esperança, uma réstia de esperança, de que Jenny ainda estivesse viva. E havia apenas uma maneira de descobrir.

Ela tinha de voltar ao salão das almas.

Capítulo 9

Janelas para as Almas

Kara seguiu uma pequena criança de cabelos dourados através de um campo de luzes cintilantes. Seu manto azul cor de miosótis esvoaçava em seus calcanhares, e Kara apressou o passo para a acompanhar. Um céu de ébano pairava sobre eles, com milhares de estrelas cintilantes. Kara sabia que estas não eram estrelas, mas luzes luminescentes das almas suspensas. Sua intensa presença pesava fortemente em Kara - o zumbido suave de milhões de pequenos corações batendo ao mesmo tempo. As almas estavam vivas, esperando para a outra vida, para renascer como alguém novo. Os cabelos de seu pescoço se eriçaram. O ar quente roçou seu, e ela acelerou o ritmo.

Mas nem todas as almas do salão brilhavam intensamente. Alguns globos enegrecidos pairavam perto do chão de mármore. Sua luz outrora brilhante havia sido extinta, e apenas uma carcaça vazia permaneceram. O peito dela ardia - essas almas estavam mortas - nunca renasceriam. Asmodeus havia liberado milhares de demônios que massacraram tanto mortais como anjos. Mas Kara também havia sido parcialmente responsável. Sem ela, o plano dele nunca teria funcionado.

Kara inclinou a cabeça e suspirou. Não havia tantos querubins quanto antes, mas, com certeza, mais do que da última vez em que estivera ali. Ela contou quase uma centena. Seu coração doeu com a lembrança do querubim morrendo em seus braços e de como seu corpo se desintegrou no ar. Ela nunca queria passar por aquilo novamente.

Uma luz brilhante os cercou. Seus passos ecoavam sobre o chão suave de mármore negro. Eles se aventuraram mais adentro, em meio a esferas deslumbrantes. Globos radiantes flutuavam em torno deles, como vaga-lumes gigantes. Uma onda de energia quente vibrou dentro dela. Depois de caminhar por quase meia hora, o querubim parou abruptamente e apontou.

— Aqui está. Este é o anjo da guarda, a alma de Jenny Harris — disse ele com uma voz tímida.

A dor explodiu no peito de Kara e seus dedos tremiam. Ela inclinou-se mais para perto. Ela piscou com o brilho e o calor irradiados em seu rosto. Estendeu a mão trêmula e tocou na alma reluzente.

Um choque de eletricidade a percorreu. Sua cabeça foi jogada para trás. Ela imediatamente foi sobrecarregada com imagens das vidas passadas da sua amiga. Rostos de pessoas que ela não reconhecia passavam como um borrão - uma mulher de pele escura envolvida em um sári azul e branco estava diante de um espelho; uma jovem com cabelos loiros despenteados reorganizava as bonecas numa grande casa de bonecas colonial; uma mulher sorridente com um rosto cheio de rugas colhia morangos em um campo. Embora os rostos fossem diferentes, Kara podia sentir a presença de Jenny em todos eles. Era como se ela estivesse vendo velhas fotografias de seus próprios parentes distantes - e reconhecesse os traços familiares nos rostos e olhos.

Então, as imagens pararam de repente. Uma névoa negra sinistra levantou-se em sua mente. O nevoeiro crescia ligeiramente. A imagem de Jenny inconsciente podia ser vista em meio à névoa negra. Ela estava inclinada, e uma corrente de ferro grande estava presa em sua cintura. Sua pele estava branca e pálida. A névoa negra ficou espessa e Jenny desapareceu.

Kara soltou a alma e cambaleou para trás. Uma dormência se espalhou por seu corpo. Sua cabeça doía. Um pulsar soou em seus ouvidos. Um arrepio a percorreu. Levou um tempo para ela se recompor.

— Ela está viva! Ela está viva! — Kara saltou e agarrou as vestes do querubim. Ela o puxou para dar um abraço apertado e o beijar várias vezes na testa. — Obrigada, obrigada, obrigada! — Kara soltou o querubim que a encarava confuso.

— Um... de nada. — O querubim sorriu nervosamente, alisou seu manto e correu para fora, tocando no ponto da testa onde Kara o havia beijado.

Kara dançou e pulou em seu caminho de volta para o elevador. Ela estendeu os braços e correu através pela sala de almas reluzentes, como se estivesse correndo pelos campos da casa de verão de sua avó. Seus dedos

roçavam os globos suaves. Pequenos choques de eletricidade comichavam a ponta de seus dedos, e ela acenava alegremente para os querubins perplexos.

Kara deixou o salão das almas mais esperançosa. Jenny estava viva em algum lugar do submundo, e Kara estava determinada a encontrá-la. Embora fosse necessário coletar informações para o Conselho – era seu trabalho fazê-lo –, no fundo, ela sabia que sua própria prioridade era salvar a vida da sua amiga. Ela não podia negar. Ela não deixaria Jenny apodrecer nas entranhas do reino dos demônios. Ela iria salvá-la, não importa o que custasse, mesmo que isso significasse voltar ao tártaro - ela não se importava.

Na visão, Jenny parecia mal, e Kara sabia que não havia muito tempo. Sua missão de descobrir se havia um exército de Liliths poderia esperar até outra viagem – isso é, se ela conseguisse voltar afinal. Kara sabia que contar ao Conselho que Jenny estava viva seria um erro. Eles a forçariam a ignorar sua amiga, ou pior, esperaria até a alma de Jenny estivesse morta antes de enviá-la. Não. Ela decidiu manter essa informação para si mesma. Não havia nenhuma razão para alarmar o Conselho, já que todos acreditavam que Jenny estava morta.

Kara entrou na DCD uma hora mais tarde. Ela abriu caminho através das mesas e cadeiras e notou algumas faces novas, que não reconheceu. Alguns anjos a olharam quando ela atravessou a sala. Eles murmuravam baixinho, e ela ouviu o nome de sua meia-irmã ser sussurrado ao longo do caminho. A DCD era pior do que uma escola local, quando se tratava de guardar segredos. Parecia que sua missão estava na mente de todos. Kara olhou para os espectadores, e eles rapidamente se viraram e fingiam ocupar-se com seu trabalho. Mas ela ainda pegou os murmúrios de seu nome uma vez ou duas vezes. Sua condição anormal ainda era tópico de uma fofoca contínua.

Ela caminhou lentamente em direção à grande mesa no meio da câmara. Apenas uma cadeira não estava vazia. Aparentemente, David e Peter não voltaram diretamente para o nível 5. Kara se perguntou brevemente o que eles estariam aprontando. Ela tinha o estranho pressentimento de que David estava tramando algo para ir com ela. Ela esperava que ele não fizesse nada estúpido ou descuidado. Tudo com David quase sempre era imprudente, não

importava o que fosse. Esse era seu lema. Ele estava sempre arranjando problemas. E agora havia arrastado Peter consigo. Ariel sentava-se sozinha na mesa. Ela observou Kara se aproximar.

— Olá, Kara — disse Ariel. Ela fez um gesto com a mão. — Por favor, sente-se. Tenho certeza de que você está ansiosa para partir, mas eu tenho algumas coisas para falar com você antes disso.

Kara contraiu os lábios e assentiu com a cabeça. Ela sentou-se numa cadeira em frente à arcanja. Colocou as mãos no colo e esperou. Com os dedos trêmulos, ela se imaginou contando a Ariel sobre a alma de Jenny, mas, no último minuto, desistiu de fazê-lo. Ela mal conhecia Ariel e não sabia que ela guardaria seu segredo. Ela não podia correr esse risco.

— O Conselho lhe explicou como esta missão é importante para a Legião. Você está mentalmente preparada para ela? — Ariel inclinou-se para a frente. Seus grandes olhos cor de caramelo observavam Kara cuidadosamente. — Você tem tudo de que precisa? Armas?

— Sim, eu acho. — Kara se mexeu em sua cadeira e voltou a olhar a arcanja. — Além de algumas armas, não preciso de muita coisa mais. Se for para se uma *espiã*, então eu devo ficar mais invisível do tudo, certo?

— Sim, tem toda a razão. — Ariel olhou para a mesa e depois voltou-se para Kara. — Sabe onde encontrar a fissura que leva ao submundo? Alguma ideia de onde ela poderia estar situada?

— Bem, eu esperava que Peter me ajudasse com isso. — Kara olhou para atrás. — Eu pensei que ele já estaria de volta. Gostaria de saber onde ele está.

— Tenho certeza de que ele vai aparecer para vê-la. Não se preocupe. — Ariel parecia séria.

— Kara, me escute. Você precisará de cuidado extra. Não sabemos nada sobre essa Lilith. Tudo o que sabemos é o que você nos contou, que ela alega ser filha de Asmodeus, embora não tenhamos provas. Contudo, a raiva que

ela sente por você parece ser prova suficiente para o Alto Conselho agora, mas isso não me cheira bem. E não gosto da ideia de você entrar lá sozinha.

Kara deu de ombros:

— Eu não tenho escolha. Ninguém pode vir comigo. — o rosto aflito de Jenny surgiu em sua mente. Ela inclinou-se e colocou as mãos sobre a mesa. Ela suspirou com impaciência.

— Eu sei disso — disse Ariel — Mas simplesmente parece que algo não está certo. Você sempre deve estar com a sua equipe.

Kara se mexeu em seu assento e começou a bater os dedos na mesa:

— Certo. Ouça, se isso for tudo, eu tenho mesmo de ir agora. Não há muito tempo.

Kara começou a se levantar, mas ficou paralisada quando deu de encontro com o olhar ameaçador de Ariel. Ela sentou-se de volta.

— Precisamos saber se existem mais desses descendentes. — Ariel baixou a cabeça um pouco, balançando suavemente o cabelo. — A ideia de Asmodeus ter se reproduzido pode trazer consequências catastróficas. Você, por exemplo, você herdou poderes de demônios, anjos caídos e mortais. Quais poderes teriam os outros filhos dele?

— Que sorte a minha. — Kara deixou escapar. — Eu farei o que puder. Prometo. Mas ela é muito poderosa. Eu mencionei que ela pode assumir diferentes formas? Eu não posso fazer isso. E sei que ela não será uma fácil oponente. Não sei como lidar com ela. Espero não precisar. Nós nem ao menos sabemos o que ela é.

— Pelo o que você nos disse — respondeu Ariel — sabemos que ela é parte demônio, mortal e outra coisa. Eu sei que não é muito, mas é tudo o que temos. Você é os nossos olhos nessa questão, Kara. Você é a única de nós que pode entrar no submundo. Você deve ter sucesso em sua missão. Não sobreviveremos a outro ataque. Asmodeus foi astuto e implacável. Ele não se

importou nem um pouco pelas almas dos mortais e dos anjos. Ele tinha mais de um plano em ação. Lilith pode ser ainda mais perigosa!

Kara se mexeu em seu assento. Rostos de mortais mortos surgiram diante de seus olhos. Seus gemidos encheram sua mente. Ela suprimiu um arrepio. Jenny não seria um deles:

— Eu vou fazer o meu melhor. Bem, se isso é tudo, eu realmente devo ir. Obrigada pela conversa.

Ariel inclinou-se e pegou Kara pelo braço:

— Kara. Eu sei que você pensa que a alma da sua amiga ainda vive, mas não deixe suas emoções interferirem em sua missão. Não se desvie com a possibilidade de Jenny ainda estar viva. Ela não está. Lilith só quer que você pense que sim por uma razão. Kara, fique atenta. Ela provavelmente quer que você sofra. A vingança é um sentimento feio. — Ariel soltou o braço de Kara suavemente.

— Eu sei. — Kara empurrado sua cadeira para trás e se levantou. Uma ligeira sensação de culpa jorrou dentro de seu peito. Ela entendia a importância da sua missão, mas não poderia deixar Jenny também. Ela acenou para Ariel, concordando. — Eu vou ficar bem. Não se preocupe.

— Estamos aqui! — David caminhou em direção a eles. — Vocês podem começar agora. — Ele sorriu descaradamente. Peter veio atrás parecendo presunçoso. Kara revirou os olhos duas vezes.

— O que se passa, rainha Ariel? Sentiu minha falta? O forte desmoronou na minha ausência? — David sorriu para a arcanja, que, apesar do choque de Kara, sorriu de volta.

— Na verdade, estamos conversadas. — Kara interrompeu — Estou prestes a partir. Só preciso da localização de uma fissura para o reino dos demônios. Peter, você acha que pode me ajudar com isso?

— Já fiz isso. — Peter sorriu para ela. A voz dele ergueu-se com

orgulho. — Eu sei onde fica. Eu já a encontrei. Está no Brasil. E nós vamos acompanhá-la, sabe, para vê-la partir — disse David.

Aquilo era mais uma declaração do que uma sugestão. O azul dos olhos dele ainda a hipnotizava. Um choque de eletricidade percorreu seu corpo. Ela desviou os olhos para longe dele.

— Sério, pessoal? — Kara balançou a cabeça e sorriu apesar de tudo. — Obrigada, mas não é realmente necessário. Eu me viro sozinha. Além disso, tenho certeza de que a arcanja Ariel tem outros trabalhos para vocês.

— Nós insistimos! — David agarrou Kara pelo cotovelo. — Vamos para a armaria, vamos?

Ariel olhou para eles com desconfiança, e David arrastou Kara à parede de armas.

— David, o que você está fazendo? — sussurrou Kara. Ela puxou seu cotovelo da mão dele.

David abaixou a voz:

— Nós temos algo para lhe contar. Algo a ver com a sua missão. — Ele pegou uma lâmina de ouro e a inspecionou atentamente. Ele levantou a voz dramaticamente. — Esta aqui é muito boa! Sim! E pode fazer uns bons estragos! Ela corta facilmente alguns demônios feios! — Ele gritou para certificar-se de que Ariel o ouvisse.

Kara observou Peter fingindo estar interessado em um líquido prateado brilhante que parecia estranhamente uma grande teia de aranha:

— O que vocês estão fazendo? Seja o que for que queiram me contar, é melhor serem rápidos, Ariel está nos observando. Ela não é estúpida. Ela não se deixa enganar por muito tempo.

— Nós vamos com você. — David continuou olhando a lâmina reluzente de modo casual.

Kara franziu o cenho:

— Sério, David? Sabe que não pode. Lembra-se da última em vez que você tentou passar por uma fissura - quase perdeu o braço. É impossível. Realmente não tenho tempo para isso. Jenny precisa de mim. Eu tenho que partir.

David sorriu e colocou a lâmina de volta na prateleira. Ele tomou a mão direita dela nas suas:

— Está fora de cogitação eu deixá-la ir sozinha novamente. Nós *dois* iremos com você ao submundo – nosso menino gênio descobriu como.

— O quê? — a voz de Kara se ergueu. Ela olhou de volta para Ariel, que ainda os observava com ceticismo. Ela, então, abaixou a voz. — Isso é loucura. Vocês sabem que não podem ir. Vocês vão morrer. Isto é estúpido, parem com isso agora.

Peter se espremeu no meio deles e baixou a voz:

— Não é estúpido. Nós descobrimos uma maneira. E vai funcionar. Tenho certeza.

Kara estudou os rostos deles. Eles não pareciam estar brincando. Eles estavam sérios:

— E como pretendem fazer isso? Vocês não têm nenhuma essência dos demônios em vocês. Apenas aqueles com um espírito demoníaco podem viajar para o reino dos demônios. Vocês sabem disso. Não os deixarei ir em uma missão suicida. Não mesmo. Esqueçam.

Peter assentiu, ainda com um estreito sorriso de empolgação:

— Mas não é uma missão suicida. Eu ouvi a Arcanja Rafael falar algo quando eu estava voltando do Cura Express. Ela disse que, se eles ao menos pudessem tirar um pouco da *sua* força para dar aos outros, isso os tornaria mais resistentes às ameaças dos demônios. Então, isso me deu uma ideia.

Kara levantou uma sobrancelha:

— E qual seria a sua ideia louca?

Peter olhou ao redor:

— Se pudermos, de alguma forma, pegar um pouco da *sua* essência e colocá-la em *nós*... então, talvez tenhamos uma chance de passar para o outro lado.

Kara os encarou desnorreada. Ela havia ouvido direito?

— Eu realmente acho que isso poderia funcionar — disse David, com seu sorriso bonito. — Acho que temos um bom palpite. Seríamos uma equipe novamente.

— Vocês dois são loucos! — a voz de Kara se ergueu, mas logo a abaixou quando viu Ariel olhando para eles novamente. — Isso *não* vai funcionar. De jeito nenhum deixarei que façam isso. Como vocês podem pegar um pouco da minha essência?

— Vai funcionar, *sim* — pressionou David. Ele apertou a mão dela. — Kara, escute. Eu irei com você desta vez - não importa o que acontece. Você não pode me impedir.

Kara estudou o rosto de David. Ela já o vira determinado antes e sabia que não seria capaz de dissuadi-lo. A última coisa que queria era perder Peter e David, mas eles não pareciam entender o lugar perigoso, repugnante, vil e traiçoeiro que o submundo era. Os anjos não estavam seguros lá.

— E como você pretende fazer isto, Dr. Frankenstein? — Kara imaginou-se presa a uma cama de metal com tubos saindo pelo seu corpo, enquanto Peter, envolto em um jaleco branco, a rodeava com os olhos arregalados e um rosto enlouquecido.

David sussurrou:

— Nós lhe mostraremos assim que sairmos daqui. — ele olhou para Ariel, que ainda os encarava desconfiadamente — Vamos sair daqui antes que

Ariel descubra o que estamos fazendo.

Com relutância, Kara selecionou suas armas:

— Tudo bem. Vamos lá então, Sherlock Watson.

David e Peter compartilharam um sorriso, e os três caminharam na direção do elevador. Kara duvidava se o plano deles funcionaria. Ela tinha um mau pressentimento de que este era apenas o começo de um dia muito agitado.

Capítulo 10

Um Coquetel de Anjos

O ar úmido roçava no rosto de Kara. O sol quente batia em sua cabeça. A fumaça dos escapamentos subia como nuvens cinza, sufocando qualquer ar fresco. O aroma de carne assada e o cheiro penetrante de fumaça emanavam das ruas. A megalópole de concreto de São Paulo era esmagadora. Milhões de mortais saíam para trabalhar e, ao deixarem o serviço, se reuniam nos restaurantes das proximidades. Altas conversas em um idioma que ela não entendia a rodeavam. Ela não sabia nenhuma palavra em Português, mas a língua soava exótica e bonita. Arranha-céus sem fim delimitavam o horizonte de todos os ângulos.

Eles passaram por muitos parques verdes luxuriantes; as avenidas eram todas decoradas com árvores frondosas que balançavam ao vento. Lembrando-se das lições de sua aula de Geografia do Ensino Médio, Kara soube que esta era a maior cidade da América do Sul; São Paulo até fazia Nova York parecer pequena em sua comparação. Ela se sentiu muito insignificante, pequena e claustrofóbica. Muito para sua própria surpresa, Kara percebeu que preferia a vida tranquila de cidade pequena, onde podia se ouvir pensar.

Peter trazia uma engenhoca quadrada que mais parecia um controle remoto de televisão com fios brotando do topo. Uma eletricidade verde fluía pelo dispositivo. Depois de lê-lo por um momento, ele fez um gesto para Kara e David e liderou o caminho através dos inúmeros transeuntes. Kara ficou aliviada ao ver que as calçadas eram suficientemente grandes para acomodar tantas pessoas ao mesmo tempo. Mas ela ainda foi espremida e empurrada pela multidão mortal. Após dez minutos de luta contra a multidão, ele ficou agradecida quando Peter deu uma virada repentina e os levou para uma rua tranquila. Ele ficou na frente de um edifício bege, com uma grande vitrine que exibia diversos manequins femininos. Ele levantou a mão e apontou.

— Está lá dentro. Venham, sigam-me. — Peter subiu três degraus e abriu uma grande porta verde. Kara e David o seguiram rapidamente.

O cheiro de mofo e de cigarros chegou até eles ao entrarem. Kara tossiu

e cobriu o nariz. Eles seguiram Peter através de uma infinidade de prateleiras repletas de roupas velhas. As lâmpadas fluorescentes no teto baixo zuniam incessantemente. Kara evitou pisar em grandes manchas marrons. Pequenas marcas pretas de queimado recheavam o tapete bege que se estendia por toda a loja. Após passar por uma seleção de manequins seminus vestidos com roupas dos anos setenta, eles se dirigiram para o fundo da loja, chegando a um corredor.

Uma porta ficava no final do corredor. Peter colocou a mão na maçaneta de metal e puxou. Havia uma escadaria. Juntos, eles desceram por uma longa escadaria até o porão. Caixas estavam empilhadas até o teto. Roupas caíam das caixas abertas. O ar estava parava e um cheiro de incenso os cercava. Grandes besouros pretos se espalhavam pelas paredes e desapareciam nas fendas. Kara se esquivou de uma luminária de halogênio meio caída, que balançava no centro do local e criava assustadoras sombras tremeluzentes.

— É por aqui. — Peter apontou para um ponto da parede que se movia e vacilava, como se fosse feita de gesso líquido.

Kara atravessou o local e parou ao lado de Peter:

— Então, e agora, Dr. Frankenstein?

Seus nervos ficaram à flor da pele. Ela cruzou os braços e escondeu as mãos trêmulas debaixo deles, tentando parecer calma.

Peter guardou sua engenhoca no bolso:

— Agora nós começamos. Vamos dar início com o nosso coquetel especial.

Ele baixou sua mochila verde no chão. Depois de vasculhá-la por um momento, ele puxou uma minúscula adaga prateada. A lâmina tinha uma curvatura semelhante à de um gancho. Ele compartilhou um olhar de soslaio com David e sorriu.

— Então, o que planeja fazer com essa lâmina? — Kara não escondeu seu ceticismo. Ela olhou o punhal com desconfiança. — Sério, o que vai fazer?

Escalpelar-se?

— É agora que começa a diversão — disse David com orgulho. — Dê-me isso aqui.

Ele tirou a adaga de Peter e estendeu a mão:

— Dê-me suas mãos, Kara.

Kara pôs as mãos nos quadris e olhou furiosamente:

— Com licença. Você não pode estar falando sério. Você vai me fazer... *sangrar*? De jeito nenhum. Isto não vai acontecer.

— Nós não podemos fazê-la *sangrar*. Você não tem nenhum sangue, lembra? — respondeu Peter, um pouco hesitantemente. — Mas precisamos cortar seu traje M para pegarmos um pouco da sua essência.

Kara recuou. Ela apontou o dedo para David:

— Você *vai* me fazer sangrar! Eu achei que você estivesse brincando! Esqueça. De jeito nenhum deixarei que façam isso. Isso é loucura.

— Todos nós precisamos de um corte, não é só você — disse Peter. — Para que o nosso plano funcione, a sua essência tem de passar de você para os nossos corpos através de nossas mãos. A sua essência precisa se misturar com nossas para dar certo.

Kara considerou brevemente as palavras dele. Ela passou a mão na testa:

— Vocês enlouqueceram. Vocês dois enlouqueceram completamente. E sabem disso. Isso nunca vai funcionar.

Kara observou David nervosamente. Qualquer que fosse a essência que corria em seu corpo, ela sabia que era perigosa. Era a escuridão que ela às vezes sentia no fundo da sua mente. Aquilo podia ser um veneno para outro anjo. E se sua essência os deixasse doente? Ou pior... os matasse.

— Kara, escute. Nós achamos que isso vai funcionar. — David se aproximou dela com cuidado. — Você precisa confiar em mim. Você vai precisar da nossa ajuda no submundo. Eu não vou deixar você ir sozinha desta vez. Esqueça. Isto *vai* funcionar. Eu sei que vai. Dê uma chance.

— Mas se não funcionar? E, então? — Kara cerrou o queixo.

— Então, nós dois voltaremos. Prometo. — os olhos de David brilhavam de preocupação. — Mas eu tenho que tentar primeiro. Se não funcionar, então nós partiremos.

Kara se sentia tocada pelo fato de David considerar-se seu protetor, mas ela temia por ele. Ele tinha medo do que poderia acontecer depois que eles pisassem no reino dos demônios. Ter aliados era uma vantagem, ela definitivamente precisava da ajuda deles. Então, que mal haveria? Se eles pudessem passar ilesos, então o palpite era válido. A alma de Jenny valia a tentativa.

Ela suspirou alto. David segurou sua mão nas dele e olhou para ela com expectativa. Seus olhos se encontraram por um momento.

Relutantemente, Kara deu a David ambas as mãos:

— É melhor que isso funcione.

Ele virou as palmas das mãos dela para cima.

Cuidadosamente, David passou sua lâmina na palma direita de Kara. Com uma torção de pulso, ele a cortou. Ela sentiu uma picada, mas não demonstrou nenhuma emoção. Imediatamente, uma luz emanou da ferida e iluminou seus rostos com um brilho dourado. O corte era profundo. Gotas douradas caíram no chão aos pés deles. Com outra picada, David cortou a palma da mão esquerda de Kara.

Satisfeito, ele, então, passou a lâmina em sua própria mão e cortou sua palma. Seu traje M partiu-se levemente e raios de luz branca vazaram de sua ferida. Um líquido branco derramou de seu pulso. Depois de cortar-se, ele virou-

se e segurou Peter, que estava petrificado.

Com um pequeno gemido, Peter fechou os olhos, e David cortou as palmas de suas mãos. O rosto de Peter ficou iluminado por raios de luz branca.

— E, agora, vamos todos dar as mãos — disse David.

Os três deram as mãos e formaram um círculo.

No início, não aconteceu nada, mas, depois, Kara sentiu um formigamento suave suas palmas. Seus olhos se encontraram com os de David momentaneamente, que deu-lhe um sorriso tranquilizador. Uma onda de calor passou por seu peito e escapou por suas mãos. Ela sentiu um frio passar por seu corpo como um fluxo. Minúsculas faíscas douradas dançavam ao redor das mãos de Kara. Elas subiram por seus braços e circularam os de David, depois os de Peter, até que os três estivessem cobertos por espirais douradas. Seu poder elemental se levantara sem convocação. Ela o sentiu passar por seus braços e escapar de suas mãos. Ela ouviu Peter e David rir. Sua cabeça tombou para a frente ligeiramente, e ela sentiu sua energia ser um pouco drenada, semelhante a um vírus de quando ela era mortal. Mas não foi o suficiente para ela se alarmar. Lentamente, a energia fluiu de seu corpo.

Um violento choque os sacudiu. Fios dourados em espiral os envolveram selvagememente. Com um estalido, a energia aderiu-se mais a eles. O rosto e as roupas de Kara foram violentamente açoitados por ventos fortes. Com um estouro repentino, as luzes explodiram e os regou com cacos de vidro quente. Uma explosão de luz dourada acendeu o ar ao redor deles. A terra tremeu e o cabelo de Kara ficou em pé.

— Algo está errado! — gritou Kara sob os ventos enfurecidos. Ela tentou tirar suas mãos, mas não conseguiu. Era como se eles estivessem colados um ao outro. Peter olhou para o teto. Seus olhos se arregalaram. Kara seguiu o olhar dele.

Uma nuvem negra havia se formado sobre suas cabeças. Ele girou e se fechou neles. Raios ofuscantes atingiram o chão aos pés deles. Toda a estrutura do prédio sacudia e balançava, ameaçando desabar sobre eles a qualquer

momento. Pedacos grossos de gesso caíram sobre suas cabeças, vindo das paredes. O assoalho rugeu e empenou. Kara ouviu Peter gritar, apesar do assóvio do vento. Outro relâmpago caiu bem na frente deles.

Kara gemeu. Aquilo estava errado. Ela não podia ter deixado que eles a convencessem.

A tempestade negra estava em volta deles. Relâmpagos cortavam a escuridão. Houve uma rajada e outra saraivada de relâmpagos.

— Kara, está queimando! — gritou David ao som do vento uivante.

Kara cambaleou para a frente quando David puxou seus braços em outra direção. Suas mãos não se separavam. Ele gritou em frustração.

Desesperadamente, Kara deu um puxão em suas mãos. Nada.

A cara de Peter estava distorcida de agonia. Ela viu os lábios dele se movendo em grito silencioso. Kara puxou suas mãos com enorme força. Nada. Parecia que eles estavam cimentados. A impressão era a de que, se ela puxasse mais um pouco, arrancaria os braços deles. O cheiro de carne queimada chegou às suas narinas. Uma névoa se enrolava em torno do corpo de Peter e de David. Eles estavam sendo assados.

Kara fechou os olhos e se concentrou. Bloqueando os gemidos de Peter e de David, ela buscou seu poder. Ela o invocou. Uma energia quente se levantou de uma só vez dentro dela. Porém, logo recuou, como se seu corpo fosse um aspirador que sugava o restante de seu poder através de suas mãos. A energia fluiu pela palma de suas mãos, mas voltou para dentro dela.

De repente, uma bola branca e quente de poder se formou no meio deles. A bola aumentou. Com uma súbita explosão, Kara, Peter e David foram lançados no ar, batendo contra as paredes.

Houve uma quietude. Kara se virou e olhou ao redor. Ela piscou sob uma leve névoa de fumaça. Pequenos focos de fogo queimavam as caixas de papelão e as roupas no chão. Marcas de fogo cobriam as paredes com manchas escuras e

feias. Kara tirou um pedaço de gesso quebrado de suas pernas e procurou por Peter e David.

— Vocês estão bem?

David se levantou e limpou seu jeans. Nuvens de poeira branca saíram de suas roupas:

— Ainda tenho todas as minhas partes. Peter? Você está bem?

Peter se sentou. Ele assentiu com a cabeça e ajustou os óculos:

— O que diabos aconteceu? Vocês sentiram isso? — ele cuspiu uma sujeira de sua boca.

Kara ficou de pés. Ela olhou zangadamente para eles antes de sua expressão se acalmar:

— Acho que foi um efeito colateral do seu plano de mestre. Eu sabia que seria um erro. E, ao que parece, eu diria que foi erro um muito grande.

— Ah, vamos lá! Foi incrível — David sorriu enquanto se alongava. — Eu nunca havia experimentado algo assim. Era como se eu pudesse sentir vocês passando por mim. Cara, isso foi muito estranho.

— Sim — disse Peter, com os olhos arregalados. — Mas não sei ao certo o que foi essa coisa toda de nuvem... e relâmpagos. O que foi aquilo?

Kara pôs as mãos nos quadris:

— Talvez tenha sido um aviso de que se tratava de uma *má* ideia. — ela apagou um dos focos de incêndio com sua bota. — Mas como se sente agora — ela perguntou nervosamente. — Você se sente diferente? Mal? Fraco?

— Não estou mal. Mas me sinto um pouco tonto... como se tivesse bebido demais. — David riu.

Peter ficou em silêncio por um segundo, e, então, levantou suas

sobrancelhas:

— Não é o que eu esperava. Mas me sinto surpreendentemente bem e tenho esperanças de que ainda funcione. Contudo, não tenho certeza... depois de todo aquele ataque de relâmpagos.

— Vai funcionar. Estou dizendo que vai. — David esfregou as mãos. — Está bem. Vamos começar a festa.

Uma mulher idosa invadiu o porão. Ela estava ofegante. Seu vestido estampado de vermelho e branco balançava em torno de sua cintura larga. Seu cabelo branco estava preso em um coque. Seus grandes olhos cinzentos pareciam assustados. Ela levantou um dedo ossudo e apontou:

— Demônios! Vocês são demônios! — berrou ela.

— O que ela disse? — sussurrou Kara. Ela observava a velha intensamente. Algo escuro brilhava atrás dela, em sua outra mão.

— Meu português é um pouco ruim. Mas acho que ela acabou de nos chamar de demônios — disse Peter, dando a Kara um encolher de ombros.

— Ótimo. Isso é tudo o que precisamos agora. — Kara se aproximou da mulher com cuidado. — Por favor, eu não falo português. Mas não somos demônios. — Ela apontou para si mesma e balançou a cabeça. — Veja, somos anjos... não demônios.

A mulher recuou e ergueu a outra mão. Ela portava um objeto escuro.

— Oh, cara! Ela tem uma arma. Isto não é *nada* bom. — David bateu na testa com a mão.

— David, quieto! — Kara levantou as mãos. — Por favor... não temos a intenção de fazer nenhum mal...

BANG!

Mão da mulher ricocheteou para trás. Uma fumaça subiu do cano da

arma. Uma pequena pulsou no peito de Kara e depois desapareceu. Ela cambaleou para trás. Apertou as mãos sobre o peito. A mulher havia atirado nela.

No início, ela começou a entrar em pânico, mas, então, percebeu que não podia morrer com uma bala, pois já estava morta. Ela ouviu algo cair no chão atrás dela. Kara se ajoelhou e pegou a bala de bronze da arma. Estava quente. Ela ficou de pé e levantou a blusa. Lentamente, ela moveu a mão sobre o abdômen. Sua pele estava intacta, com exceção de um pequeno buraco acima de seu umbigo. Ela não sentia dor. A bala a havia atravessado.

— Diabo! Diabo! — A velha jogou suas mãos para o alto e gritou.

A arma caiu no chão com um barulho suave. Ela virou-se e subiu as escadas com uma velocidade que Kara considerava impossível para uma velha com uma barriga tão grande. Kara ouviu alguns barulhos, um grito ensurdecedor e depois silêncio.

— Bem, deu tudo certo — David riu. Ele andou pela escadaria e gritou. — Mais velhas querem atirar em nós? Aproveitem a promoção para idosos: dois por um. Mas é preciso correr.

Kara apertou a mão contra seu peito novamente. O buraco havia desaparecido:

— Uau. Nunca fui baleada antes. Que esquisito! — Kara examinou seu estômago novamente. A ferida já havia se curado.

Peter caminhou até a escada e olhou para cima:

— Melhor nos aressarmos antes que toda a família dela volte com espingardas e pós repelentes de demônios.

David anuiu com a cabeça:

— Ele tem razão. Não queremos aparecer no noticiário local. Embora eu quisesse ter meus cinco minutos de fama, não gostaria que ele fosse misturado com avós e armas.

Kara olhou a fissura cautelosamente:

— Então, vamos dar o fora daqui.

Peter cruzou o porão e parou diante da fissura:

— Bem, é agora ou nunca.

Ele olhou nervosamente para a parede tremeluzente:

— Quem quer ir primeiro? — Ele começou a sorrir.

David tomou Peter pelo braço e puxou-o para longe:

— Claro. Eu serei a cobaia. Vamos descobrir se isso funcionou. — David ficou diante da fissura. Ele levantou sua mão direita e a colocou na fissura. Após um segundo, ele a removeu. Sua mão estava ileso.

— Funcionou! — Peter festejou. — Eu sabia! Eu sabia! Eu sou um gênio.

Kara moveu-se desconfortavelmente. Parte dela estava contente que o plano tivesse funcionado, mas outra parte temia o que aconteceria depois. Ela não queria que eles arrisassem suas almas com ela:

— Pessoal, antes que vocês se empolguem, vocês sabem que a Lilith está nos levando para uma armadilha, não é? Talvez não consigamos voltar.

David pegou na mão de Kara suavemente:

— Nós sabemos... e mesmo assim vamos. Eu faria qualquer coisa para salvar Jenny, mesmo que isso significasse não conseguir voltar. Devemos isso a ela. Ela é nossa amiga também.

Kara suspirou:

— Eu sei e provavelmente faria o mesmo se estivesse no seu lugar. Tudo bem, vamos fazer isso. Jenny pode não ter muito tempo. Mas lembrem-se de eu tenho de obter informações para o Conselho também. Eu vou precisar de algum

tempo para descobrir se existem outras Liliths.

— Alguma ideia de como fará isso?

— Não. Mas eles estão dependendo de mim. Vou descobrir alguma coisa. Agora, cuidado... e fiquem atentos. Este lugar é vil, muito vil. Nunca abaixem a guarda, jamais.

— Nós baixaremos. — Peter guardou a lâmina de volta em sua mochila. Ele colocou a mochila sobre os ombros e bateu o pé. — Estamos prontos.

— Bom. — Kara deu a Peter um sorriso.

Adversidades os esperavam do outro lado e ela torcia para que Jenny ainda estivesse em condição o bastante para fazer a viagem de volta. Quem sabe o que Lilith já haveria feito com ela? Ela logo descobriria.

Kara deu um passo à frente, mas vacilou. Uma tontura recaiu sobre ela de repente. Ela colocou a mão na testa. Sua visão ficou turva e depois nítida.

— Kara? Você está bem? — David agarrou o cotovelo dela e a estabilizou. — Qual é o problema? Como se sente? Kara?

Kara se esforçou para abrir a boca, mas era como tentar forçar a abertura de uma parede de tijolos. Uma onda de fraqueza a percorreu. Uma dor de fria se espalhou por membros, como os sintomas do vírus da gripe, só que pior:

— O que está acontecendo?

— Kara?

A tontura diminuiu. Sua força voltou gradualmente. Ela conseguiu a boca com grande dificuldade:

— Eu-Eu estou bem agora. Já passou.

— Tem certeza? — a expressão de David era uma mistura de preocupação e arrependimento. — Você não parece tão bem. Você parece um

pouco mal. Talvez não tenha sido uma boa ideia.

— Não, não. Não se preocupe. — Kara se endireitou. — Eu estou me sentindo muito melhor. Não foi nada. Estou bem, sério.

— Não pareceu que foi nada.

— Estou bem, sério. Eu juro. — Kara forçou um sorriso e evitou os olhos dele. Ela puxou seu braço, mas David não a deixou ir. — Eu estou bem, David, de verdade. Precisamos ir. Não queremos deixar Lilith esperando.

Resquícios da tontura ainda continuava dentro de Kara, mas ela os ignorou.

David estudou o rosto de Kara por um momento. Por fim, soltou seu braço e brandiu duas lâminas da alma. O brilho delas refletia seu rosto sorridente:

— Tudo bem, então.

David levantou-se e cortou o ar à sua frente:

— Vamos, pessoal! Nós temos alguns demônios para cortar!

E, com isso, Kara, David e Peter entraram na fissura.

Capítulo 11

A Cidade Demoníaca

Kara foi imediatamente sugada por um aspirador gigante de nada. O vazio da escuridão que a rodeava fez com que se lembrasse da sensação dolorosa que se sentira ao pisar numa fissura antes. Ela odiava. Ela tentou procurar os outros, mas não conseguia se mover. Ela estava sendo impotentemente arrastada para um funil gigante. Uma partícula de luz vermelha apareceu. Parecia tão distante, como uma estrela. Ela aumentou até seu entorno explodir numa luz vermelha.

Kara foi jogada no chão. Ela parou sobre uma penugem vermelha. Dois outros corpos caíram em cima dela, e ela soltou um "ai". Com grande esforço, ela se espremeu para sair de debaixo deles. Ela pegou um punhado de veludo vermelho sangue e se pôs de pé. No processo, ela bateu a cabeça em um globo espelhado que girava.

Uma barata gigante a cumprimentou se curvando:

— Kara! Ma chéri! Eu sabia que você voltaria parra mim, mon amour!
— Ele saltou, aterrissando no painel ao lado dela, seu longo fraque vermelho esvoaçando ao redor de seu corpo. Suas antenas formavam um coração. — Você não consegue viver sem moi!

David se esforçou para ficar de pé:

— Você está falando sério? Estamos num elevador com uma barata gigante que está apaixonada por você? Por favor, me diga que estou sonhando.

Peter sentou-se no chão e ajustou os óculos:

— Uau... ela é amigável? — ele agachou-se contra o painel traseiro e segurou os tornozelos. — Eu nunca gostei de baratas. Especialmente as grandes.

— Vejam só, o inseto está usando roupas! — David inspecionou a barata gigante. — Kara, foi aqui que você desembarcou da primeira vez? Aqui? Com este inseto gigante?

— Sim e sim. — Kara esfregou a cabeça e estabilizou o globo

espelhado. — É exatamente onde eu cheguei pela primeira vez. Onde conheci Jean-Pierre.

— Ah-ha! Ele é seu namorado? — Jean-Pierre cutucou David no peito com a bengala. Ele observou David suspeitosamente com seus olhos negros. — Ele non é muito bonito, sabe. Ele também non cheirra muito bem.

David bateu na bengala, afastando-a:

— Calma lá, *inseto*. Você não quer que eu acabe com você?

— Inseto? Non, non, non! — ele reclamou com raiva. Ele deu um toque em sua cartola preta com seus dois braços. — Eu sou Jean-Pierre. E você, quem é? O que está fazendo aqui?

— Jean-Pierre — Kara adiantou-se. — Eu gostaria de apresentar meus amigos David e Peter. Estamos em uma missão para salvar a nossa amiga que foi levada contra a sua vontade para o submundo. Você vai nos ajudar? — Kara deu seu melhor sorriso. Ela lembrou-se de ter de beijar a barata para que a ajudasse. Ela torceu para que não tivesse que fazer isso novamente. Não com David e Peter assistindo. Seria muito humilhante.

Jean-Pierre estudou Kara com seus grandes olhos negros. De vez em quando, ele olhava para David e Peter e, em seguida, para Kara. Era irritante ser examinada por um inseto gigante.

— Os anjos são proibidos no submundo — disse Jean-Pierre, finalmente.

— Mas você me deixou entrar antes. Por favor, Jean-Pierre — Kara pediu. — Isso é muito importante. Você não faria tudo o que pudesse para salvar um amigo em apuros?

Ela observou os olhos da barata cuidadosamente em busca de um sinal de entendimento. Ela esperava que Jean-Pierre os deixasse passar sem questionar. Ela não havia previsto sua relutância.

— Aquilo foi diferente, ma chéri. Você não é como eles. — Jean-

Pierre acompanhava todos os movimentos dela com seus olhos negros esbugalhados. — Você é parte demônio.

Kara suspirou:

— Nem me fale. — Kara começou a se sentir mais desesperada. Jenny estava lá fora, em algum lugar, sendo torturada, e Jean-Pierre estava dificultando as coisas para ela.

Jean-Pierre estudou David e Peter por um momento. Suas antenas se dobraram em forma de um ponto de interrogação:

— Mas eles cheiram um pouco différent – o que seria? Por que vocês cheiram diferente?

— É uma longa história. — Kara pôs as mãos na cabeça. David e Peter não eram parte do plano original. Ela tinha de pensar em algo.

— Jean-Pierre... Eu... Eu lhe darei o que quiser se você nos deixar passar. O que acha?

— O que está acontecendo, Kara? — David entrou na frente da barata. — O que ele quer? — Kara viu David colocar a mão dentro de sua jaqueta.

Kara surgiu entre David e Jean-Pierre, empurrando a lâmina dele:

— Jean-Pierre, a minha amiga Jenny precisa da nossa ajuda. — ela juntou as mãos em súplica. — Eu lhe imploro. Por favor, deixe-nos passar.

Jean-Pierre encarou David. O globo espelhado se refletia em seus olhos:

— Estou vendo que você substituiu moi porr ele. — ele cruzou os braços contra o peito. — O meu coração está partido.

— Jean-Pierre, por favor...

— Eu morrerei de coração partido — a barata levantou suas pernas do meio para silenciá-la. — Eu solicito uma mecha do seu cabelo. Assim, você poderá passar.

David riu:

— É isso? Cara, você quer um pouco do meu cabelo também?

Kara deu uma cotovelada no peito de David. Ela estendeu a mão e cortou uma mecha de seu cabelo com sua lâmina da alma. Ela enrolou a mecha suavemente e a entregou à barata:

— Obrigada, Jean-Pierre. Isso significa muito para nós.

Jean-Pierre pegou o cabelo, o cheirou e cuidadosamente guardou no bolso da frente de seu casaco. Ele saltou e caiu em uma cadeira vermelha luxuosa virada para o painel de controle. Com um braço torto, ele estendeu a mão e pressionou um botão preto com a palavra *DESCER*. Imediatamente, o elevador estremeceu e começou a andar.

Segundos mais tarde, as portas do elevador se abriram com um rangido. Kara saiu. O vento atingiu seu rosto. O cheiro de carne podre queimou seu nariz. Ela olhou para baixo:

— Obrigada, Jean-Pierre. O veremos novamente em breve.

Jean-Pierre atirou-se drasticamente em sua espreguiçadeira, com um braço sobre a testa — Au revoir, mon amour!

— Muito bem. Vamos sair daqui antes que ele mude de ideia. — David apareceu ao lado de Kara. Suas lâminas penduradas ao seu lado. Peter seguiu logo atrás.

Kara hesitou por um momento e, então, puxou sua lâmina da alma. Ela preparou-se. David e Peter entraram no submundo atrás dela.

Violentas rajadas de vento batiam no rosto deles e rasgavam suas roupas. Kara cobriu os olhos. Ela não podia ver nada além da tempestade. Dos céus cinzentos e impenetráveis choviam grossas brasas sobre eles. Havia uma trovoadas. Kara gritou por David, que pegou em sua mão. Ela se esforçou para caminhar às cegas. Os ventos não haviam sido tão fortes da primeira vez em que

se aventurara no reino dos demônios. Era como se os ventos estivessem tentando empurrá-los para fora dali. Eles eram indesejáveis naquele local. Kara se sufocava com o horrível cheiro de carne podre. Ela quase conseguia sentir o gosto sem sua boca.

Kara... me ajude.

Kara cambaleou para trás. A voz de Jenny ecoou em seus ouvidos. Ela não sabia se era realmente a voz de sua amiga. Muito provavelmente era Lilita tentando enganá-la. Mas soava como Jenny. Ela balançou a cabeça e continuou.

Eles estão me machucando, Kara... por favor, me ajude...

Um choro se formou no fundo da garganta de Kara. Ela deu o seu melhor para ignorar a voz. Ela disse a si mesmo que não era a voz de Jenny e concentrou-se em colocar um pé na frente do outro. Sua cabeça era jogada para trás. Os ventos brutais a circulavam. Ela perdeu o equilíbrio por um segundo e depois se equilibrou. Com uma renovada determinação, ela abaixou a cabeça e continuou a atravessar a parede de vento. Ela podia ouvir David e Peter movendo-se com grande esforço atrás dela.

Kara, por que você os está deixando me machucar? Pensei que fosse minha amiga...

Kara gritou em meio ao temporal. Seus joelhos vacilavam e ela precisou arrastar os pés para caminhar. Aquela não era a voz da Jenny, ela repetiu para si mesma. Ela largou a mão de David e correu para a frente com raiva. Seus punhos cerrados com fúria. Ela agitou os braços ferozmente contra os ventos fortes. O cheiro de carne podre a sufocava. Ela espremeu os olhos para ver através da tempestade. Um deserto cinzento espalhava-se por quilômetros diante deles. Onde estava o casino? O medo a percorria. Será que estavam perdidos?

Algo prendeu as botas de Kara.

Ela olhou para baixo. Duas mãos humanas vermelho-sangue brotaram da areia e agarraram seus tornozelos. Com uma força repentina, as mãos

começaram a puxá-la. Kara perdeu o equilíbrio e caiu de joelhos. A lâmina da alma escorregou de sua mão e desapareceu sob um monte de areia. A areia em volta de seus joelhos se agitavam como águas cinzentas. Ela debateu as pernas selvagememente. Outras seis mãos saíram da areia e agarraram suas pernas, que foram puxadas com força. Ela tentou se soltar, mas era como chutar um bloco de cimento. Ela estava apavorada. Mais mãos seguraram suas pernas debaixo da areia. Ela podia ouvir ecos de riso além da tempestade uivante.

Bem-vinda, Kara...

Seu corpo era puxado cada vez mais para baixo. Kara gritava a todo pulmão enquanto a areia movediça a sugava. A areia líquida roçava em sua cintura. Ela estendeu a mão e agarrou um punhado de areia. Não adiantou. Não havia nada sólido para resgatá-la. Kara procurou freneticamente por outra lâmina dentro de sua jaqueta. Seus dedos tocaram no punho da arma.

Você pertence a nós...

Outro puxão. A areia já estava na altura de seu peito. Mãos vermelhas agarraram sua jaqueta. O pescoço de Kara foi empurrado para frente. Ela gemeu ao tentar tirar aquelas garras dela, mas as mãos eram como rocha sólida. Uma sensação fria se espalhou por seu pescoço. Algo vermelho surgiu ao lado de seu rosto. Uma mão cobriu sua face quando ela tentou gritar. Ela teve ânsia de vômito ao sentir o cheiro de sangue. Desesperadamente, Kara lutou contra as mãos que a puxavam para baixo. Mesmo com o vento assobiando, ela ouviu seu nome ser chamado. Através dos espaços entre os dedos que cobriam seu rosto, ele viu uma silhueta se mover pela tempestade, um cabelo louro, uma jaqueta de couro marrom.

David se ajoelhou a centímetros da areia movediça. Mais mãos negras surgiram. Com seu braço, David as arrancou. Um sangue negro jorrou no chão perto dele.

— Kara, me dê a sua mão! — David ofereceu sua mão direita. Kara inclinou-se e a agarrou. Ele jogou fora sua lâmina da alma e agarrou Kara pelo pulso. Ele curvou suas costas e a puxou. O corpo dela levantou-se lentamente.

Mais mãos agarraram as pernas e o corpo de Kara. Com um forte puxão repentino, elas a puxaram para baixo outra vez. A mão de David começou a deslizar.

— Não está funcionando! — David gritou através da rajada de vento.

Peter apareceu do lado dele. Ele atirou-se para a frente e agarrou um dos braços de Kara. Com uma força tremenda, os dois a puxavam. Era como um jogo de cabo de guerra, só que, desta vez, o corpo de Kara era a corda. Ela tinha certeza de que seus braços estava prestes a ser arrancado.

David e Peter a puxaram com toda sua força. De repente, as mãos a soltaram e Kara foi erguida da areia movediça, caindo sobre seus amigos. Ela se virou e cuspiu a areia de sua boca. Ela bateu a areia da roupa. Todas as suas armas haviam desaparecido. Suas calças estavam rasgadas, mas ela saíra ilesa. David a puxou em um abraço apertado. Seu corpo tremia. Ele suspirou em seu pescoço e apertou-lhe com ternura. Kara estremeceu e desejou silenciosamente ficar assim para sempre. Ele a soltou lentamente. Estudou seu rosto com olhos gentis e sorriu:

— Eu disse que você precisaria da nossa ajuda. — a voz de David se ergueu ligeiramente contra o vento que assobiava.

Os lábios de Kara tremiam, mas sua voz era firme:

— Obrigada. Não sei como eu sairia dessa sem a sua ajuda.

O rosto de David iluminou-se com um sorriso triunfante, e Kara se perdeu por um momento em seus olhos azuis que brilhavam.

— Olhe! — Peter apontou para a areia movediça. A piscina redonda de areia começou a borbulhar. Bolhas de areia estouravam pela superfície. Um redemoinho formou-se no centro. Um líquido negro surgiu e misturou-se à areia, até que toda a área fosse coberta por uma gosma preta.

— Não quero nem saber o que é *isso* — disse David. Ele colocou Kara de pé. Ela olhou o abismo negro apreensivamente e recuou. Ela se lembrou do

riso que ouvira na tempestade. O riso era de Lilith, mas a voz não.

Kara procurou no chão:

— Essas coisas tiraram todas as minhas armas — ela gritou.

David ofereceu-lhe a lâmina de sua mão. Ela brilhava na luz fraca:

— Leve esta aqui, eu tenho muito mais.

Com um aceno de cabeça, o Kara pegou a lâmina e a empunhou:

— Obrigada. Vamos sair daqui — ela gritou. — E cuidado com onde pisam.

De mãos dadas, eles caminharam pelo deserto cinzento. A tempestade e os trovões ecoavam acima deles. Kara inclinou seu corpo para a frente contra os ventos fortes. Cada passo era um tremendo esforço. Ela verificava areia cinzenta diante deles antes de cada passo. Os ventos diminuíram um pouco. Tufões se levantavam e dissipavam. Por fim, Kara começou a enxergar poucos metros à sua frente. Uma coluna de areia se dissipou, e ela engasgou.

Uma gigantesca cidade em brasas estava diante deles. Ela se estendia por quilômetros em todas as direções. Chamas amarelas e vermelhas serpenteavam pelos edifícios. Cinzas e fuligem choviam de um céu negro sem estrelas e cobriam o chão, como um tapete macio e cinzento. A cidade ficava coberta pela escuridão. A fonte de luz se originava apenas das chamas que saíam das janelas e serpenteavam em torno dos edifícios em decadência. Poças pretas manchavam o chão. Kara soltou a mão de David e se aproximou para observar mais atentamente. Ela percebeu que eram poças de sangue. Uma rajada de vento bateu no rosto de Kara, intensificando o cheiro de carne podre. Uma cacofonia de gemidos e lamentos ecoou em torno deles. Uma risada sinistra soou de um dos edifícios.

Kara, me ajude... está doendo... por favor, rápido...

O braço de Kara ficou arrepiado. Ela empunhava sua lâmina com tanta força que não sentia mais os dedos. A voz fantasmagórica tinha vindo de algum

lugar fora da cidade. Em algum lugar depois da cidade morta estava sua amiga Jenny. A voz ecoava em seus ouvidos como um cântico. Um movimento chamou a atenção dela. Ela ficou firme. Formas moviam-se nas sombras. Uma mão com garras desapareceu atrás de uma porta. Brillhantes olhos vermelhos piscavam e desapareciam. Sussurros de seu nome chegavam a seus ouvidos.

— Não podemos ficar aqui. Temos de sair daqui — disse Kara em voz baixa. Uma cauda longa escamosa deslizou por trás de uma janela aberta.

— Era assim que você se lembrava daqui? — David inspecionou os edifícios. — Eu pensei que você havia dito que havia um cassino?

— Havia um cassino antes. Agora está diferente. Devemos estar em outra parte do submundo. Não reconheço este lugar. — Parte dela desejava encontrar o temido casino. Pelo menos, ela saberia o que esperar. Mas esta cidade era algo inteiramente diferente. Algo em seu interior lhe dizia que essa cidade carbonizada e ardente havia sido conjurada do nada só para eles. Ela ignorou a sensação de mau agouro que jorrava de dentro. Não havia mais volta. Eles tinham de seguir em frente.

Peter procurou as alças de sua mochila:

— Este lugar é enorme. Como vamos encontrar Jenny? Vai demorar uma eternidade para fazermos uma busca nesta cidade.

Kara viu sombras movendo-se nas ruas:

— Seguiremos a voz dela.

— Voz? — Peter tombou a cabeça para o lado e olhou para os outros dois. — Que voz? Não escutei nada. Você consegue ouvir a Jenny?

Kara franziu o cenho e acenou com a cabeça:

— Consigo. Desde que chegamos. Mas não é a Jenny que eu escuto, é o riso da Lilith. Ela está brincando comigo. Mas se encontrarmos Lilith, encontraremos Jenny.

— Ela tem razão. — David brandiu suas lâminas à sua frente. Ele estudou a cidade por um momento. — Esse lugar me dá arrepios. Deixe-me adivinhar...a voz está vindo de lá.

Kara encontrou o olhar de David:

— Sim... em algum lugar além da cidade, eu acho. Teremos de cruzá-la para nos certificarmos.

— Ótimo. — Peter deu de ombros. — Bem, eu sabia que não seria fácil.

David deu um tapinha nas costas dele:

— Eu o protejo. Bem, não há nada como o presente. Kara, lidere o caminho.

Com Kara na liderança, o grupo aventurou-se para dentro da cidade. Eles caminharam ao longo de uma rua deserta, cercada de postes caídos e luzes queimadas. Kara estava grata pelo fato de os ventos se acalmarem, para que pudesse se concentrar em sua audição. Chamas estalavam enquanto eles passaram, sendo sua única fonte de luz. Um vazio súbito se espalhou por seu peito. Ela passou por uma janela, mas não pôde ver seu reflexo nela. O vidro estava enegrecido e esverdeado. Toda janela era negra, ela percebeu, como olhos negros sem fundo. Kara tinha a desagradável sensação de que estavam sendo vigiados, e, pela a agitação em seus passos, também soube que David e Peter tinham a mesma sensação. Lojas e edifícios, que talvez outrora fossem cheios de vida, estavam agora enegrecidos pelo incêndio. Kara achou curioso não haver nenhum letreiro em cima de qualquer uma das lojas. Será que aquela cidade alguma vez fora real? Ela aguçou os ouvidos, mas não conseguiu ouvir mais a voz de Jenny. Será que eles haviam ido para o lado errado?

Kara pensou ter ouvido um cântico, embora pudesse ter sido o vento. O som ficou mais alto. O barulho de metal os cercou. A terra tremeu. Estridentes rangidos e estrondos ecoaram. Houve um estalido, e um quarteirão inteiro saiu do lugar e moveu-se em direção a eles – as paredes dos edifícios se deslocaram e pararam, bloqueando o caminho deles.

David abaixou as armas. Seu queixo estava caído:

— Mas o que...?

De repente, o chão se abriu. Um metal brotou do chão e se ergueu acima deles, como se o aço estivesse crescendo. Pedacos de pedra e metal se entrelaçaram e criaram andares e estruturas. Um edifício se ergueu acima deles. Poeira e seixos rolaram no chão perto de seus pés. Com um gemido, a frente do edifício se abriu. Presas de aço saíam da abertura. Uma fileira de janelas pretas ficava acima da boca. Kara estremeceu ao olhar nos olhos da criatura de aço. Um som aterrorizante escapou da goela escancarada.

— Oh-oh — choramingou Peter. — Isso não é bom.

Kara recuou. O pânico sufocava sua garganta:

— Que raios é aquilo?

David deu um passo para atrás, apavorado:

— A cidade está viva. E acho que somos os próximos no menu.

Capítulo 12

Arranha-Céus em Vingança

— Corram! — David fugiu na direção oposta.

Kara começou a correr, mas, em seguida, parou e virou-se:

— Peter! Venha! O que está fazendo?

Ele estava paralisado e tremendo em frente à criatura de ferro. Sua boca também tremia.

— Peter! Peter, corra!

Ele recuava lentamente, com seus olhos arregalados. De repente, pareceu ter voltado à vida, virou-se para trás, mas tropeçou e caiu. A criatura rugia e se aproximava deles. Ela estava indo em direção a Peter. Em um segundo, iria devorá-lo. A fúria de Kara se levantou, acabando com a sensação momentânea de pânico. Em um instante, Kara saiu correndo em direção a Peter. Ela agarrou-o pelo braço e, com um puxão, o colocou de pé e o levou consigo, correndo.

Os três viraram a rua. David parou de repente, virou-se e atirou uma esfera vermelha brilhante no céu negro. Ela explodiu contra a criatura de metal. Uma bola de luz incandescente explodiu na escuridão e iluminou por um momento mais edifícios que se moviam em volta deles. Uma névoa vermelha cobriu o local onde a criatura estava. O nevoeiro levantou-se e revelou uma boca escancarada de metal. A coisa gemeu e ergueu no ar incólume. Ela havia aumentado de tamanho e se contorcia como um verme de metal. A coisa se inclinou e, com grande velocidade, veio abaixo, em direção a eles.

Kara pulou, saindo do caminho, quando a estrutura de metal caiu no chão. O monstro de metal rugiu de raiva ao perceber que sua presa havia escapado. Ele rolou de volta e parou por um momento. Kara largou sua lâmina de alma. Ela seria inútil contra a criatura de metal.

Ela convocou seu poder elemental em desespero. Ela podia senti-lo se

liberar dentro dela. Uma onda de energia quente começou a subir. A sensação de formigamento quente vibrou. Mas algo estava errado. O poder não veio para a superfície. A chama se apagou e foi embora.

— Kara! Mexa-se! O que está fazendo? Saia daí!

Ela ouviu o grito de David, mas o ignorou. Kara excluiu o mundo ao seu redor e concentrou-se o máximo que podia. Ela tentou alimentar seu poder com suas emoções mais furiosas e seus medos. Ela alcançou sua energia selvagem, e esta respondeu com um calor reconfortante. Ela atingiu seu interior bem no fundo e convocou seu poder novamente. Ele a percorreu da ponta dos dedos das mãos até os dedos dos pés. Mas assim que ela sentiu o calor, um resfriamento se seguiu, então, uma súbita liberação veio e, depois, nada.

Ela tentou novamente. *Nada.*

Era como tentar fazer um carro pegar com a bateria descarregada. Ela tentou dar partida várias vezes - mas sua própria bateria estava morta.

O que eu fiz? Será que ela havia usado demais da sua essência ao compartilhá-la com Peter e David? Será que o experimento Frankenstein havia dado tão errado assim? As nuvens negras e os relâmpagos haviam sido um aviso. Na tentativa de ajudar seus amigos, ela perdeu sua capacidade de protegê-los. Ela era um anjo comum agora. Suas pernas pareciam querer ceder a qualquer momento. Ela mal podia focar seus olhos. Estava tudo errado.

David agarrou o braço dela e a tirou de seu devaneio:

— Kara, lembra! Qual é o problema com você? Temos de sair da cidade antes que ela nos devore!

Kara olhou para o edifício. Ele se movia e balançava. Sua boca se abria como se preparando-se para sua próxima refeição. Ela ficou muda por um instante e, então, finalmente disse:

— Eu-Eu não consigo usar os meus poderes elementais. Acho que usamos muito da minha essência para trazê-los ao submundo. David, eu não

tenho mais poder.

David franziu a testa e passou os dedos no cabelo.

— É tarde demais agora para fazermos alguma coisa. Nós temos de usar o que temos. Venha! — David puxou Kara consigo e correu pela rua. Peter seguiu logo atrás.

As pernas de Kara estavam duras como cimento. Correr demandava todo o seu foco. Ela não conseguia afastar o pavor de estar sem poderes. Ela havia sido uma tola.

Depois de passarem sob uma ponte baixa, eles entraram em uma clareira. Eles viraram à esquerda e fugiram para a quadra seguinte. Um edifício se ergueu do concreto na frentes deles.

David parou repentinamente e Peter colidiu com ele. Kara observou com olhos arregalados e a boca entreaberta quando a coisa se partiu em pedaços e criou braços. Ela agitou seus membros perigosamente. Um braço veio na direção deles, e David saltou, deixando o braço de metal bater no local onde estivera um segundo atrás.

— Por aqui! — gritou David.

Eles se viraram e fugiram para um pequeno beco. Chamas como a de tochas choviam neles enquanto corriam. Uma parede em chamas surgiu diante deles e queimou dolorosamente a carne angelical de Kara. Seus braços ficaram pretos e parte de sua jaqueta se derreteu, expondo sua pele queimada.

O beco se moveu de repente. A terra tremeu. Eles foram jogados no chão. Edifícios desapareceram no chão e abriram caminho para outras estruturas brotarem no ar. Mais criaturas metálicas estavam diante deles.

— A cidade continua mudando! Nós nunca vamos sair daqui! Estamos presos! — gritou Peter, com seu rosto riscado com marcas de queimadura.

— Nós vamos sair daqui! — Kara olhou para os prédios. — Deve haver uma saída. A cidade não pode continuar para sempre. Temos de seguir em

frente.

— Lá! — David apontou para uma clareira entre os edifícios. — Acho que vejo uma abertura.

Kara seguiu o olhar dele. Uma luz se infiltrava entre o topo de dois prédios altos. Tinha de ser uma clareira. A esperança aumentou suas forças:

— Estou vendo também! Vamos.

Os três caminharam pela rua sombria. O asfalto se dividia e rolava como um grosso pedaço de massa. O céu trovejava. Blocos de concreto caíam em volta deles como bombas. Mastros de metal brotaram por baixo da terra como lanças. Edifícios levantavam-se e moviam-se de lugar, como um quebra-cabeça em 3D sem fim. O cenário era surreal. A cidade gemia quando se desintegrava e dava origem a novas estruturas.

Peter caiu de joelhos. Sua mochila saiu dos ombros. Ele cambaleou e tentou ficar de pé.

— Peter! Você está bem? — Kara agarrou o cotovelo dele e o ajudou a se firmar.

— Sim, estou. — ele pôs a mão na testa. — Fiquei só um pouco tonto. Só isso. Temos de nos apressar — ele gritou ao som estrondoso do metal se dobrando e torcendo.

Ele colocou sua mochila, e Kara o soltou com relutância. Ela compartilhou um olhar preocupado com David, e eles saíram correndo em direção à clareira que haviam avistado.

Eles saltavam sobre escombros e se esquivavam quando os edifícios se moviam e tentavam derrubá-los. Violentas rajadas de vento os empurravam para trás. Cinzas voavam em seus olhos. Fuligem estava presa nos cílios de Kara. Com um gemido penetrante, o chão estrondeou, e uma fissura apareceu na estrada à frente. Com outro gemido alto, o rachado se espalhou pelo quarteirão inteiro, dividindo-o ao meio.

Eles pararam. Formas escuras rastejaram para fora da rachadura. Membros torcidos corriam para a rua como um exército de formigas. Corpos humanoides rugosos com ossos brancos saindo horrendamente de sua carne carbonizada junto a um líquido amarelo que escorria de seus braços e pernas sinuosos gemiam à medida que se aproximavam. Seus rostos carbonizados eram malignos. Eles atacaram.

David cortou a primeira fileira de demônios facilmente. Um líquido preto jorrou em seu rosto e no chão a seus pés. As criaturas murcharam e implodiram. Vieram mais. Ele se virava, cortando todas febrilmente. Os demônios gemiam em um coro de morte. Seus corpos secavam e explodiam, transformando-se em pó.

Kara pulou na frente de Peter para protegê-lo. Um demônio menor atirou-se contra eles. Sua boca abriu e Kara viu uma fileira de dentes amarelos afiados e sentiu seu hálito de vinagre rançoso. Ela cortou a cabeça dele fora. Seu corpo caiu mole no chão e se desintegrou.

— Kara, atrás de você! — gritou Peter ao se agachar.

Kara se virou. Três demônios menores saltaram contra ela, suas garras pingando um lodo amarelo. Com precisão calculada, ela se esquivou e brandiu sua lâmina, atravessando-os. Um líquido quente salpicou seu rosto. Com um grito aterrorizante, os demônios caíram. Seus corpos se retorciam grotescamente enquanto gemiam e murchavam.

— Há muitos deles — gritou David. — Não podemos continuar lutando contra eles desse jeito. Vamos sair daqui. Por aqui! — insistiu David. Ele chutou um demônio na barriga, mas tropeçou para trás e caiu.

— David! Você se machucou? — Kara correu em seu auxílio.

David ficou de pé sobre as pernas bambas. Ele vacilou por um momento e colocou as mãos na cabeça. Ele parecia confuso e assustado:

— Eu-Eu eu não sei. Senti uma tontura de repente... e uma fraqueza. Não é nada. Estou bem agora.

Kara pôs sua mão no ombro dele e o estabilizou. Ela estudou o seu rosto e inclinou-se mais para perto:

— Peter sentiu a mesma coisa agora há pouco.

Ela olhou nos olhos de David. Kara estava tensa, quase em pânico. Tudo aquilo havia sido um grande erro:

— David, estou preocupada. Algo está errado. Talvez trazer vocês aqui não tenha sido uma boa ideia.

— Ei... pessoal — Peter apontou para a nova massa de demônios menores que investira contra eles. — Acho que temos de correr.

Sem perder nenhum segundo, Kara soltou David, e os três se viraram e voltaram pelo caminho que vieram. Outro edifício gigantesco apareceu diante deles. A terra tremeu. A rua se rachou e levantou Kara e os outros no ar. Ela caiu no chão e rolou, mas logo se pôs de pé. Peter e David caíram a 30 metros de distância dela. David correu em direção a Kara. Sua boca se movia, mas Kara não conseguiu ouvir o que ele dizia.

Bem-vinda ao lar, Kara...

Kara tentou avançar. Uma sombra apareceu aos pés dela. Ela parou. Ela sentiu uma presença atrás de si. Ela virou-se.

Uma estrutura de tijolo e metal estava diante dela. Janelas negras se alinhavam na frente. A criatura a encobriu. Uma grande porta na parte inferior trazia uma luz verde e pequenos raios. Ela cambaleou para trás.

A porta começou a se abrir - e Kara foi engolida.

Capítulo 13

Uma Viagem na Escuridão

Kara não conseguia se mover. Seu corpo flutuava na escuridão impenetrável, como se estivesse voando no espaço, mas sem as estrelas para iluminar o caminho. O que quer que a tivesse capturado tinha uma força enorme. Era como tentar lutar contra um deus. Ela se sentia inútil, mas tentou afastar o desespero. O que quer que a tivesse puxado, eventualmente a soltaria, esperava ela. Kara se perguntava se os outros também haviam sido pegos. Talvez eles acabassem chegando ao mesmo lugar. Ela sentiu um forte puxão. A força a libertou, e ela caiu sobre uma superfície dura.

Kara se levantou e olhou para a escuridão à sua volta. Algo estava queimando em algum lugar da escuridão. O ar estava estranhamente quente, quente demais para um lugar tão escuro. Ela estendeu as mãos para frente - nada. Onde ela estava? O silêncio era sinistro. Como ela sairia dali se não conseguia enxergar nada? Ela estava cega. Não podia dizer onde ficava o Norte ou o Sul. Completamente desorientada, Kara gritou em frustração.

— David? Peter? Onde vocês estão?

Uma suave luz verde apareceu. Uma névoa se ergueu do chão e se aproximou dela. Uma luz verde cintilou na névoa. Kara podia ver que as luzes eram como uma corrente elétrica verde que serpenteava pelo local. A névoa repentina lhe deu arrepios, mas ela ficou grata pela luz que lhe trouxera.

— David, você está aqui? Peter? Olá?

A névoa continuava a se derramar ao redor de Kara. As faíscas de luz verde se intensificaram, revelando um grande corredor. A névoa se entrelaçava nas pernas dela. De onde ela vinha? A névoa parecia fluir em direção a ela com um fluxo branco; ela sabia que vinha de um lugar adiante.

Com a lâmina da alma em punho, Kara avançou. Cada pelo de seu corpo estava arrepiado. Havia algo muito errado com aquele lugar. Ela queria correr, mas seguiu furtivamente através da neblina. Suas botas quase não faziam barulho contra o chão duro. Talvez aquele fosse o covil de Lilith. Kara precisava

descobrir. Ela tinha de encontrar Jenny, e rezava para que a amiga já não estivesse em pedaços. Ela balançou a cabeça e tentou não pensar no que Lilith poderia estar fazendo com Jenny.

Em vez disso, ela se concentrou em Lilith. Ela tinha uma pele branca-esverdeada, longos cabelos brancos, olhos negros e feições delicadas. Nem um pouco parecida com Kara. Kara parecia uma adolescente normal, considerando que Lilith era um demônio que precisava seriamente de ajuda com seu guarda roupa. Na verdade, Kara achava difícil acreditar que Lilith tinha uma mãe mortal, quando não havia nada de mortal nela. Ela matou a própria mãe. Kara fez uma careta de nojo. Ela adoraria ter uma irmã de verdade. Mas nestas circunstâncias, seu ódio por Asmodeus se estendia à Lilith. O que quer que Lilith fosse, Kara era o exato oposto.

Ela caminhou através da névoa pelo que pareceram horas. A passagem continuava pela escuridão sombria. Será que ela estava andando em círculos? Talvez esta fosse a vontade de Lilith desde o começo, prendê-la no abismo. Ela queria que Kara sofresse. O que era pior do que passar o resto dos seus dias na escuridão total, sem nunca mais ver outra alma? Ela ficaria ali para sempre, sem nunca mais poder ver seus amigos ou David.

David...

Ela xingou em voz alta. Como pôde ter sido tão estúpida? A missão era dela, não deles, mas ela ainda os deixou ir. Foi por causa dela que Jenny havia sido levada em primeiro lugar. O que é pior, Kara nem tinha sido capaz de salvar Jenny. Ela já poderia estar morta. E agora ainda havia a possibilidade de perder Peter e David - se ao menos ela não tivesse concordado com o plano deles...

Algo se moveu no interior da névoa. Kara congelou. A sombra de uma criatura se moveu no interior da passagem, e desapareceu no nevoeiro. *Mas o que...?* Kara examinou o chão com sua bota. Nada. Só névoa. Ela deu um passo à frente. Sons de chocalho ecoaram atrás dela. Kara se virava para todas as direções com sua arma em punho. A névoa branca seguia por centenas de metros e se perdia na sombra. O que estava acontecendo? Certamente, Lilith estava tentando enlouquecê-la, para que se tornasse uma presa fácil.

— Eu sei que você está aí, Lilith. Mostre-se, sua covarde! — Kara avançou na escuridão. Ela lamentava ter chamado Lilith de covarde, pois sabia que os demônios tinham poderes perigosos, e ela só tinha uma lâmina da alma consigo. Ela duvidou que conseguiria causar algum dano real à Lilith. Uma onda de raiva a atingiu. Como ela sairia desta confusão? Kara sabia que tinha de ter uma saída, e estava determinada a encontrá-la. Se David e Peter não estivesse por ali, estavam em algum lugar lá fora, lutando contra as criaturas de metal na cidade. Ela tinha de encontrá-los. Eles precisavam de ajuda.

Algo mudou em sua visão periférica. Uma pequena perna disforme, do tamanho do seu dedo, desapareceu no nevoeiro. Kara se aproximou do lugar para ver melhor. Uma forma correu perto dos seus pés. Kara gritou de surpresa. ... e depois outra. Logo, centenas de pequenas criaturas a cercaram. Com seus corpos de caranguejo, elas se moviam no meio do nevoeiro, mas nunca se aventuravam a sair dele. Era como se estivessem conectados de alguma forma. Seus corpos brancos estavam camuflados no nevoeiro. Não era de admirar que Kara não tivesse visto antes.

Kara sentiu um puxão repentino em suas calças. Uma das criaturas se arrastou até a perna dela. Ela a removeu imediatamente e a inspecionou de perto. A criatura tinha seis pernas e terminações opostas em cima de uma carapaça, como duas pequenas cabeças humanoides retorcidas. Os pequenos olhos observavam Kara, e os dentes pontudos a abocanharam. De repente, o demônio se libertou do aperto de Kara e mordeu sua perna. Kara gritou e cortou o demônio ao meio com um só golpe, que caiu no chão em uma poça de líquido negro.

O corte profundo causado pelo demônio derramou uma luz brilhante. Por menor que fosse, a criatura havia causado danos sérios. Ela não tinha nada com que cobrir a ferida, que brilhava feito uma lanterna, facilitando sua detecção.

Kara ouviu barulhos perturbadores ao seu redor. Os demônios caranguejo formaram uma linha na frente dela. Suas pequenas garras arranhavam o chão. Havia centenas deles. Ela sabia que não podia lutar contra tantos. Apenas um deles já causara danos sérios. Ela olhou por cima do ombro.

Mais demônios chegavam pela névoa. Havia apenas uma coisa que ela podia fazer. Correr.

Kara disparou. Os demônios se lançaram contra ela. Ela brandia sua lâmina da alma e cortava corpos a esmo. Uma dor enorme explodiu em seu pescoço. Ela puxou a criatura e atirou-a contra a parede. Muitas outras saíam da névoa atrás dela. Kara lutava freneticamente para abrir caminho. Ela ignorou a dor nas costas e continuou. Garras a atingiam nas pernas e nas costas. Dentes perfuravam sua carne. A dor era insuportável. Ela bateu de costas contra a parede, e ouviu um som de carapaças rachando. Um líquido gelado se derramou em suas costas. Ela se afastou da parede e continuou correndo. Kara ouvia as criaturas sendo esmagadas por suas botas. Os demônios continuavam chegando, e ela os mantinha afastados com sua lâmina.

Uma pequena sombra surgiu de repente no rosto de Kara, e arranhou seus olhos com pequenas garras. Ela gritou. A boca do demônio mordida selvagemmente suas bochechas e testa. Ela tentou removê-lo, mas a criatura persistia, comendo seu rosto. Ela deslizou sua lâmina cuidadosamente sob o demônio, para não ferir o próprio olho. Com um movimento do pulso, ela cortou o demônio ao meio. A criatura escorregou do rosto dela.

O líquido negro atingia o rosto de Kara, enquanto ela lutava para abrir caminho pela horda de demônios caranguejos. Ela desejava ter um maçarico para fritar aqueles monstrinhos. Não havia muito a ser feito apenas com uma lâmina. Ela corria cegamente no escuro, seguida pela névoa fervilhando de demônios. Ela tentou invocar seu poder elemental. Algo em seu interior vibrou em resposta. O poder despertou por um momento, e depois nada. Era como se ele nunca tivesse existido.

Tinha de haver uma saída. Kara continuava a atacar a esmo enquanto fugia. Então, a neblina baixou e evaporou. Como se tivessem medo disso, os demônios caranguejos recuaram para o nevoeiro.

Kara suspirou de alívio. Ela não conseguia acreditar em sua sorte. Ela estendeu a mão e tocou os grandes cortes em sua testa e nas bochechas. As feridas queimaram com seu toque. Esses bichinhos desagradáveis tinham feito

uma bagunça no rosto dela. Ainda assim, Kara não estava gravemente ferida. Ela estava certa de que tinha força suficiente para encontrar a saída e voltar para seus amigos.

Uma luz verde surgiu à frente. Uma pequena esfera verde pairava no ar. Ela cintilava e crescia. Kara evitou olhar diretamente para a esfera, até que seus olhos se acostumassem com a luz. Ela se sentiu atraída por uma sensação reconfortante que vinha da luz, e curiosamente, caminhou até ela. Ela brilhava e crescia, até que Kara estava diante de uma enorme esfera verde.

A esfera gigante pairava sobre uma enorme câmara que parecia aumentar de tamanho, como se estivesse respirando. Kara se aproximou com cuidado e olhou cautelosamente a sua volta. Não havia sinais de Lilith ou Jenny em lugar algum, ou mesmo demônios - apenas uma esfera verde gigante. Zumbidos altos reverberavam pela câmara. O chão tremeu sob suas botas. O cheiro do local queimava as narinas de Kara. O sol brilhante continuava a aumentar de tamanho, mas depois encolheu novamente. - este movimento se repetia, como se ele estivesse respirando.

O zumbido se intensificou. Raios de eletricidade verde se desprendiam do sol. Era como uma enorme bola de plasma elétrica. A eletricidade lambia as paredes e o chão. A corrente se estendia como braços tentando alcançar alguma coisa. Um destes raios raspou o chão, aos pés de Kara. Ela deu um passo para trás.

A corrente elétrica estalou e cresceu. Kara estremeceu. Seus pelos se arrepiaram. Parecia que a corrente elétrica passava pelo seu interior. Ela apertou a mandíbula, para seus dentes pararem de bater. As roupas dela balançavam com um vento invisível. Kara ficou diante do sol verde e enrugou a testa. *O que diabos é aquilo?*

— Bem-vinda, Kara.

Kara tropeçou para trás. A voz reverberou pela sala como uma canção de baleia. Ela ecoava ao redor de Kara. A voz veio do sol. Era a mesma voz que ela ouvira o tempo todo.

— Estávamos esperando por você.

Capítulo 14

Cativos

Kara estava descrente enquanto olhava a esfera. Ela tinha imaginado um sol verde falante? Não, não é possível. Este era um dos joguinhos de Lilith? Tal pai, tal filha, ela percebeu. Asmodeus amava atormentar as almas dos outros. Ela ergueu seu punho no ar com raiva.

— Lilith! Mostre-se! O que fez com Jenny? Não tenho tempo para seus jogos. Mostre-se! — Kara ficou parada esperando. Ela não estava com humor para brincadeiras. — Você queria que eu viesse aqui, e aqui estou eu. Sua briga é comigo. Deixe minha amiga ir, Lilith!

— Lilith? — disse uma voz grave. Kara vacilou e deu um passo para trás. — Não somos Lilith. Mas Lilith existe em nós.

Kara ergueu a cabeça lentamente em direção ao sol verde brilhante. Os olhos dela queimaram, mas ela o encarou assim mesmo.

— Hum - e o que exatamente é você? Nunca ouvi falar de um demônio bola gigante. Lilith é sua senhora? Você sabe onde ela está, ou como sair daqui?

O zumbido aumentou. O chão vibrou e enviou tremores aos pés de Kara. O sol brilhava e ficava cada vez mais luminoso.

— Estamos no coração do submundo. Nós somos uma consciência coletiva. Estamos em tudo e todos. Nós existimos desde o início dos tempos. Nós vivemos, mas estamos mortos.

— Isso é ótimo — Kara murmurou para si mesma. Ela olhou curiosamente par o sol. — Bem, você obviamente conhece Lilith... pode me dizer onde ela está? Viu alguma menina anjo por aí? Você sabe pra onde levaram minha amiga? Onde está minha amiga Jenny?

Algo lhe dizia que o sol era confiável. Ela não estava inteiramente certa de que a entidade responderia, mas valia a pena tentar.

A voz veio novamente do sol:

— O demônio Lilith vive em nós. Ela pertence a este lugar... como você.

O quê? Embora Kara tivesse ficado intrigada com o que ouvira, um estranho desejo brotou dentro dela. Ela piscou por causa dos raios de sol. Oprimida por uma grande saudade, ela se aproximou do sol verde sem pensar. Quando percebeu o que tinha feito, sacudiu a cabeça e recuou, apavorada por estar perdendo o controle. Ela agarrou sua lâmina com firmeza. Ela reuniu toda a sua inteligência e coragem.

— Então... já que estamos trocando informações, você sabe se Asmodeus teve mais uma filha? Quer dizer, além de Lilith... e eu?

A entidade ficou em silêncio por um momento, e Kara pensou que ela nunca falaria novamente.

— A criatura Asmodeus tinha apenas duas crias - duas entidades femininas de grande poder. Lilith era uma... e você, Kara, a outra.

Aliviada, Kara relaxou um pouco. Pelo menos era uma boa notícia. Uma Lilith significava apenas uma ameaça até o momento, pelo menos até que outras se revelassem. Agora, Kara poderia concentrar todos os seus esforços em Jenny. Mas primeiro, ela tinha que sair dali.

— Por favor... onde está Jenny? Minha amiga foi trazida aqui à força. Ela está muito doente. Você sabe onde ela está? Eu preciso encontrá-la.

O sol brilhou, mas não respondeu.

Kara se esforçou para não mostrar o quão ansiosa estava para fugir:

— Onde eu estou exatamente? Por favor, você poderia me dizer como sair daqui? Eu já estive no submundo uma vez, mas nunca cheguei aqui...este lugar...parece...

Kara lutou contra uma súbita força dentro de si, que a arrastava até o sol novamente. Esta força chamava por ela. Uma parte de Kara queria se aproximar do sol, tocá-lo, enquanto outra gritava para ela correr. Ela deu um

passo à frente.

Kara tremeu. Algo não estava certo. Ela começou a se sentir ainda mais ansiosa. Quando olhava para o sol, Ela podia sentir um vazio em seu interior, onde seu poder se encontrava.

O sol murmurava e brilhava.

— Você está no Reino dos seres sobrenaturais, onde camadas de existência viajam ao longo do eixo entre os mundos - onde os mortos e os mortos-vivos se encontram na escuridão. Você pertence a este lugar, e sabe que isso é verdade - você pode sentir - você pertence a nós.

Kara tremeu. Sua lâmina da alma escorregou de sua mão e caiu no chão. Ela se sentiu enjoada, querendo muito ficar mais perto do sol, mas ao mesmo tempo, sabendo que isso seria prejudicial para ela. A atração se intensificou. Kara precisava de todas as suas forças apenas para se manter no lugar.

— O... o que você está fazendo comigo? — Ela nunca tinha se sentindo tão fora de controle. Era uma sensação esmagadora:

— Pare com isso!

Uma dor latejante explodiu na cabeça dela. Quanto mais ela resistia, mais a dor aumentava. Ela se concentrou em Jenny e tentou esquecer a dor. Kara precisava sair dali, antes que fosse tarde demais.

O sol estalava e brilhava.

— Você não pode resistir a nós, Kara Nightingale. — Você pertence a nós! Quanto mais resistir, mais vai doer.

Eu não sou uma de vocês. E eu acho muito esquisito você saber quem eu sou. Bem, talvez não tão esquisito quanto conversar com uma esfera.

A cabeça de Kara estava queimando, mas pelo menos agora ela sabia o motivo. Ela ignorou a dor:

— Eu não pertença a este lugar... meu lugar é com os meus amigos. Me deixe ir embora!

Uma explosão trovejante atravessou a sala. Uma onda de calor atingiu Kara, e ela tropeçou. Ela recuperou o equilíbrio e lutou para fugir da atração do sol, mas o poder dele era muito forte. Ela estava presa. Kara começou a entrar em pânico, enquanto era sugada para mais e mais perto do sol.

— Você é uma criatura do inferno - um organismo com um imenso poder das trevas. Você é uma de nós, Kara. Podemos sentir a escuridão dentro de você. Temos esperado por você. Sabíamos que esse dia chegaria. É inevitável. Você pode sentir isso também. Você sabe que nós falamos a verdade. A energia que flui através de sua alma vem de nós... e nos pertence. Kara, venha e se junte a nós.

O pé direito de Kara escorregou. Seu corpo foi arrastado mais dois passos para frente e parou. Ela lutou para resistir. Seu corpo vibrou com uma pontada de dor. Com um gemido, ela tentou se afastar.

— Pois é, então, acho que não. Eu não sou uma de vocês. Não tenho escuridão em mim. Não pertença a este lugar. Meu lugar é no horizonte, com o resto dos anjos. Hora de ir embora.

Raios foram disparados do sol verde. Uma corrente de eletricidade prendia Kara com firmeza. Ela se amarrava às suas pernas e prendia os braços nas laterais do corpo. Ela lutou para se mover, mas só conseguiu mexer a cabeça. Seu corpo foi erguido no ar. Ela desviou o olhar, enquanto a energia a atraía para mais perto do sol. Ela levitou até ficar de frente com a esfera verde. Sua pele queimava. Uma onda letal de calor se infiltrou em suas feridas. Kara gritou enquanto sentia sua carne angelical ferver. A energia verde serpenteava por seu corpo, cortando e queimando cada centímetro dele. Ela lutava desesperadamente para se libertar, mas sem sucesso. Quanto mais chutava e lutava, mais a energia a prendia. Depois de um momento, ela deixou o corpo relaxar.

— Não lute contra nós, Kara. Quanto mais você resistir, mais nós vamos

te machucar. Não resista, junte-se a nós. A escuridão existe em você, tal como existia em seu pai. Você não pode negar quem é. Você é parte de nós, e em breve estaremos reunidos. Este é o único caminho. — Você nos pertence! E nunca poderá ir embora.

Kara foi tomada por uma grande fraqueza. Era como se ela estivesse em um sonho, incapaz de se concentrar. Suas pálpebras vibraram:

— Não...eu...não...pertence...a... este lugar. Meus amigos... — embora a energia ainda a queimasse, seu aperto diminuiu um pouco. Sua cabeça girava. — Tenho que... ajudá-los.

Estalos e trovoadas encheram a câmara. A cabeça de Kara caiu para trás. Seus olhos rolaram para dentro da cabeça. Ela estava prestes a perder a consciência. *Isso tudo foi um sonho? Onde ela estava? Mãe?*

— Logo você não se lembrará mais dos seus amigos e familiares. Sua memória desaparecerá, e você se esquecerá deles. Sua vida mortal e angelical não importarão mais, e você se tornará parte de nós. Você não pode esconder o que é, Kara. A escuridão vive dentro de você. Abrace-a. Você pertence a este lugar.

Em meio a uma névoa de torpor, Kara se esforçava para pensar. Sua cabeça ainda girava. Ela se esforçava para abrir os olhos. Suas pálpebras vibravam, mas não se abriam — Não... Meus amigos. Preciso...ir. Você... não pode...me prender aqui.

O calor ficou ainda mais intenso:

— Você não pode ir embora. Nunca. Seu poder e consciência irão se juntar a nós. Logo você entenderá e se alegrará. Você vai entender o significado pleno da sua existência.

Reunindo todas as forças que ainda lhe restavam, Kara conseguiu perguntar:

— Meus amigos... David? — sua cabeça caiu sobre o peito. A corrente

de energia se contorceu. Um frio escorreu dela como um banho gelado. Kara estremeceu, enquanto o frio se espalhava por seu corpo até as pontas dos dedos. Ela tremeu violentamente e depois se enrijeceu.

— Ah, sim, David. David. David. David. — A voz se repetia como um disco quebrado. — Você não precisará dele mais. Tudo que você precisa é de nós. De estar conosco. Você vai ver.

O rosto sorridente de David apareceu em sua mente. Seus olhos azuis cintilantes, seus lábios perfeitos. Eles se tornaram inseparáveis desde que ela começou a trabalhar na livraria. Um grande afeto havia crescido entre eles. Kara se agarrou desesperadamente a estes sentimentos. Uma onda de calor emanou do seu interior, aliviando o frio por um momento. Mas então, o rosto de David desapareceu. O frio subjogou o calor, e Kara teve dificuldade para se lembrar de suas memórias. Elas pareciam ter desaparecido. Sua mente tornou-se obscurecida. Partes de sua vida mortal se misturavam com sua vida como anjo, até que restaram apenas fragmentos. Nenhuma das suas memórias pareciam fazer sentido. David lhe fugia completamente à memória.

— Não! — Kara lutava como podia. Ela se prendeu a uma imagem parcial de David, se recusando a deixar aquela coisa levar suas memórias. — Pare! Não vou deixar você fazer isso!

— Não resista, Kara. Logo você nem se importará mais. David não existirá para você. Seus amigos também não, apenas o poder das trevas. Você será mais feliz, acredite em nós. Você é uma criatura das trevas - seu poder e consciência irão se juntar à nossa.

— Eu.... não quero... Eu não vou...

Com a imagem de David em sua mente, Kara se concentrou. Aquela coisa queria matar as memórias dela. Suas forças estavam se esvaindo. A escuridão estava tentando fazê-la sucumbir:

— Eu não vou... deixar... você fazer isso comigo.

— Vai sim. Você vai ver. Já está acontecendo. Não há como nos deter.

Kara concentrou seu poder elemental. Era a única saída. Ela se concentrou em seu ódio. A raiva fervia em seu interior. Uma oscilação de energia foi sua resposta, e crescia. Kara a alimentava com tudo que tinha. O calor de seu poder elemental aliviou o frio. Algumas de suas memórias voltaram - imagens de sua mãe, David, Jenny e Peter inundaram sua cabeça. Ela deixou que o poder fluísse através dela. Em seu desespero de se agarrar a própria vida, Kara concentrou todas as forças que tinha em sua raiva, e ela se espalhou como um incêndio.

— Kara... o que está fazendo? Pare com isso. Você nos pertence. Você não pode nos deixar.

Kara ignorou a voz. Ela sentiu a fúria do sol, tentando superar seu poder elemental. Mas ela resistiu. Sua energia emergia do seu interior como um poder branco e quente. Ele era como uma fonte de vida.

— Kara, não! Pare! Você não pode fazer isso! Não!

Um sorriso perverso se contorceu nos lábios de Kara:

— Sim, eu posso.

Com uma súbita explosão de energia, o corpo de Kara se inflamou com raios dourados de luz, como na explosão de uma estrela. A terra tremeu e a câmara foi iluminada com tons de dourado. Kara sentiu a pressão da descarga de energia em seu peito e caiu no chão. A energia verde enfraqueceu e se desintegrou.

— Não! Você não pode escapar!

Outra corrente de energia verde se despreendeu do sol, varrendo o chão perto das botas de Kara, mas ela se esquivou. Mais duas surgiram e atacaram. Kara rolou e saiu do alcance delas.

Ela estendeu as palmas das mãos. Nada aconteceu. Pequenas faíscas douradas serpenteavam em suas mãos. Seu poder elemental não era forte o suficiente. Ela havia esgotado sua energia tentando resistir, e não conseguiria usá-

la para atacar aquela coisa. Ela podia sentir que seu poder foi quase todo drenado.

— Kara, você pertence a nós! A nós!

A entidade verde brilhava e crescia. Seu corpo se expandiu até ficar cinco vezes maior do que seu tamanho original. Kara recuou. Em pouco tempo, o corpo da criatura encheria a câmara toda e a esmagaria.

— Você pertence a nós! A nós! — o sol verde se expandiu um pouco mais. Ele inchou como um balão de água gigante, prestes a estourar. A câmara tremeu. Poeira e pedras caíam na cabeça de Kara. Foi a deixa para ir embora.

Ela se virou e fugiu, correndo até o caminho pelo qual tinha vindo. Ela ouviu a entidade gemer mais uma vez, e então seus passos ecoaram no silêncio. O que restou do seu poder elemental servia apenas para mantê-la correndo.

Ela correu pelo corredor escuro. A neblina se derramava ao redor dos seus pés, mas ela correu ainda mais rápido. O nevoeiro ondulava, e ela seguia. Kara conseguia ver as sombras dos demônios caranguejos se movendo. A qualquer momento, uma horda deles iria atacar. Ela contava os segundos em sua cabeça, e rezava para poder esmagá-los com suas botas.

Com toda a força que conseguia reunir, Kara forçava suas pernas a se moverem tão rápido quanto possível. O pensamento de encontrar David novamente a alimentava com mais energia. Ela amaldiçoou o sol verde por tentar tirá-lo dela. Na escuridão, ela sentia a conexão com as trevas da qual o sol havia falado, mas se recusava a se preocupar com isso agora. Ela corria por sua vida.

Uma horda de demônios caranguejo se saltou em cima dela. Seus dentes perfuravam a carne de Kara, que fazia o possível para removê-los sem parar. Ela havia seguido a névoa para chegar ao sol, e agora fazia o oposto. Esse era o plano.

Enquanto chutava e socava os demônios caranguejo, Kara perdeu a noção do tempo.

Ela estremeceu com a ideia de ficar presa para sempre no interior da entidade verde.

Mais caranguejos atacaram. Kara gritava enquanto os arrancava do rosto e do peito. Seus dentes afiados cortavam sua pele de anjo. Ela desejou ter uma pedra da lua ou do fogo consigo, para que pudesse transformar todos eles em um coquetel de caranguejo. Mas ela não tinha tanta sorte. Era preciso continuar correndo. Com uma determinação renovada, ela corria freneticamente pela névoa. Uma escuridão sinistra a cercava, mas ela começou a sorrir enquanto ouvia o som de ossos e conchas se quebrando sob o peso de suas botas.

O som de conchas esmagadas parou. A névoa diminuiu. Ela correu até uma passagem e encontrou um sombrio hall de entrada. Janelas negras cobriam a extremidade oposta. Sem hesitar, Kara correu para a primeira janela e a chutou. O vidro se partiu a seus pés, e Kara hesitou por um segundo. Um braço se estendeu pela abertura. Ela reconheceu a jaqueta de couro marrom de David imediatamente. Ela agarrou sua mão e o passou pela janela com segurança.

Capítulo 15

A Transformação

— Kara! — O que aconteceu? Pensávamos tê-la perdido.

David deu um abraço apertado em Kara. Ela se deixou cair em seus braços. She fought the sob that threatened to burst and shivered in his embrace.

— A porta se abriu... e você desapareceu. Nós tentamos derrubá-la, mas ela nem se mexeu. E, então, desapareceu. Do nada, não havia mais porta.

Kara se afastou de David suavemente e o olhou nos olhos:

— Eu estava... — ela examinou o rosto dele. — David! Oh meu Deus, os seus olhos! O que aconteceu com os seus olhos? Eles estão negros - e o seu rosto! Sua pele!

David se virou, com os ombros caídos:

— Eu sei. Estou horrível. Não olhe para mim. O mesmo aconteceu com Peter. Seja o que for, afetou nós dois.

Peter foi em direção a eles. Sua pele havia perdido o tom rosado habitual e estava branca como giz. Seu rosto estava amedrontado, e havia círculos escuros sob seus olhos. Todo o branco de seus olhos havia desaparecido, dando lugar a um tom impenetrável de negro. Ele parecia muito pior do que David. Ele parecia um cadáver ambulante, que desabaria a qualquer momento, mas forçou um sorriso.

Kara agarrou David novamente pelos cotovelos e o encarou. Ele não a olhou nos olhos. Ela segurou seu rosto, o estudou por um momento e estremeceu.

— Acho que estou ficando louca aqui. Seus olhos estão completamente negros, David. E a sua pele está branca e pegajosa. O que aconteceu? Quem fez isso a você?

Kara se inspecionou:

— Meus olhos estão negros? Como está a minha pele? Eu pareço com você?

David balançou a cabeça solenemente:

— Não. Você parece terrivelmente consigo mesma. Mas não como o nós.

— Obrigada. Então, os meus olhos não estão negros?

— Não. Eles estão castanhos como sempre. — David afastou-se de Kara. Ele ficou quieto por um momento. — Ninguém fez isso conosco... simplesmente aconteceu. Acho que, o que quer que seja essa coisa, está afetando apenas a mim e ao Peter. E está piorando a cada minuto.

Kara observou David cuidadosamente. Ele estava ficando encurvado, como se tivesse problemas de postura. Ele continuava a evitar seu olhar. O que quer que fosse, essa coisa os atacava como uma doença. Eles pareciam febris e suados. Mas algo a incomodava:

— Eu tenho medo de dizer isso, mas você parece... parece...

— Demônios superiores. — David a cortou. — Nós sabemos.

Kara agarrou o braço de David e o puxou para si:

— Mas como isso é possível? Não faz sentido. Vocês não podem simplesmente se tornar demônios superiores. Vocês são anjos. Isso é loucura. Esse tipo de coisa não pode acontecer.

— Não acho que seja loucura. — Peter se arrastou no chão e apoiou a cabeça com uma mão. — Faz todo sentido. Anjos não podem vagar pelo mundo dos demônios, só os demônios o podem... ou aqueles com essência de um demônio, como você, Kara. Acho que, desde que... desde que tomamos um pouco da sua essência... nos tornamos capazes de sobreviver aqui. Mas agora o preço está sendo cobrado.

— Sendo cobrado? — Kara repetiu frustrada. — Não, não pode ser isso. Deve ser outra coisa. Algo que ainda não vimos. Os anjos não se transformam

em demônios simplesmente. Não é possível. Tem de haver outra explicação. Quer dizer... se o que você diz é verdade, então eu já devo ser um demônio superior. E não sou. Eu tenho a essência em mim. Por que não me transformei?

Peter deu de ombros e comprimiu os lábios:

— Não sei. Talvez você seja diferente de alguma forma. Você sempre foi diferente, Kara. Talvez você apenas não seja afetada da mesma forma que nós - pois sua essência é verdadeira. Nós misturamos a nossa com a sua... e acho que não foi o suficiente. Acho que o submundo sentiu isso e está nos transformando.

David passou os dedos no cabelo:

— Acho que Peter está certo. Este lugar... — ele fez um gesto com as mãos — está nos transformando em malditos demônios. Demônios! Kara! Eu odeio os demônios! E agora estou me tornando um. É como aquela série, Além da Imaginação.

Kara andou em círculos. Seus olhos se estreitaram:

— Não. Vocês não estão se transformando em demônios. Eu me recuso a acreditar nisso. Tem de haver uma forma de parar essa transição. Talvez possamos reverter o processo de alguma forma. — o pânico ameaçou fechar a garganta dela.

— Não podemos. — a voz de David se ergueu. — Nós estamos nos transformando em demônios superiores, quer você goste ou não. Essa é a verdade. E está acontecendo. Não podemos parar isso. É tarde demais para nós.

Kara ignorou o comentário e estendeu a palma de sua mão. Ela examinou o corte em sua mão. Era quase invisível. Ela franziu o cenho pensando:

— Então, vamos tirar mais da minha essência. Talvez com um pouco mais, possamos reverter o que foi feito.

Ela estendeu a mão para eles.

— Não. — David tomou a mão dela e a apertou delicadamente. — Uma coisa é extrair sua essência no mundo mortal, mas quem sabe o que aconteceria aqui? Você viu o que aconteceu. Isso poderia nos matar. — seus olhos negros procuraram os dela. — E eu sei que isso a deixaria mais fraca. Não faremos isso novamente. Nem podemos ser todos inúteis – nós devemos isso à Jenny.

Kara sabia que David estava certo. Se eles tomassem mais de sua essência, ela não teria chance alguma contra Lilith. Ela não podia deixá-la ganhar. A alma de Jenny dependia dela

Com um encolher de ombros, Kara desviou os olhos de David. Seus olhos negros trouxeram de volta lembranças dos demônios superiores.

Ela olhou ao redor:

— Espere um minuto. Isso é estranho. Por que os edifícios não se mexem mais?

Peter balançou a cabeça e franziu a testa:

— Nós também não entendemos. Eles pararam de repente. Acho que tem a ver com o que está acontecendo conosco. Acho que este mundo estava nos tratando como parasitas, tentando nos exterminar. Mas agora, desde que começamos a mudar - isso parou.

Um calafrio percorreu o corpo de Kara. As palavras de Peter faziam sentido. Ela sabia que precisava tirar seus amigos dali em breve:

— Bem, pelo menos está acontecendo em um ritmo lento. Provavelmente, nós conseguiremos encontrar Jenny e sair daqui, antes que essa doença acabe com vocês.

— Na verdade, ela tem progredido bem rápido. — David olhou para suas mãos. Após um momento, ele olhou para cima e apontou. — Assim que você desapareceu naquele prédio, eu notei a mudança nos olhos do Peter. Ele disse que os meus também haviam mudado. Todo o resto aconteceu em poucos minutos.

Kara se aproximou de David e colocou a mão em seu ombro.

— Sim, mas isso foi há pelo menos uma hora, e não vamos ficar aqui por muito mais tempo - o que foi? Por que está me olhando assim?

— Kara, você acha que você esteve fora por apenas uma hora? — David e Peter compartilharam um olhar nervoso.

Kara deslocou o peso do corpo desconfortavelmente. Ela olhou para os dois e balançou a cabeça lentamente.

— Ou algo perto disso. Ok, talvez por um pouco mais ou um pouco menos. Por que? Qual é o problema?

— Você só saiu por cerca de cinco minutos.

A boca de Kara se escancarou:

— O que? Sem chance. Eu passei pelo menos uma hora chutando demônios caranguejos e lutando contra um sol verde gigante, que queria chupar meu cérebro. Tenho certeza disso.

David arqueou uma sobrancelha, espantado:

— Demônios caranguejos? Um sol verde gigante? Parece interessante. O que aconteceu lá?

Kara suspirou e recontou os eventos. Quando acabou, ela cruzou os braços:

— Então, dá para perceber que foram mais de cinco minutos, certo?

— Bem, não para nós, Kara. — Peter se colocou de pé. Ele balançou por um momento e depois se estabilizou. — Talvez o tempo não queira dizer muita coisa onde você estava. Mas aqui, onde estamos agora, não é assim. Você sumiu por apenas cinco minutos.

David deu a Kara um sorriso amarelo:

— Então, Peter e eu não temos muito tempo. Se nós mudamos tanto em cinco minutos, estaremos cozidos e prontos para servir em uma hora. Pode acreditar.

O rosto de David já não tinha nenhuma cor. Kara notou os fios de cabelo em sua têmpora ficando brancos. Ela se lembrou de seu rosto moribundo, antes de se desintegrar em seus braços no horizonte. Ela não podia passar por essa experiência dolorosa novamente. Kara não deixaria David morrer de novo.

— Então vamos tirar vocês dois daqui. Eu volto para buscar Jenny mais tarde.

— Não. — David a interrompeu. — Nós viemos aqui para buscar a Jenny. Não vou a lugar nenhum sem ela.

— Nem eu. — Peter se fazia de valente, mas Kara podia enxergar o terror se espalhando em seu rosto pálido. — Não podemos deixá-la morrer. Eu sei que ela faria o mesmo por nós.

Kara deu de ombros. Ela sabia que não conseguiria convencer David a desistir, e Peter seguiria apenas ao David. Ainda havia uma chance deles salvarem Jenny e saírem antes das coisas ficarem realmente ruins. Era uma chance pequena, mas que outras alternativas ela tinha?

— Então eu sugiro que a gente prossiga. Provavelmente, Jenny está pior do que vocês. Ela está aqui há muito mais tempo do que nós. Se nos apressarmos, pode ser que ela tenha uma chance.

Ela foi interrompida por uma música. Uma sinfonia de melodias harmoniosas, que ecoou à distância. Parecia algo estranhamente fora de contexto, mas Kara a recebeu muito bem.

— Vocês ouviram isso? A música... estão ouvindo? — O espírito dela se elevava com cada nota.

— Ouvi sim — disse Peter. — Parece música clássica. “Clássica Dark”, eu acho.

— Sim. Eu também ouvi. — David apontava para trás deles. — Está vindo de lá. Acho que deveríamos dar uma olhada.

Kara se lembrou do mesmo tipo de música vindo do cassino. O som a remetia a luzes brilhantes e demônios jogando cartas:

— Acho que está vindo do casino. Se Lilith for parecida com o pai, ela está lá com Jenny, e está nos esperando.

— Então vamos dizer olá para a rainha do gelo. — David sacou uma lâmina da alma de seu casaco. — Aqui - acho que você vai precisar disso. É a minha última. — ele entregou a Kara, que aceitou de bom grado.

Uma vez que eles estavam prontos, os três marcharam através da rua tranqüila, um pouco mais devagar do que antes. O silêncio parecia estranho, em comparação ao barulho da cidade de metal. Há alguns minutos, a cidade queria devorá-los, mas agora, estava silenciosa como os mortos. Eles caminharam em silêncio. O barulho dos seus passos se juntou à música distante. Olhos vermelhos brilhavam na escuridão. Algumas formas nas sombras pareciam se mover. O vento trazia um sussurro rouco, em um idioma que Kara não conseguia compreender. Mas nada os atacou. Eles passaram por edifícios de pedra e vidro, que desapareciam na escuridão acima deles. Kara viu silhuetas de criaturas através das janelas escurecidas, mas nada veio até eles.

No meio disso tudo, Kara percebeu que seu ritmo havia diminuído drasticamente. Os outros não conseguiam acompanhá-la, então ela diminuiu o passo ainda mais. Os nervos dela estavam a flor da pele.

Ela olhou para David de soslaio. Suas sobrancelhas estavam quase se unindo. Seus lábios se moviam de uma forma antinatural, quase como se ele estivesse cantando. Seu rosto estava abatido e a maioria do seu cabelo estava branco. Ela se forçou a desviar o olhar.

A música se intensificou. Um som gótico, com violinos e trompetes estrondosos. Ela podia ouvir risos sussurrados. A escuridão opaca diminuiu, e Kara podia ver luz acima dos prédios, como se estivesse amanhecendo. As estruturas ficavam menos densas e menores, à medida que eles avançavam.

Luzes vermelhas piscavam acima dos edifícios, e depois desapareciam. Curiosa, Kara começou a andar mais rápido. Novamente, luzes vermelhas espalhadas em um semicírculo piscaram acima da cidade. Elas piscavam em um movimento circular, e desapareciam por trás de um edifício. Finalmente, Kara passou pelo último dos edifícios de pedra e virou uma esquina.

Ela parou em frente a um grande parque, do tamanho de um campo de beisebol. Ele era rodeado por uma cerca de metal pontiaguda, com cerca de quinze metros, e uma nuvem de névoa pairava sobre seu interior. Kara se lembrou de sua experiência desagradável com os demônios caranguejos.

Mas esse nevoeiro era diferente. Árvores negras e murchas balançavam grotescamente ao vento; seus galhos quebrados e rachados caíam ao chão. Um fedor asfíxiante os rodeava. Um relâmpago verde surgiu em meio as nuvens escuras, e iluminou a cena com um brilho estranho. Carrosséis brilhantemente iluminados giravam suavemente, seus corcéis solitários galopavam em uma corrida sem fim. Brinquedos diferentes podiam ser encontrados ao longo do parque, mas um se destacava dos outros. À distância, uma roda-gigante girava gradualmente no sentido horário. Luzes vermelhas e laranjas piscavam à medida que a roda se movia. Os assentos vazios de metal balançavam para lá e para cá.

Foi aí que Kara viu - uma jovem amarrada a um assento com uma corrente de metal. Seu cabelo curto e roxo brilhava na luz suave. Sua cabeça pendia. Mesmo à distância, Kara podia ver que sua pele tinha um branco doentio. Ela parecia estar inconsciente.

— Jenny — sussurrou Kara, horrorizada.

Grandes portões de ferro montados em colunas de granito bloqueavam a entrada. Os portões tinham entalhes intrincados de dois rostos assustadores em cada lado. Kara conseguia ver uma fechadura de metal entre as portas. Um letreiro de neon brilhava com uma luz vermelha e verde, dizendo: “*Bem-vindo à extravaganza de Lilith.*”

David estava ao lado de Kara:

— Isso não vai ser legal.

Capítulo 16

O Parque Extravaganza

Kara caminhou até o portão. As sombras se moviam do lado de dentro. Ela sabia que era uma armadilha. Uma vez que passassem, ela tinha certeza de que algo terrível os esperava. Ela agarrou os portões de metal e empurrou. As portas sacudiram, mas não abriram:

— Bem, valeu a tentativa. Vocês acham que têm força suficiente para escalar o portão?

Peter olhou para cima e deu de ombros:

— Eu não acho que consiga. Estou tendo dificuldades até para andar.

— Tem que haver outra entrada. — Kara soltou a porta e caminhou pela lateral do parque. Postes de ferro subiam até o céu negro. Ela se inclinou. — Talvez devêssemos dar uma volta e procurar outra forma de entrar. Tem que haver uma abertura em algum lugar.

— Acho que não temos tanto tempo. — Peter se inclinou e se apoiou no portão. Seu rosto pálido se destacava contra o ferro negro dos portões. Kara não suportava vê-lo tão fraco. Seria culpa dela se Peter e David sucumbissem no submundo.

— Alguém sabe arrombar um cadeado? — perguntou David. Ele tentava enfiar o dedo indicador no buraco da fechadura. — Ah! — David saltou alarmado. Ele tirou o dedo rapidamente.

Kara correu até ele com a lâmina da alma em punho:

— O que foi? O que aconteceu?

David levantou seu dedo indicador. Uma luz suave brilhava no lugar onde a parte superior do dedo e a unha deveriam estar.

— A fechadura me mordeu. Ela me mordeu! Levou um pedaço do meu dedo. Olha só.

— Ela te mordeu? — Kara inspecionou a fechadura. Ela não podia ver nenhum dente ou outra coisa que poderia ter tirado um pedaço do dedo de David, só uma fechadura de metal comum.

— Estou dizendo, essa coisa me mordeu. — David chutou a porta com raiva.

Após David se acalmar, Kara deslizou lentamente sua lâmina pela fechadura. Ela ouviu um clique suave, e o buraco da fechadura se fechou de repente:

— E o...?

Ela puxou sua lâmina. Estava emperrada. Ela apoiou a perna no portão, segurou a lâmina com as duas mãos e puxou. Nada. Após fazer muito esforço, Kara conseguiu soltá-la com um puxão final. Ela tropeçou e quase caiu no processo. Quando se recuperou, Kara observou o buraco da fechadura.

— Pagamento, por favor — disse uma voz.

Kara pulou de susto. Ela apontou a lâmina para as portas. De onde veio aquela voz?

— Sim, você precisa pagar — concordou outra voz.

Kara brandiu sua lâmina ameaçadoramente:

— Quem disse isso? Onde está você? Mostre-se! — Ela olhou através das grades de ferro, mas não viu ninguém. Ela olhou para David e Peter, que encolheram os ombros.

— Fui eu — disse a mesma voz.

— E eu — falou a outra voz.

Kara seguiu o som das vozes. Elas certamente vinham dos portões. Ela os inspecionou. Duas gárgulas de ferro a encaravam no centro de cada porta. Subitamente, o metal parecia vivo. Ela examinou os rostos mais de perto. Eles olharam de volta, piscaram e sorriram.

Kara cambaleou para trás. Era impossível.

— Acho que a garota gostou de você, Direito — disse um dos rostos. Seus enormes olhos esbugalhados rolaram e observaram Kara.

O outro rosto de ferro se contorceu em um sorriso. Seus pequenos olhos piscavam fervorosamente:

— Acho que você está certo, Esquerdo. Eu sou mais bonito do que você. Sempre soube disso. — Seu grande nariz se dilatou quando ele sorriu.

— Não acredito no que estou vendo. — David riu. — Portas falantes!

Esquerdo enrugou seu nariz aquilino:

— Não somos portas - somos guardas. O que três anjos fazem por aqui? Pelo que vejo, vocês não serão mais anjos por muito tempo. Você está horrível. — Ele sorriu perversamente, revelando dentes negros e afiados.

Kara fez uma careta e se adiantou. Os olhos dos rostos observavam cada movimento. Eles brilhavam sob a luz verde do néon. Eles pareciam inofensivos, mas Kara não podia arriscar. Ela apontou a lâmina na cara deles:

— Meus amigos e eu realmente precisamos passar. Alguém está a nossa espera do outro lado. Podemos passar? Por favor?

— Para passar, você precisa pagar. Sem pagamento, nada feito — disse o Direito. Suas grandes orelhas pontudas se contorciam nervosamente.

— Sim, sem pagamento, nada feito — repetiu Esquerdo.

Os rostos causavam arrepios em Kara, mas ela não tinha outra

alternativa, se não tentar negociar com eles. Não havia como David e Peter escalamem o portão; eles ficavam mais fracos a cada minuto.

— Então, de que tipo de pagamento estamos falando? Não tenho nenhum dinheiro. — Foi a primeira coisa que passou pela cabeça de Kara. Talvez eles aceitassem bótons como pagamento, como os motoristas dos carros celestes.

Ambos os rostos se fecharam em uma carranca:

— Dinheiro? O que é isso? Não, você precisa nos dar a alma de um mortal. Sem uma alma adequada para o pagamento, você não pode passar.

Kara ficou horrorizada. Ela precisou de um momento para se recompor:

— Eu não tenho uma alma mortal. E ainda que tivesse, nunca daria para vocês.

— Hmm. Bem, isso é mais problema seu do que nosso, não é? Como pretende passar? Eu pensei que você seria mais esperta do que isso. — O rosto que falava virou para a direita. — Esquerdo, parece que temos três simplórios entre nós.

— De fato. Eu acho que poderia até fazer um som agradável ao abrir — disse Esquerdo, enrugando seus lábios e fazendo uma careta horrível.

Kara ouviu um barulho, e se virou para ver que David estava caído no chão. Ela correu até ele, enquanto ele tentava se levantar.

— Estou bem — David tentou libertar o braço que Kara segurava. Seu cabelo estava quase totalmente branco. Ele estremeceu. O sofrimento feria o peito de Kara. Estava tudo errado. Ela nunca deveria ter concordado em levá-los.

— Você obviamente não está bem. Isso é tudo culpa minha. David, sinto muito. Eu vou levar você de volta.

— Não! — David agarrou um poste de metal e se colocou de pé. — Vamos em frente. De qualquer forma, é tarde demais para voltar. Temos que continuar. Não temos outra escolha.

Kara olhou para Peter por cima do ombro. Ele se sentou no chão, e encostou sua cabeça contra o peito. Só se passaram alguns minutos desde que chegaram até o portão, mas Peter e David estavam se deteriorando rapidamente. Quanto tempo havia até que eles se transformassem completamente em demônios superiores? Ela ainda poderia levá-los de volta? Uma vez transformados, eles ainda seriam as mesmas pessoas?

Kara ficava cada vez mais irritada. Ela foi até as portas, querendo arrancar os olhos da gárgula com sua lâmina:

— Olha só. Não tenho tempo para ficar aqui discutindo com vocês. — Eu não tenho uma alma mortal. Precisamos passar- agora! Eu sei que Lilith está nos esperando. Vocês realmente deveriam deixar a gente entrar. Quer deixar sua senhora irritada?

— A senhora Lilith? Hmmm. Aí o buraco é mais embaixo — disse Direito, baixando suas grossas sobrancelhas. — A nervosinha tem razão. Não queremos que nossa senhora se chateie com a gente. Esquerdo, o que devemos fazer? Devemos deixá-los entrar?

As orelhas de Esquerdo se mexeram. Seus olhinhos negros analisaram Kara por um momento:

— Não sei. Devemos? Você lembra o que aconteceu da última vez que ela ficou furiosa com a gente - o rio de magma fervente te lembra alguma coisa?

Direito enrugou seu rosto negro:

— Bem, a senhora disse que estava aguardando uma menina...mas não uma menina e dois meninos.

— Sim, apenas uma garota.

— Os meninos estão em uma situação deplorável — observou Direito. — Duvido que seriam uma ameaça para nossa senhora em seu estado atual.

— Concordo — disse Esquerdo. — estão deploráveis, de fato. O que usa óculos não consegue nem ficar de pé. Ele vai ser devorado vivo.

— Sim, devorado vivo.

Kara levantou sua cabeça:

— Ouçam - Esquerdo, Direito. *Eu* sou a garota. Vocês precisam deixar meus amigos e eu passarmos imediatamente...antes que sua senhora descubra que vocês bloquearam nossa passagem. Tenho certeza de que vocês não querem chegar nem perto de *magma fervente* novamente. Ela não ficará feliz de saber que vocês estão barrando os convidados dela.

Esquerdo ponderou por um momento. Ele franziu seus lábios de ferro:

— Está bem, pode passar.

— Você pode passar! — ecoou Direito.

Os portões se abriram com um rangido ensurdecedor. Kara ajudou Peter a ficar de pé e atravessar as portas. David mancava logo atrás. Kara ouviu os portões se fechando, e as vozes horríveis dos guardas cantando. Uma sinfonia gótica tocava nos arredores, como se estivesse dando boas-vindas. Eles passaram por um carrossel enfeitado por luzes e joias. Corcéis negros, com dentes afiados e amarelados, subiam e desciam lentamente em postes de ouro. No lugar dos cascos, garras arranhavam a plataforma de metal. Suas cabeças se viraram. Seus olhos vermelhos e brilhantes assistiram Kara e os outros passarem. Kara suprimiu um calafrio, enquanto eles passavam pelos sinistros corcéis negros. Ela sentia que eles não estavam realmente presos ao carrossel.

Com a roda gigante ainda no campo de visão de Kara, eles fizeram seu caminho cuidadosamente através de um labirinto de brinquedos sinistros e quiosques feitos de ossos humanos. Uma horda de mulheres demônio, com peles amarelas e azuis saíram de uma tenda. Elas passaram dançando a dança do ventre pelo grupo, exibindo lenços de seda para Peter e David, que fizeram o possível para ignorá-las. Os demônios riam, lambendo os lábios com suas línguas bifurcadas enquanto seguiam seu caminho.

Eles viram uma grande tenda. Longas listras vermelhas e amarelas de

um pano grosso, que ia até o chão. A porta da tenda se abriu, e as mulheres demônio gritaram e saíram correndo. Kara deu um passo para trás involuntariamente.

Demônios rastejavam para fora da tenda. Seus rostos pálidos observavam cheios de malícia. Seus estômagos anormalmente grandes revelavam fileiras de dentes podres. Eles tinham uma pintura preta em volta dos olhos amarelos e esbugalhados, narizes bulbosos e caídos, acima de lábios pintados de vermelho. Seus membros se contorciam grotescamente à medida que a horda de demônios formava um círculo em torno de grupo. Alguns usavam chapéus pretos; outros eram carecas. Uma linguagem estranha e gutural dançava em suas línguas enegrecidas. Kara lutou contra a vontade de fugir e ficou onde estava.

Um demônio com uma esfarrapada roupa vermelha e preta de palhaço atravessou o círculo e se aproximou deles. Seu rosto era uma confusão de tinta vermelha, que cobria suas faces encovadas e a boca fina. Ele tinha um grande cutelo pendurado na cintura.

— Este é o meu dia de sorte. — David mancou até a frente do grupo para encontrar o demônio. — Eu sempre odiei palhaços. Agora é hora da vingança por todas as estúpidas festas de aniversário que eu tive.

O demônio esbravejou.

David jogou sua lâmina, e ela perfurou a testa do demônio com um som molhado. A criatura balançou e depois caiu:

— Eles nunca sabem quando calar a boca. Odeio esses risos e essa cantoria assustadora. — David se abaixou, puxou a lâmina da testa do palhaço e limpou-a na calça jeans.

Kara empurrou Peter para trás dela:

— Fique abaixado. Não tente nada heroico. Você tem uma arma com você?

Peter se sentou no chão e vasculhou sua mochila. Ele encontrou uma pedra da lua e segurou-a com ambas as mãos:

— Isso deve resolver... eu espero.

— Bom. Fique aí. — Kara assumiu uma postura protetora na frente de Peter. Ela foi acometida por uma onda de fúria. Seus dedos tremiam, e ela apertou sua lâmina contra a palma da mão. Peter não estava em condições de lutar. Ele nem devia estar aqui. Kara direcionou seu ódio para a horda de palhaços.

Com um rugido, todos os demônios palhaços se lançaram ao ataque. Um demônio com uma cartola preta e casaco vermelho correu em direção a ela. Ele tinha uma lâmina negra em cada uma das mãos. Vapores negros serpenteavam por suas mãos e braços como peles. Ele brandia as lâminas acima da cabeça com habilidade. Com um rugido de raiva, ele saltou para o ar e atacou, visando o pescoço de Kara.

Ela se esquivou e chutou o palhaço, que vacilou por um momento. Ele riu, soltando um líquido preto de sua boca podre. O demônio brandiu novamente suas lâminas e lançou outro ataque. Kara ergueu o braço e bloqueou a investida dele. Os joelhos dela cederam ante o peso do palhaço. À medida que ela lutava, podia ouvir os grunhidos de David e o barulho de metal atingindo metal. Apesar de sua doença, ele ainda lutava.

Por baixo do braço da criatura, Kara viu outro par de botas sujas, outro demônio correndo em direção a ela. Com uma força renovada, ela empurrou a primeira criatura para longe e cortou sua garganta. Seu uivo de morte abalou o ar, assim como sua queda fez o chão tremer. O outro demônio já atacava Kara com um machado enorme. Ela caiu rolando no chão; o machado atingiu seu abdômen. Kara gritou quando o metal envenenado feriu seu corpo.

Ela agarrou a arma e a tirou de lá.

Algo puxou seu cabelo. Com o machado ainda na mão, ela atacou pela lá o que estivesse atrás dela. Houve um barulho, e Kara se virou para ver um demônio se desintegrando no chão.

Houve uma explosão em torno deles. Uma névoa branca gigante pairou por um momento e depois se dispersou. Eles estavam cercados por membros quebrados e dilacerados de palhaços. Peter estava com o rosto manchado do líquido negro. Ele olhou para Kara com uma expressão determinada e sorriu.

Uma pontada de dor atingiu Kara. David estava caído no chão à frente deles. Três demônios o esfaqueavam repetidamente com suas lâminas. Kara se lançou ao ataque e cortou o primeiro demônio facilmente. O outro veio atacá-la, mas recebeu um chute no joelho e outro no rosto. Ela bloqueou a investida do terceiro com sua lâmina. A criatura riu, o que só deixou Kara ainda mais irritada. Com sua lâmina erguida, ela o atingiu no olho, Removendo sua arma enquanto o demônio caía.

Ela se ajoelhou ao lado de David e tirou seus cabelos brancos do rosto. Seus olhos estavam fechados. Ele estava deitado em uma confusão de membros quebrados e trapos rasgados. Havia uma poça de líquido negro no chão onde ele estava deitado. Uma luz brilhava de muitas feridas. Kara ficou apreensiva; David não estava nada bem.

— Estou terrível, não é? — resmungou David ao abrir os olhos. — Posso dizer pelo olhar em seu rosto.

— Shhhh. Não fale. Guarde sua força. — Kara se virou.

O último dos demônios palhaços se debandava. Kara o viu mancar para o fim da tenda e desaparecer atrás de uma grande condução com assentos em más condições.

Sem mais uma palavra a David, ela o colocou em seus ombros e o arrastou até Peter.

— Adoro mulheres fortes — disse David romanticamente.

Kara o ignorou:

— Peter, você consegue andar?

Com grande esforço, Peter conseguiu ficar:

— Eu... acho que sim. Qualquer que seja essa doença, quanto menos me esforço, mas lentamente ela parece agir. — Ele jogou a mochila nas costas.

— Se for isso, então eu sou um caso perdido. — David tombou a cabeça para o lado. — Quase não sinto minhas pernas.

— Não diga isso. Você vai ficar bem. — Kara vasculhou a área. Ela apontou para uma cabine de bilheteria vazia, com um grande retrato sorridente de Lilith pintado na frente. — Ali, vocês estarão seguros ali até eu voltar.

David tossiu uma risada:

— Sério? Com aquela ali sorrindo para nós assim?

— Sim, sério. Eles não os procurarão lá. — Kara levou David para o outro lado da cabine. Ela o colocou suavemente sentado no chão. Ele virou a cabeça e mandou um beijo para a imagem de Lilith. Peter riu e foi para junto dele.

O sorriso de David se evaporou:

— Kara, me desculpe — começou David. — Eu a deixei mal.

Kara balançou a cabeça para si mesma:

— Não há nada pelo o que se desculpar, David. Sou eu quem deve pedir desculpas aos dois. Nunca deveria ter deixado vocês virem. Isto foi um grande erro.

— A decisão não cabia a você. — disse David. — Peter e eu queríamos vir. Não havia nada que você pudesse fazer para nos impedir de partir com você. E ainda bem que fizemos isso.

Kara suspirou. Ela olhou para a mochila de Peter:

— Você tem mais pedras da lua aí?

Peter acenou com a cabeça:

— Sim. — ele puxou outra pedra da lua. — Tenho mais 5. — David assobiou e deu um tapinha nas costas de Peter, impressionado com seu estoque.

— Bom. Se mais demônios aparecerem, façam exatamente como antes. Explodam todos. Voltarei em instantes. Não deixem que eles os vejam. Tentem não fazer nenhum barulho.

Ela olhou para o rosto de David. Sua pele estava branca como farinha. Ela não ia durar muito tempo. Os demônios quase o haviam matado. Ela esperava que Peter fosse corajoso o suficiente para mantê-los vivos tempo o bastante para ela voltar e pegá-los. Ela torceu em silêncio por isso.

Kara se levantou e conferiu a si mesma:

— Está bem. Eu indo.

— Espere! Eu preciso do meu beijo de boa sorte. — David fez beicinho com os lábios. — Se for para morrer nas mãos de um demônio mau, pelo menos deixe-me morrer feliz.

Revirando os olhos, Kara se ajoelhou ao lado dele e envolveu seu rosto suavemente em suas mãos:

— Você não vai morrer. Não seja estúpido. Não deixarei que morra. Eu prometo. Voltarei logo para buscar vocês... e, então, iremos para casa. Prometo. — Kara inclinou-se para a frente e pressionou seus lábios contra os de David. Ela se estremeceu com o frescor da pele dele, mas ficou feliz com o toque suave.

— Não acredito que vocês estão se beijando em um momento como este. — riu Peter. — Vá logo e faça o favor de voltar inteira. Este lugar está me assustando. Eu sei que vou ter pesadelos com palhaços para o resto dos meus dias.

— Voltarei logo. Prometo. — Kara sentia-se como se todo o peso do submundo tivesse recaído sobre ela. Ela odiava deixá-los assim, mas não tinha outra escolha.

— Tome cuidado. — disse David.

Após dar uma última olhada em Peter e David, Kara se colocou de pé em um salto e correu na direção oposta. Ela passou pela tenda amarela e vermelha cautelosamente, segurando sua lâmina com firmeza. Ela tentou ouvir algum som de passos. Nada. Nenhum demônio surgiu da tenda. Aliviada, ela abriu caminho por assentos em péssimo estado, disputados por diabinhos sem pele. Seus olhos verdes e brilhantes a seguiram quando ela passou, mas eles continuaram a brigar entre si. Seus grunhidos selvagens foram abafados por uma sinfonia de berros.

Kara podia ver o corpo de Jenny balançar enquanto a roda gigante se movia. Ela estava quase lá, era só seguir a música. Não faltava muito até a roda gigante.

Um súbito sussurro veio de trás dela. Kara se virou para ver uma horda de palhaços putrefatos cambaleando em sua direção. Ela apertou o passo, e ouviu os passos dos demônios ganharem velocidade. Se eles estavam todos atrás dela, isso significava que David e Peter estavam seguros, a menos que outros inimigos estivessem espreitando nas sombras. Kara tentou afastar este pensamento.

A brilhante roda gigante estava acima de uma tenda branca e esfarrapada. Kara podia ver claramente o rosto de Jenny agora. Seus olhos estavam fechados. Sua pele tinha a mesma tonalidade de giz, mas Kara não conseguia ver nenhum ferimento real em sua amiga.

Ela deu a volta na tenda e saiu em uma clareira. Havia uma grande plataforma elevada embaixo da roda gigante. Luzes penduradas em fios cruzavam a plataforma. E no extremo oposto, um grupo de demônios escabrosos e gordos uivavam e tocavam instrumentos negros brilhantes, com sinuosos braços e pernas. Suas vozes soavam com um desempenho assombroso.

Uma mulher usando terno e chapéu brancos entrou no palco. Seus cabelos brancos e compridos se moviam artificialmente atrás dela, como uma capa feita de névoa. Um sorriso sinistro invadiu suas feições delicadas quando ela viu Kara. Seus grandes olhos negros brilhavam de excitação. Ela pulava e

rodopiava dramaticamente ao redor do palco.

— Ora, ora. Então, Kara, minha irmã mais nova, finalmente decidiu aparecer para brincar — Lilith riu suavemente para os quatro demônios superiores atrás dela. Seus rostos idênticos zombavam de Kara.

Um homem gigante se sentou em uma cadeira vermelha de madeira, ao lado de Lilith. Havia cobras entalhadas no braço da cadeira e animais com chifres representados nas pernas. No encosto, havia um olho entalhado, que parecia observar Kara. Um manto longo e cinzento cobria os ombros fortes do homem. Seu belo rosto se contorcia em uma carranca. A luz refletia em sua cabeça calva. Ele observou Kara com os olhos negros.

— Zadkiel — resmungou Kara.

Capítulo 17

Caixinha de Surpresas

— Vocês dois se conhecem? — perguntou Lilith.

Ela parou de girar... e ficou imóvel. Ela observou Kara e Zadkiel por um momento, e então, levantou seus braços dramaticamente no ar e riu:

— Que maravilha! Isto vai ser ainda melhor do que eu tinha imaginado. E pensar que eu reuni dois ex-colegas da legião. — Zadkiel mantinha seus olhos em Kara. Ele nem sequer piscava.

Lilith olhou para ela:

— Oh meu Deus, o que aconteceu com você? Você está horrível — ela deu uma risadinha — teve dificuldades para chegar aqui? Conheceu alguns dos meus amigos ao longo do caminho?

Kara a ignorou e estudou a área rapidamente. Ela sentiu alguma presença atrás dela e se virou. Um grupo de palhaços demônios se amontoavam em sua retaguarda. Ela se afastou, à medida que eles formavam um círculo ao seu redor. Eles sussurravam e faziam pouco dela, enquanto a cutucavam com suas armas. Um pulou para a frente, brandindo uma maça estrela. Ele caiu no chão perto de pés de Kara. Kara nem se mexeu.

Lilith levantou a mão. O demônio palhaço curvou sua cabeça e se afastou. Ela sorriu para Kara:

— Eu sabia que você viria. Eu sabia que não conseguiria resistir ao impulso de ajudar sua amiga patética - qual era o nome dela mesmo? Julie? Ginger? Janet?

— Jenny — sibilou Kara. Ela esperava que seu rosto transparecesse a ira que ela estava sentindo.

Lilith riu suavemente, e brincou com a uma das mechas de seu cabelo:

— Ah, sim - a pobre e patética Jenny - é o fim para ela.

Ela olhou para trás e sorriu para a figura sem vida, amarrada à roda gigante:

— Eu odeio o cabelo dela. Não é horrível? Não concordo com as mulheres jovens que usam cortes de cabelo muito curtos. Parecem meninos. Por que alguém iria querer parecer um menino? Acho que todas as mulheres deviam ter um cabelo bonito como o meu.

Lilith sacudiu seu cabelo com um movimento do pulso, E deu um lindo sorriso para Kara.

— Bem, se a alma dela ainda está viva, então deve estar por um fio. Eu dei a ela um pouco da minha essência, para mantê-la viva tanto quanto pudesse. Eu queria vê-la sofrer. Mas infelizmente, ela é fraca, e provavelmente já está morta agora. Então eu acho que você veio até aqui por nada. Ha! — Lilith riu animadamente. Os demônios riram junto com ela.

Kara resistiu ao impulso de correr e socar a cara de Lilith. Ela olhou para cima e procurou o rosto de Jenny. Não havia movimento. Seu corpo estava rígido, como um cadáver. A culpa e a raiva se inflaram em seu peito.

— Sabe, — Lilith continuou —... vocês anjos da guarda são um pouco superestimados, não acha? Pela reputação e tudo mais, poderia se esperar que vocês fossem mais inteligentes. Mas você não é muito esperta, não é, Kara? Esta armadilha era tão óbvia. Olá?! Você não sabia que isso era uma armadilha? Você é feia e estúpida a esse nível? Só obedece, sem fazer perguntas, como um bom soldado. E ainda diz que é filha de Asmodeus? Acho que não. — Ela acenou de forma teatral e deu uma risadinha.

Kara encarou Lilith, mas não respondeu. Ela sabia que não devia entrar no jogo dela. Ela observou Lilith, com os lábios tão apertados que formavam uma linha.

Lilith levantou uma sobrancelha. Seu sorriso era vazio:

— Era de se esperar que a *infame Kara Nightingale tivesse mais cérebro*. Kara isso... Kara aquilo... todo mundo só fala de você. Está claro que fui eu quem

herdei o cérebro do nosso pai, e não você. Eu nunca teria sido estúpida o suficiente para arriscar minha preciosa alma por outra pessoa. Qual seria o sentido disso? Sua fraqueza, minha querida irmã, é o seu amor por seus amigos.

— Eu prefiro dar minha vida para ajudar um amigo, do que ser uma psicopata egocêntrica, que precisa de público para se sentir importante. — Kara levantou a voz, mas tentou manter a calma. Ela precisava estar em seu juízo perfeito.

Os lábios de Lilith se contorceram em um sorriso feio. Seus olhos negros ficaram com uma expressão sombria:

— Eu sou importante. E poderosa. Eu sou o ser mais importante do submundo, caso queira saber.

Ela olhou para Kara:

— Você é só uma pedra no meu sapato. Não pense que pouparei sua vida insignificante só porque somos irmãos. Você não significa nada para mim. Me dará grande prazer vê-la sofrer como eu sofri.

— Eu não esperaria menos. — Kara observava Zadkiel. Ele ainda não havia dito uma palavra, o que deixava Kara nervosa. Ele só podia estar pensando em algum plano. Ele batia o polegar contra o braço da sua cadeira. Sua expressão profundamente ameaçadora era a única indicação de seu ódio por Kara. Ele era pior do que um traidor. Ele era a escória da escória.

Lilith ajustou seu chapéu e apontou o queixo para o ar:

— Eu era a preferida do meu pai, sabia? Ele dizia isso o tempo todo. Ele me adorava. — Ela se virou e apontou o dedo com a unha pintada de vermelho para Kara.

— Você foi só uma experiência que deu errado. Ele nunca gostou de você como gostou de mim. Você não significou nada para ele. Nada. Ele quase nunca falava sobre você. E quando fazia, era porque você o irritava. Ele nunca foi realmente seu pai. Ele era *meu* pai, não seu. Ele queria te matar.

Kara balançou a cabeça, sorriu, e bateu a lâmina contra a coxa:

— Uau. Você tem alguns problemas sérios relacionados ao papai.

Kara não sabia de onde veio aquilo. Ela viu o ódio se incendiar no rosto de Lilith. Era uma visão horrível.

Lilith olhou para Kara:

— Eu vou adorar ver você morrer, irmã. — Seus lábios tremiam de raiva.

Kara a encarou:

— Vamos ver, não é...irmã?

Lilith levantou os braços para o ar:

— Vamos ver se os rumores são verdadeiros. Vamos ver o quão poderosa você realmente é, querida irmã. Que comecem os jogos! — Ela estalou os dedos.

Um tornado de poeira surgiu no centro da plataforma. Os cabelos e roupas de Kara sacudiram violentamente com a rajada de vento. Uma eletricidade verde serpenteava ao redor do tornado. Houve uma rachadura repentina. O tornado desapareceu. Uma grande caixa com desenhos intrincados surgiu na frente de Kara. A caixa era vermelha, com pontos de interrogação verdes pintados em todas as laterais. Parecia uma caixa de brinquedos gigante. Uma manivela girava lentamente em um dos lados.

Kara não foi enganada pela caixa colorida. Ela deu um passo para trás. Com um clarão, o topo da caixa explodiu. Um enorme bobo da corte saltou para fora. Vestido com uma roupa vermelha e verde em decomposição, o demônio sorria. Ele abria a boca e gemia. Sua língua bifurcada lambia seus dentes podres. Ele estudou Kara com seus olhos arregalados e amarelos. Ela agarrou sua lâmina de alma e observou o boneco gigante.

O demônio riu tão alto que Kara gritou de dor nos ouvidos.

O bobo da corte, atirou-se contra Kara.

Sua mandíbula errou os pés de Kara por uma polegada, quando ela pulou para se desviar dela. Sua cabeça caiu da plataforma e quebrou as tábuas de madeira. O demônio voltou para dentro de sua caixa. Ele começou a rir novamente lá de dentro. Kara tentou bloquear o som com as mãos.

A manivela girou - a princípio lentamente, depois mais rápido. O bobo da corte saltou da caixa novamente. Sua língua se enrolou como uma cobra na perna direita de Kara e o demônio a ergueu no ar. Ela ficou de cabeça para baixo, horrorizada com a clava que vinha em sua direção. Kara podia sentir o hálito pungente do demônio. Só o fedor era suficiente para deixar alguém inconsciente. Kara lutou para se libertar. Ela se recusava a ser comida por um palhaço gigante. -Ele a desceu até sua boca-

Com um golpe rápido de sua lâmina, Kara cortou a língua da criatura. Um líquido preto respingou em sua mão. Ela caiu no chão e o demônio recuou. A criatura uivava. Ela olhava irritada com olhos amarelos.

Num piscar de olhos, a cabeça do bufão voou em direção a Kara novamente, que foi lançada ao ar com o impacto. A dor explodiu no braço dela; os dentes gigantes abocanhavam seu braço até a axila. A lâmina escorregou de sua mão. Ela foi atirada brutalmente para o chão.

O bufão se esgueirou até ela e atirou sua lâmina nas sombras. Kara ouviu um barulho metálico, e sabia que sua arma já era. Ela olhou para o rosto sorridente do bufão. Ela podia ouvir Lilith gritando de aprovação, aplaudindo febrilmente em algum lugar atrás da criatura.

Ela saltou e tentou fugir da criatura. O bobo da corte bloqueou seu caminho. Ela nunca conseguiria tomar distância daquela coisa.

Kara olhou para o rosto de Jenny. Sua culpa a imobilizou por um momento. O bobo gargalhou triunfante - ele sentia que Kara estava desistindo. O barulho das gargalhadas dilacerava os ouvidos de Kara como mil chicotadas. Houve um estalo, e a língua do bufão arremeteu contra Kara e se enrolou nela. Seus braços pendiam dos dois lados do corpo, e o líquido negro do hálito quente

do demônio se infiltravam na pele dela como veneno. Uma onda de tontura a atingiu. Ela tentou se concentrar, mas sua mente vacilou. O bufão estava drenando suas energias.

A gargalhada sinistra de Lilith ecoava. Ela estava se divertindo.

Kara podia ver os rostos de David e Peter em sua mente. Então o mundo ao seu redor desapareceu.

Lilith riu ainda mais, mas tudo que Kara podia fazer era ouvi-la.

Uma onda quente começou a surgir do seu interior. Kara chamou por ela. Sua energia elemental aumentava lentamente. Ela circulava por todo o corpo de Kara, renovando suas forças. Ela se deixou consumir pela energia.

Lilith riu e aplaudiu.

O bobo da corte abriu sua boca podre-

Uma explosão dourada se originou do corpo de Kara. Ele se ergueu e pairou no ar. Um calor se espalhava de sua cabeça até os pés. Quando as botas de Kara tocaram novamente o chão, o bobo da corte foi consumido pela energia dourada, que serpenteava ao redor do seu corpo gigante. A criatura gemia, enquanto batia sua cabeça várias vezes contra o chão. Por fim, ele explodiu em uma chuva dourada, e desapareceu em uma rajada de vento.

Rosto de Lilith estava contorcido de raiva:

— Matem-na! Seus palhaços patéticos! — Ela ordenou.

A plataforma tremeu. Os palhaços demoníacos lançaram-se contra Kara. Ela levantou as mãos, e raios dourados saíram delas. Todos os palhaços desapareceram em uma nuvem dourada. Seus corpos chiaram, estalaram, E foram reduzidos a nada.

A plataforma ficou completamente silenciosa. Zadkiel fez uma careta. Seus punhos pareciam marretas. Ele sacudiu os joelhos.

Kara viu o ódio no rosto de Lilith, combinado com algo mais - ciúme. Ela claramente invejava o poder de Kara.

Lilith lambeu os lábios, Observando cada movimento de Kara:

— Bem. Devo dizer que estou impressionada, querida irmã. — Sua voz tremia. Ela deu uma volta em torno da plataforma. Depois de um tempo, ela se recuperou um pouco:

— Essa coisa dourada que você fez... foi um belo truque. Mas era só um truque. E truques não vão te salvar. Sua patética alma angelical não vai durar por muito mais tempo. Cedo ou tarde, seu poder vai diminuir, e sua alma vai apodrecer.

Kara respondeu com raiva:

— Me devolva a Jenny, e eu vou embora tranquilamente, sem machucar ninguém. Só quero minha amiga de volta.

Lilith começou a rir, E chegou até a precisar de um momento para se recompor:

— Oh, querida. Mas você não pode ter sua amiguinha de volta. A alma patética dela me pertence. Esqueça. Você nunca a terá. Mas saiba que ela *gritou* e chorou por sua ajuda enquanto eu a queimava - e que pulmões esta garota tem - daria uma boa cantora de ópera. — Lilith riu e ficou satisfeita pela raiva que viu nos olhos de Kara.

Kara deu a Lilith um olhar fulminante:

— Você é mesmo filha do seu pai - uma completa psicopata.

O rosto de Lilith se iluminou:

— Eu vou tomar isso como um elogio. — Ela examinava suas unhas:

— Estou ficando entediada com essa conversa. Você não, Zadkiel?

Ela se virou para o Arcanjo em busca de uma resposta, mas foi ignorada. Ele observava Kara fixamente. Lilith encolheu os ombros:

— Bem, *eu* estou entediada. Vamos nos divertir mais, certo? Vamos ver como ela se sai com meu próximo jogo.

— Eu tenho mais uma surpresa para você, irmãzinha. — Lilith olhou para trás:

— Venha!

Um demônio superior emergiu das sombras e caminhou até a plataforma. Ao contrário de seus irmãos, ele usava uma jaqueta de couro marrom e jeans surrados. Seu rosto pálido sorriu quando fixou os olhos em Kara. Ele caminhou casualmente em direção a ela. A sola das suas botas interrompia o silêncio tenebroso.

Kara ficou tensa com a aproximação do demônio.

O que é isto? Por que ele está usando as roupas do David? — O que você fez com o David? — Kara levantou seus braços ameaçadoramente em direção a Lilith e o Arcanjo. Ela observava o demônio superior cuidadosamente.

Lilith deu uma risadinha. Ela girou uma longa madeixa de cabelo entre os dedos:

— Não o reconhece? Eu pensei que vocês dois estavam apaixonados.

Kara suou frio. Seus joelhos tremeram. Ela baixou as mãos.

— David? — Ela perguntou, incrédula.

Ela ouviu as palavras de Lilith como se elas tivessem saído de um sonho.

— O submundo o reivindicou. David agora é nosso. Ele se foi... para sempre.

Capítulo 18

David, o Demônio

— Não! — Kara cambaleou para trás:

— Não! Você está mentindo! Isso... isso não é o David!

Mas Kara sabia que era verdade, ela conseguia reconhecer algumas partes de David. Ela reconheceu o horror no qual ele se transformou. Kara achou que tinha mais tempo até a transformação se completar. Agora era tarde demais.

O demônio David sorria ironicamente. Kara notou um tom esverdeado em seus dentes brancos:

— Temo que você saiba que o David que você conheceu já era. Seu espírito está morto.

Kara estremeceu. Era a voz dele que saía da boca do demônio, mas com um eco estranho. Os pelos dela se eriçaram, e ela suprimiu um arrepio.

Um grito escapou dos lábios de Kara:

— David... eu sinto tanto — ela sussurrou:

— Nunca quis que isso acontecesse.

As pernas de Kara cederam, e ela caiu. Ela sentiu repulsa de si mesma - o que ela havia feito com ele? A criatura David avançava lentamente. Kara tremeu e se sentiu nauseada. Ela havia criado um monstro. Ela nunca poderia perdoar a si mesma.

Com um sorriso faminto, o demônio avançou. Ele andava exatamente como David.

— Mas devo dizer, eu prefiro este corpo. — Ele baixou a cabeça, inspecionou a si mesmo, esticou os braços e cerrou os punhos.

— Eu me sinto... mais poderoso. Sinto uma conexão com um poder que nunca senti antes. Sinto-me mais forte. Sinto que posso fazer tudo o que quiser - e

matar quem eu quiser.

Kara se esforçou para ficar de pé. Os braços dela pendiam frouxos ao lado do corpo. A lâmina de alma tremia em sua mão. Seus dedos também tremiam:

— David... como? Onde está Peter?

O demônio a ignorou:

— Tenho que agradecê-la Kara, por ter deixado isso acontecer. — Os olhos negros de David brilhavam como seu sorriso perverso:

— Se não fosse por sua essência, eu nunca poderia ter cruzado o submundo e experimentado este tipo de poder. Você tornou tudo isso possível. Eu sou grato. É por isso que vou matá-la sem pressa.

Os lábios de Kara tremeram, e ela precisou de todas as forças para não cair novamente. Ela podia sentir seu poder elemental formigando em seu interior, mas tentava controlá-lo.

— David... -Eu sinto muito. Por favor, vamos sair daqui. — Ela ergueu a mão:

— Venha comigo. Tudo ficará bem. Eu prometo. Raphael pode ajudá-lo a voltar a ser quem você era. Vamos buscar a Jenny e sair daqui-

David riu:

— Sair? E por que eu iria querer ir embora? Eu quero estar aqui. Sempre soube que nasci para a grandeza. E agora eu encontrei meu verdadeiro propósito. Anjos são criaturas impotentes, subservientes e solitárias - nunca podem fazer nada - é lastimável.

Seus olhos negros encaravam Kara. Ele arqueou uma sobrancelha:

— Não tenho ideia do que David viu em você. Você nem é tão bonita assim. É apenas um anjinho frágil que vai morrer. Eu vou te matar agora.

Kara estava paralisada. Ela assistiu horrorizada o demônio David retirar uma lâmina mortal de sua jaqueta, levá-la até a boca e lambê-la com sua língua negra. Ele torceu a lâmina na mão e fez um corte ao lado da bochecha. O líquido negro rolou por seu rosto. Ele riu perversamente e jogou a lâmina de uma mão para outra, provocando Kara. Os olhos negros e impenetráveis nunca deixavam de observá-la.

Kara cambaleou para trás. Ela sentiu uma tontura ainda maior, e então ouviu Lilith gritar e a viu bater palmas animadamente. Uma pontada de satisfação surgiu nos lábios de Zadkiel, e ele se acomodou na cadeira. Ele estava gostando de ver Kara sofrer, e esperava ansiosamente ela desmoronar. *Por que Zadkiel a odiava tanto?* Ela nunca tinha feito nada para merecer o seu ódio. Ela ouviu a risada sinistra de David novamente.

Ela falou com ele novamente — eu nunca quis que isso acontecesse. Se eu soubesse que isso iria acontecer, nunca teria deixado você vir comigo. Depois de tudo que passamos... você não merece isso. David, sinto muito.

O demônio David riu:

— Não sinta. David está morto. Ele não pode mais te ouvir. Você está perdendo seu tempo se desculpendo com um morto. Além disso, você não sentirá muito depois que eu matá-la. Considere isso como a nossa separação-

Repentinamente, David arremessou sua lâmina. Kara ouviu um ruído, e a dor explodiu em seu peito. Atordoada, ela olhou para baixo. O punho da lâmina da morte se precipitava do seu abdômen. Ela se recuperou, envolveu os dedos em torno dela e puxou a lâmina. A risada de David era uma cacofonia de sons guturais e lamentos. Ela ouviu outro ruído, e gritou quando o veneno de outra Lâmina da morte queimou em seu peito como ácido.

— O que aconteceu, querida irmã? — Lilith ria do outro lado da plataforma:

— Não quer machucar o seu namorado, não é? Ah... o que é isso? Eu queria ver um pouco de ação entre vocês dois. E eu pensei que você lutaria.

Acho que me enganei. Pensei que você era feita de um material mais forte. Claramente, não é. Vamos, maninha. Mostre do que você é feita.

Kara ignorou Lilith e puxou a segunda lâmina para fora. Seu poder elemental borbulhava na superfície do seu ser. Com o rosto petrificado, ela tentou manter a calma, lembrando-se da primeira vez que viu o belo rosto de David - tão orgulhoso e brincalhão. Ela lembrou da eletricidade presente em seu primeiro beijo. Ela queria David de volta. Não podia feri-lo.

Kara sacou sua lâmina da alma. O demônio sorriu. Ela precisava descobrir uma maneira de expulsar o demônio de David. Ela tinha que fazer isso.

— Eu não vou lutar com você. Não assim. Não vou machucar meu amigo. — Kara encarou o demônio com um olhar frio.

O demônio abaixou a cabeça e observou Kara por debaixo das suas sobrancelhas:

— Tsc, Tsc, Tsc. Que honrado da sua parte. Você deve estar amando, para se sacrificar por outra pessoa. Mas, se quiser viver, vai ter que lutar comigo. Mas se não o fizer, ainda vai ser um prazer acabar com você - e um verdadeiro prazer devorar sua alma.

— Lute, David! Resista! — incitou Kara:

— Eu sei que você está aí. Lute. Lute contra a escuridão... Eu sei que você consegue. Volte David. Lute.

Outra lâmina negra se materializou nas mãos dele:

— Eu já disse. David está morto - graças a você. Que parte você não entendeu? Morto. Muerto. Dead. Mortuus.

O olhar de Kara era ameaçador:

— David não está morto. Não acredito que você tomou a alma dele completamente. Posso sentir isso. Eu sei que ele está aí, e eu vou recuperá-lo. — Ela encarou o olhar do demônio. Ela podia sentir sua carne angelical começando

a formigar de calor.

O rosto pálido do demônio tinha um brilho estranho. Ele jogou a lâmina de morte para o ar e a pegou facilmente:

— Você está facilitando as coisas para mim. Eu estava realmente ansioso por um verdadeiro desafio, não uma namorada choramingando, com medo de lutar. Te matar não vai ser tão divertido quanto eu havia previsto. Mas eu vou matá-la assim mesmo. E depois, vou atrás dos seus amigos miseráveis. — David arremessou sua arma, e a lâmina preta brilhou com uma luz fantasmagórica, enquanto voava perigosamente rápido na direção de Kara-

Ela levantou os braços.

Um feixe de luz dourada saiu da palma das suas mãos. -o feixe acertou o punhal em pleno ar. A lâmina foi consumida por um fogo dourado, se desintegrou e desapareceu.

Um poder selvagem irrompeu no interior de Kara. Ele fervia perigosamente dentro dela, desesperado para se libertar novamente. O poder queria ser usado para contra-atacar a ameaça. Ela examinou a plataforma, enquanto ela se tingia com tons dourados. Enquanto lutava para se controlar, ela chamava por David:

— David... não faça isso. Eu não quero te machucar. Por favor, pare. Lute contra isso! Eu sei que você está aí. Lute!

— Oh! Isto é tão excitante! — Lilith aplaudia com entusiasmo. Ela se empertigou no outro lado da plataforma, radiante com o desfecho trágico:

— Eu mal posso esperar para ver se você tem estômago para matar seu namorado. Diga-me, querida irmã... o que vai ser? Sua vida... ou a dele? — Sua risada queimava os ouvidos de Kara.

O demônio David se arrastava descontroladamente até Kara. Ele abriu as mãos, e duas lâminas da morte apareceram como por mágica. Vapores pretos cobriam seus pulsos.

— Eu devo dizer, estou gostando muito do tempo que estamos passando juntos, querida. Você finalmente parece que vai lutar. Mas matá-la é a coisa certa a fazer. Entenda, você não pertence a este lugar. Na verdade, você não deveria nem ter existido, e eu farei com que você desapareça.

As lâminas da morte voaram em direção a Kara.

Ela estendeu suas mãos, e as lâminas viraram uma nuvem de poeira dourada. Sua raiva fervia. Seu poder elemental palpitava em sua cabeça, gritando por vingança.

— David. Eu estou implorando. Por favor, pare. Isso é loucura. -Não me faça te machucar. Eu acho que não consigo me controlar mais. Por favor, não faça isso.

Ela sabia que o demônio era um parasita, e que David era seu hospedeiro.

Kara se afastava e mantinha os olhos nele, tentando ganhar tempo.

Uma risada a acordou de seus devaneios, e Kara gritou. Ela caiu de joelhos, com a coxa e o pescoço queimando com o veneno de mais duas lâminas. Ela ouviu David se aproximar, mas não recuou. Em vez disso, ela segurou a lâmina que estava em seu pescoço e a retirou. O cheiro de carne queimada encheu o nariz dela. Ela puxou a outra lâmina da sua coxa. Kara podia sentir o veneno se espalhando como uma doença dentro dela.

Quando olhou para cima, A sola da bota de combate esmagou o rosto dela. Sua cabeça foi empurrada para trás e ela caiu. Kara sentiu outro golpe no abdômen. Algo a puxou pelos cabelos, e uma lâmina negra brilhava com uma luz suave na sua frente.

— E eu pensei que você tinha algum espírito de luta. Veja, esta é a diferença entre os anjos e os demônios. Os anjos são fracos. E eu odeio a maneira como vocês se acham superiores a nós. Vocês se acham bons e justos, enquanto mantém os mortais em suas coleiras.

O demônio David se aproximou do rosto de Kara.

— Mas deixe-me dizer uma coisa. Um dia, nós nos libertaremos de vocês para sempre. Adeus, querida -

Kara socou o rosto de David e ele gritou, mas antes que pudesse reagir, ela se colocou de pé e o chutou no estômago. Ele cambaleou para trás, se recuperou rapidamente e jogou outra lâmina de morte. Mas sua mão esquerda, assim como o punhal, foi engolida por uma bola de fogo dourada e desapareceu.

— Eu não sou sua querida, demônio — Kara rosnou.

Curvado, David circulava Kara. Ele parecia mais um animal do que um jovem anjo. O ferimento em seu rosto jorrava líquido preto:

— Talvez não - mas agora você vai morrer, goste ou não.

Se concentrando febrilmente, Kara tentou antecipar o próximo movimento dele:

— Eu não vou desistir de você, David. Eu sei que você está aí em algum lugar. Lute!

— Eu vou matar você, anjo.

Num piscar de olhos, David arremeteu contra Kara e lhe deu um chute no joelho. Ela ouviu alguma coisa estalar e caiu. O demônio recuou um pouco e lhe socou o rosto. Kara fintou e deu um chute forte no peito dele. David foi arremessado ao chão.

Kara se colocou de pé e levou um chute no queixo. Sua cabeça voou para trás, e ela caiu feito uma pedra. David surgiu em cima dela imediatamente, com sua lâmina no pescoço de Kara.

— Eu disse que ia matá-la. Morra, anjo.

Ele tentou cortar a garganta de Kara, mas ela o impediu com as mãos. Ela soltou um pequeno feixe de energia dourada, que atingiu David. Ele foi

empurrado para trás com uma força descomunal. Uma eletricidade dourada envolvia o corpo de Kara, e ela pairou no ar por um momento, antes de desabar na plataforma.

Kara se contorcia enquanto assistia David gemer e ter convulsões. Ela fechou os olhos e esperou os gritos dele pararem.

Quando finalmente pararam, ela abriu os olhos.

A corrente dourada se precipitava sobre seu corpo. Seus membros estavam terrivelmente quebrados.

— Desculpe-me, David — ela sussurrou.

Com um estalo final, a energia dourada desapareceu.

O demônio não se moveu novamente.

Capítulo 19

A Grande Fuga

Kara correu e se ajoelhou ao lado do corpo de David. Ela ignorou a risada doentia de Lilith, que dançava triunfante. O mundo ao seu redor desapareceu - só ela e David existiam naquele momento.

Kara se inclinou, agarrou a camisa de David e o sacudiu.

— David! David, acorde! Acorde! — Ela procurou qualquer vestígio de vida no rosto dele. Vapores subiam de seu corpo carbonizado, com um cheiro característico.

A cabeça dele tombou para frente e ela o largou. *O que eu fiz?* Ela queria nocauteá-lo, não matá-lo. Delicadamente, Kara pôs a cabeça de David no peito e chorou.

— K - Kara?

Kara vacilou. As pálpebras de David se abriram. O azul dos seus olhos a assustou:

— Kara. -me desculpe — ele resmungou, — eu fui uma grande idiota.

Estupefata, Kara se inclinou sobre David e cobriu seu rosto com o dela:

— Fique calmo. Não fale, finja que está morto. Se eles acharem que você morreu, não prestarão mais atenção.

Ela pressionou a bochecha fria de David com os lábios.

— Eu buscarei você mais tarde. Fique quieto e não se mexa. Aconteça o que acontecer, não se mexa.

Ela beijou a testa dele e se colocou de pé, escondendo seu alívio com uma carranca assustadora.

— Você o matou! — Ela rugiu e atravessou a plataforma:

— Você fez isso! Você o matou! — Uma corrente de energia dourada serpenteava em torno dos seus dedos.

Lilith sorriu e jogou uma longa mecha de cabelo branco para trás do ombro. Ela puxou sua jaqueta e a endireitou:

— Não, querida irmã. Você fez isso com ele. Eu não tenho culpa de você ter trazido ele aqui. Você realmente achou que ele ia sobreviver neste mundo? É possível ser tão estúpida? Sim. Acho que sim. Deixe-me lembrá-la de que o submundo é o reino dos demônios, não dos anjos. Os anjos não podem sobreviver aqui. Era só uma questão de tempo até seu precioso David se transformar. Devo dizer que estou muito satisfeita com o resultado - embora não tenha nada a ver com ele. Você matou o seu namorado, não eu.

Kara caminhou em direção a Lilith. Seu poder dançava, estalava e chiava, como pequenas chamas douradas.

— Não - você e seu mundo fizeram isso com ele. Você vai pagar por isso, irmã.

Sem virar a cabeça, Kara olhou para Jenny acorrentada à roda gigante. Não havia nenhuma chance de salvar Jenny sem lutar com Lilith e Zadkiel. Ela não estava certa de que tinha força suficiente para fazer isso, mas não tinha escolha.

— Mate-a e acabe com isso. — ordenou Zadkiel.

Ele bateu com o punho no braço da cadeira e ficou de pé. Seu manto escuro e cinzento rodopiou em torno dele, e seu olhar era puro ódio por Kara.

— Que loucura é essa? Mate a abominação de uma vez por todas! Agora!

Os palhaços demoníacos murmuraram e resmungaram. Suas lâminas da morte pendiam em suas mãos brancas e esqueléticas. Eles batiam com as lâminas nas pernas de tanta ansiedade, e começavam a marchar em direção a Kara.

Lilith levantou a mão e deu um comando:

— Para trás! Eu dou as ordens aqui.

O exército de palhaços parou, seus olhos amarelos observaram sua senhora:

— Eu ainda quero *brincar* com ela. Ela precisa sofrer o que eu sofri, pagar por tudo que fez. Eu ainda tenho algumas surpresas reservadas-

— Você é uma menina tola! Isto não é um jogo! — rugiu Zadkiel, cerrando os punhos. Ele virou sua carranca para Kara e apontou:

— Você deve matá-la agora. Ela é muito perigosa, vai matar todos nós! Sua alma deve morrer. Matem-na, seus tolos! Eu ordeno que acabem com ela.

O rosto de Lilith ficou sombrio. Ela se inclinou como um gato selvagem, pronta para atacar.

— Você está trilhando um caminho perigoso, anjo. Não se esqueça de onde está. Você está em meu reino. Me insulte novamente, tentando comandar meu exército, e se arrependerá.

— Ha! Isso é uma ameaça? Você não pode me ferir, garota estúpida. Se o seu pai não podia, tão pouco você. — O belo rosto de Zadkiel se contorceu quando ele olhou para Lilith. Ele estava altivo, como um homem adulto na frente de um bebê.

Kara suspeitava que ele era muito mais forte do que Lilith. O Arcanjo levantou o braço e apontou para os demônios:

— Matem-na! Eu ordeno! Chega de joguinhos - mate a abominação! — Os palhaços avançaram em direção a Kara novamente.

— Fique onde estão! — rugiu Lilith. O cabelo dela flutuou no ar, como se ela estivesse debaixo d'água. Os demônios hesitaram, sem saber a quem obedecer:

— Como você ousa se opor às minhas ordens? Eu sou a senhora do abismo, filha do grande demônio Asmodeus. — Ela zombou orgulhosamente, — quem é você para mandar em mim? Você não é nada! Vocês são patéticos...-um anjo que veio aqui para se esconder - mesmo os da sua laia não querem nada com você.

Zadkiel deu uma risada doentia:

— O grande senhor dos demônios? Asmodeus não era nada disso. *Eu* era a mente por trás dele. Quem você acha que forneceu todas as informações que ele precisava para invadir o horizonte? Como você acha que ele conseguiu romper o véu? Você acha que ele era inteligente o bastante para enganar o Conselho? Por mais de um século, seu tolo pai fez tudo o que eu disse para ele fazer. Eu era o seu mestre. Eu sempre fui seu mestre.

Kara viu o espetáculo se desdobrar. Tudo fazia sentido para ela agora. Mas não dava para esperar o final da discussão. Ela precisava salvar Jenny. Aquela era a distração que ela precisava.

Lilith se afastou, horrorizada. Ela apontou um dedo trêmulo para Zadkiel:

— Não! É mentira! Meu pai foi o Arcanjo mais poderoso que já existiu. Ele me disse. É por isso que você o banuiu - porque tinha medo dele - medo do seu grande poder! Ele te deu o elixir do demônio, para que pudesse se esconder no submundo. Sem a ajuda dele, sua miserável alma angelical iria morrer.

— Meu pai criou a criança demônio elemental. Ele criou o espelho das almas para abrir um portal entre os mundos! Ele derrubou o horizonte em um dia! E onde você estava enquanto tudo isso acontecia? Se escondendo como um covarde miserável.

Zadkiel inspecionou as dobras do seu manto casualmente. Uma pequena risada escapou de seus lábios:

— O demônio elemental foi um erro - um erro que pode ser facilmente corrigido. Seu pai era apenas um peão. Eu o comandava - até sua morte nas mãos de sua irmã. E você também tem feito exatamente tudo que eu peço, não

é?

Zadkiel riu suavemente:

— Eu queria Asmodeus morto. E agora, se não quiser sofrer o mesmo destino, fará o que eu mando e matará a abominação. — Com um estalo, raios negros dançaram perigosamente em seus dedos.

Rosto de Lilith se contorceu grotescamente. Ela olhou para Zadkiel por um momento, e então sorriu estranhamente:

— Eu não tenho medo de você, anjo. Você vai morrer pelo que fez.

Lilith levantou seus braços. Rajadas de vento balançaram seu cabelo e roupas e se espalharam, formando algo como uma grande estrela branca atrás dela. Faíscas verdes saltaram de sua pele, e Kara pensou que ela iria explodir em chamas veres. Uma energia verde selvagem dançava ao seu redor.

Zadkiel riu histericamente. Uma eletricidade negra cintilou por seus dedos.

— Você acha que você me assusta com isso? Cansei de você — ele jogou suas mãos para o ar. Um relâmpago negro atingiu Lilith e a arremessou para trás com um estalo altíssimo. Sua queda criou uma nuvem de poeira e arremessou várias lascas de madeira.

Um chapéu branco rolou até os pés de Kara. Os palhaços ficaram paralisados, observando sua senhora. Kara chutou o chapéu com a bota. Ela resistiu ao impulso de correr para Jenny. Ainda não, ela disse a si mesma.

— Estúpida. Você realmente achou que poderia me vencer? — Zadkiel ajeitou seu manto e atravessou a plataforma em direção a Lilith. O cabelo dela cobria seu corpo como um manto branco. Ele se inclinou sobre ela com um sorriso satisfeito:

— Você é tão estúpida quanto o seu pai. Tolos. Eu sou o verdadeiro governante do inferno. Se eu tiver que acabar com você para provar isso, eu o farei. Será fácil. Este reino é meu-

Um relâmpago verde explodiu no peito do Zadkiel. Ele cambaleou e quase perdeu o equilíbrio. Lilith correu em direção a ele selvagemmente. Seus cabelos fluíam ao seu redor como uma névoa. O rosto uma vez lindo estava contorcido de malícia. Sua pele branca estava coberta pelo fogo verde. Lilith era parte da energia verde do submundo.

Kara observava e esperava.

Ela podia ver que Zadkiel não foi abalado pelo poder de Lilith. Ele se recompôs rapidamente.

Um sorriso perverso contorceu-se em seus lábios:

— Você não é nada. Assim como seu pai. E eu vou acabar com você!
— Um raio de energia negra foi disparado de suas mãos. A corrente foi instantaneamente recebida com um raio de luz verde. As correntes se entrelaçaram, dançando entre os dois combatentes. Faíscas queimavam a plataforma de madeira. Pequenos incêndios começavam ao redor de Kara. Ela saltou para longe quando o fogo verde veio na direção dos seus pés. Lilith e Zadkiel estavam em guerra.

Relâmpagos iluminavam o ar acima deles. Um raio ofuscante atingiu a plataforma. O chão tremeu com o impacto, e uma chuva de farpas subiu em direção ao céu. Os demônios palhaços estavam estupefatos com a guerra que estourou ao lado deles.

Kara começou a correr. Ela fugiu da luta e cruzou a plataforma à sua esquerda. A roda-gigante pairava sobre ela como um arranha-céu. Ela saltou sobre um pequeno portão de metal e atirou-se sobre a roda de metal. O metal frio incomodou suas mãos enquanto ela subia. Ela escalou a treliça de metal sem olhar para baixo. Sua atenção estava no corpo que se encontrava a quase dez metros de altura.

Dentro de segundos, Kara chegou até Jenny. Uma corrente de metal grossa a prendia em uma cadeira. A pele dela tinha o mesmo tom branco pastoso do corpo de Peter e David. Veios brancos tingiam o cabelo roxo. A testa de Jenny

estava franzida de dor, e seus olhos estavam fechados.

Kara se equilibrou entre dois postes de ferro. Os dedos dela vibraram com o calor dourado. Raios dourados dançavam e se fragmentavam com um estalo. Kara pegou Jenny e a segurou em seus braços. Ela a balançou delicadamente.

— Jenny? Sou eu, Kara.

As pálpebras de Jenny se abriram, e ela olhou para Kara com olhos negros. Levou um momento até ela conseguir falar:

— Kara... a Lilith... ela quer matá-la. É uma armadilha.

— Eu sei. Não se preocupe com ela. Eu vou tirar você daqui. Nós vamos para casa.

Jenny assentiu com a cabeça e fechou os olhos. Kara ignorou a dor no peito, colocou a amiga no ombro e começou a descer.

Relâmpagos trovejavam e estalavam. A roda gigante balançava. Kara saltou para o chão. Relâmpagos verdes e negros iluminavam o ar. Um raio ofuscante caiu aos pés de Kara. Ela pulou para trás e ouviu uma risada. Quatro demônios superiores estavam a poucos metros de distância. Seus rostos doentios sorriam, e lâminas da morte se contorciam ansiosamente em suas mãos.

— Onde você pensa que vai, anjinho? — disse um deles:

— Nossa senhora prometeu que nos banquetearíamos com sua alma... você não vai a lugar algum.

Kara deu de ombros:

— Imaginei que você diria algo assim. Mas ninguém vai comer minha alma hoje. Você tem minha palavra.

Os demônios brandiam suas armas e atacaram ferozmente.

Kara ficou firme. Um feixe de luz dourada atingiu os dois primeiros

demônios. Seus corpos foram lançados ao ar, como se tivessem sido capturados por um redemoinho invisível. Com um estalo, eles explodiram em uma brilhante nuvem de poeira dourada. O resto dos demônios investiram com ódio renovado. Uma lâmina de morte veio diretamente na direção de Kara. Ela se esquivou, e sentiu uma lufada de ar levantar sua franja. A raiva irrompeu, e ela libertou seu poder elemental.

Uma parede dourada subiu ao ar e envolveu os demônios. Quando a luz dourada diminuiu, eles haviam se desintegrado.

Relâmpagos negros e verdes ainda iluminavam o outro extremo da plataforma. Lilith pairava acima do solo. Seus longos cabelos flutuavam atrás dela, enquanto ela lançava sua energia verde pelos dedos. Zadkiel bloqueou o fogo com uma explosão de eletricidade negra.

Kara ouviu Jenny gemer. Sua cabeça estava encostada contra as costas de Kara. Ela precisava sair dali. Kara observou toda a plataforma. O corpo de David estava exatamente onde ela deixou. Ela apoiou Jenny em seus ombros, seguiu pela plataforma até David e se ajoelhou cuidadosamente. Seus olhos estavam fechados, sua pele branca estava úmida em alguns pontos.

— David? David, está me ouvindo?

Os olhos de David se abriram imediatamente. Ele concentrou seu olhar em Kara e sorriu:

— Você acha que eu poderia conseguir uma cerveja decente nessa espelunca?

Apesar da urgência da situação, Kara sorriu de volta:

— Você é um idiota. Consegue andar? — Ela olhou rapidamente para todo o corpo dele, e torceu para que seu poder elemental não tivesse causado muitos danos.

David conseguiu se sentar. Ele se inclinou e observou Jenny:

— Jenny ainda está conosco... ou é uma deles?

— Até onde eu posso perceber, ela ainda é a Jenny. Mas está ferida, e se não sairmos daqui em breve...temo que ela irá se transformar.

David arrastava os pés. Ele se endireitou, bateu a sujeira da sua jaqueta e do seu jeans:

— Ser um demônio é uma droga. Eu tive pensamentos realmente assustadores. Era como estar preso em um pesadelo — e eu nunca fosse acordar.

— Parece terrível. Você pode continuar contando mais tarde. Precisamos pegar o Peter e sair desse lugar horrível. Acho que não consigo suportar por muito mais tempo.

Outro barulho trovejou ao redor deles. Do outro lado da plataforma, duas bolas de fogo gigantes mediam forças, enquanto Lilith e Zadkiel atacavam um ao outro com relâmpagos mortais.

David apontou para a plataforma:

— Ei, sua irmã está lutando contra o senhor dos idiotas ali. Eu estava me perguntando de onde vinha o barulho.

— Ela não é minha irmã. Vamos sair daqui.

Kara deu uma cotovelada em David e correu para o caminho de onde tinham vindo. Eles correram ao redor da tenda branca e apodrecida, depois passaram por diabinhos sem pele e com olhos vermelhos, que ainda disputavam os melhores assentos. Os diabinhos os viram passar, mas não fizeram nada.

David se esforçava para acompanhar. Kara deu uma olhada na retaguarda - nenhum dos idiotas parecia segui-los. A bola de fogo verde da Lilith havia dobrado de tamanho. Seus tentáculos verdes atacavam e penetravam a energia negra de Zadkiel. Ela ouviu um grito, e então virou os olhos para evitar uma explosão de luz brilhante.

Tudo que restava era uma bola de fogo verde. Até mesmo ela tremulou e se dissipou. Lilith jogou a cabeça para trás e gargalhou. Os pelos do corpo de

Kara se eriçaram. Ela se afastou da cena aterrorizante, e nunca mais olhou para trás.

Peter se sentou no local onde havia sido deixado, de costas para a bilheteria. Ele pendurou sua jaqueta na cabine e sentou-se por cima da sua camisa. Ele deu um grande sorriso quando os viu. Sua expressão se suavizou quando viu Jenny, mas seus olhos se arregalaram ao olhar para David.

— David! O que aconteceu? Você foi embora tão de repente.

David deu de ombros e balançou a cabeça:

— Foi mal cara, eu não me lembro. Aparentemente, eu me transformei em um demônio. Sim. A última coisa da qual me lembro é que estava conversando com você sobre os carros incríveis que os Sensitivos dirigiam — depois tudo ficou escuro — quando me dei conta, Kara estava olhando para mim.

Peter ficou de queixo caído, e parecia ter dificuldades para falar.

— Eu... vou me transformar em um demônio também?

— Não se saímos daqui rápido — disse Kara.

Peter franziu a testa quando viu Jenny:

— Ela está bem? Ela não parece nem um pouco bem.

Kara estabilizou Jenny nos ombros:

— Eu sei. Mas ela vai ficar bem, assim que saímos daqui.

David pegou a jaqueta de Peter:

— Você estava com calor ou algo assim?

Peter deu de ombros e olhou em volta, envergonhado:

— A foto da Lilith estava me enlouquecendo. Ela é assustadora. Então eu a cobri com a minha jaqueta, para ela parar de me encarar com aqueles olhos

negros.

Com um sorriso, David colocou Peter de pé, e lhe deu um tapinha nas costas:

— Como está se sentindo? Algum pensamento obscuro rondando a sua cabeça? — Ele observou Peter.

— Não. Ainda estou legal. — Peter ficou com uma expressão corajosa. Kara viu seus dedos tremerem, antes que ele colocasse as mãos no bolso. Ele havia ficado mais pálido, e seu cabelo estava quase todo branco. Ele não tinha mais do que alguns minutos até se transformar em um demônio superior. O tempo estava correndo.

Kara observava a área:

— Nós temos que encontrar um caminho de volta até o elevador. Vamos ter que correr por toda cidade, e rezar para encontrarmos o elevador a tempo. Precisamos agir rápido. Jenny não tem muito tempo. Peter, você acha que consegue correr?

Peter acenou com a cabeça. Kara não sabia se ele conseguiria, mas não havia escolha. Se precisasse, ela também carregaria Peter.

— Vamos lá! — Kara se virou e correu em direção a entrada do parque.

Felizmente, os portões da frente se abriram, fazendo um barulho que misturava um canto e um grito metálico. Ela tinha certeza de que ouviria uma voz dizendo, — obrigado, volte sempre — quando atravessasse os dois portões de ferro.

Eles passaram pelos primeiros edifícios. Peter caiu algumas vezes, e David o colocou de pé todas elas. A cidade era um labirinto — todos os edifícios eram iguais — mas, de algum modo, Kara sabia exatamente onde ir. É como se um mapa tivesse se aberto em sua cabeça. Ela estava confiante de que conhecia o caminho de volta.

— Vamos lá. Acho que é por aqui — Kara gritou. Ela apontou para um

espaço entre dois edifícios pretos enormes, Mas não tinha ideia de como explicar como sabia para onde ir.

Ela ouviu uma risada.

Lilith.

Kara ignorou e avançou mais rápido. Peter tropeçou de repente e caiu, e quando David tentou ajuda-lo, ele também caiu.

— Kara... onde está você? — uma voz ecoou pelos edifícios. — Venha cá... Eu tenho algo para lhe mostrar...

Kara ignorou a voz e colocou David de pé novamente:

— Rapazes, vamos lá! Se ficarmos aqui, vamos todos morrer. Sejam fortes. Vamos. Rápido!

Kara deixou a energia elemental correr através dela para renovar suas forças. Com Jenny equilibrada em seu ombro, ela agarrou Peter e David pelos braços e também os incitou a avançar. Jenny pulou nas costas dela, e Kara rezou para ela não cair. Eles não tinham tempo para parar.

Um céu cinzento os esperava à frente. Eles estavam quase no fim da cidade.

— Kara? Onde vai? — Ela ouviu a voz sussurrar — Eu ainda quero brincar!

A voz parecia tão próxima que Kara esperava que Lilith saltasse de um dos edifícios e surgisse na frente deles.

Quando a cidade ficou para trás, Kara atravessou o deserto cinzento. Os pés de David e Peter se arrastavam à medida que ela avançava. Os ventos a empurravam na direção contrária, mas ela continuava.

— KARA! ISTO AINDA NÃO ACABOU! — a voz de Lilith era mais alta do que o lamento dos ventos.

Uma caixa retangular vermelha surgiu à frente. Kara piscou para tirar a areia dos olhos. A caixa se erguia como uma estrela solitária em uma noite escura. Kara correu para ela a toda velocidade.

Em seguida, com um suspiro, Kara, Jenny, e Peter desabaram no interior do elevador.

Capítulo 20

O Interrogatório

Raios de luz amarela atravessavam o domo de vidro, e iluminavam a poeira como joias cintilantes. Majestosos edifícios de pedra flutuavam sobre um céu perfeitamente azul. O ar estava quente e bolorento.

Kara estava diante do Conselho. Ela apertou as mãos por trás das costas e esperou pacientemente. O silêncio lhe dava nos nervos, o olhar dos membros do conselho era torturante. Ela havia acabado de relatar os acontecimentos de sua missão, e agora esperava pelo parecer deles. Seus rostos estavam sombrios. Eles conversavam entre si. Vez ou outra, um membro se virava para ela e depois tornava a se reunir com os outros.

Ela desejou que David estivesse ali. Pelo menos ele poderia rir e fazer alguma piada sobre toda aquela seriedade excruciante. Mas ele ainda estava na Cura-Express com os outros. Kara ficou maravilhada em saber que Jenny ficaria bem. Foi por um triz, mas o arcanjo Rafael havia curado ela e sua amiga, que logo estaria de pé. Kara estava ainda mais satisfeita por ouvir que Peter, e especialmente David, também não haviam sofrido nenhum dano permanente.

Kara disse a verdade, e agora nem ousava olhar para Rafael. Em questão de minutos, ela seria convocada pelo Alto Conselho. O olhar mortal de Rafael a deixou agitada durante o interrogatório. Ela pensava em como o Arcanjo podia fazê-la em pedaços.

Ela estava imersa nos próprios pensamentos quando ouviu alguém limpar a garganta. Seus olhos encontraram o Conselho, e ela estremeceu.

O rosto do Arcanjo Jeremiel não estava amistoso:

— Então, Lilith destruiu o Arcanjo Zadkiel — tão facilmente?

— Sim — respondeu Kara, tentando evitar que sua voz vacilasse. Ela já esteve perante o conselho superior muitas vezes, mas estava com o coração

apertado.

— É como eu disse. Ela tinha um campo de energia ao seu redor...houve uma explosão, e quando olhei para trás, Zadkiel havia sido aniquilado. Não sobrou nada dele. — Ela estudou o Conselho. Seus rostos ficaram ainda mais sombrios, e Kara percebia o quão preocupados eles estavam. Eles estavam com medo — com medo da Lilith.

Jeremiel baixou suas sobrancelhas, considerando cuidadosamente a situação por um momento:

— Eu nunca ouvi falar de um demônio matando um arcanjo tão facilmente. Que eu saiba — eles não são fortes o suficiente. Asmodeus deve ter descoberto algo que permitiu que Lilith fizesse isso. Ela não é apenas filha de um poderoso arcanjo com um demônio metamorfo — ela também é um demônio que pode matar os arcanjos. Tem o que esta informação seja muito grave.

O conselho começou uma discussão acalorada sobre o bem-estar do horizonte. Kara deslocou seu peso de uma perna para outra e baixou os olhos. Ela esperou até as vozes se calarem. Quando olhou para o Conselho, o Arcanjo Jeremiel estava olhando para ela.

— Ouvi dizer que seus amigos estão se recuperando muito bem, com a ajuda do Arcanjo Raphael. — Jeremiel ergueu suas sobrancelhas:

— Eles parecem ter *entendido mal* suas instruções.

Kara franziu os lábios e acenou levemente com a cabeça:

— Hum... sim... eles estarão de pé em pouco tempo.

O Arcanjo a olhou com reprovação:

— Quebrar as leis sagradas parece ser algo corriqueiro para você, Senhorita Nightingale. Você sabia dos perigos relativos à sua missão...e ainda assim os levou com você. Isso foi uma tolice da sua parte. Você tem sorte de que as almas deles ainda vivem. Eu nem quero saber como você conseguiu levá-los,

mas, dado o sucesso de sua missão, o Conselho concordou em deixar seus amigos se safarem, como você diz, apenas desta vez.

Kara deu um sorriso amarelo para o arcanjo. Não havia nada que ela pudesse dizer.

Jeremiel esfregou o queixo:

— Kara Nightingale. Você está certa de que esta *entidade verde* disse a verdade, no que diz respeito ao seu falecido pai, Asmodeus — sobre você e esta Lilith serem apenas dois filhos?

Kara olhou para o chão, momentaneamente. Ela havia decidido não revelar todas as conversas que teve com o sol verde, especialmente a parte sobre ela ter uma escuridão dentro de si, e pertencer a outro mundo. Ela achou que o conselho não compreenderia, e provavelmente a consideraria uma ameaça novamente. Eles temiam o desconhecido. Kara já era uma aberração entre os anjos — ela não quis esperar no tártaro, enquanto eles decidiam o que fazer com ela. Kara massageou as têmporas.

— Sim. Tenho certeza. — Kara disse finalmente. — A entidade verde não tinha nenhuma razão para mentir. — Kara queria dizer, *porque estava prestes a chupar o meu cérebro, para que eu me tornasse um deles*. — A minha fuga não estava nos planos dela — Ela sabia que ele havia dito a verdade.

Jeremiel arqueou uma sobrancelha interrogativamente:

— Mas como você pode acreditar tanto nessa entidade malvada — e esteja certa de que ela é maligna — ela poderia muito bem ter mentido.

Kara balançou a cabeça, irritada.

— Não estava. Eu senti isso. Eu sou muito boa em saber quando as pessoas estão mentindo.

— Não se trata de uma pessoa, Kara — disse o Arcanjo Muriel. Seus longos cabelos marrons e ondulados brilhavam na luz. Ele repousou as mãos em

cima da mesa e observou Kara com preocupação. — É uma criatura feita do pior dos males.

— Então você sabe o que é? Você sabe o que é o sol verde?

Muriel compartilhou um longo olhar com Jeremiel:

— Sim. É a criatura Morthdu, a mãe de toda a escuridão, guardiã do inferno.

Kara lutou contra o pânico que ameaçava se revelar — a criatura havia dito que Kara a pertencia — que havia escuridão dentro dela.

— Talvez esta criatura quisesse que você acreditasse que ele estava dizendo a verdade — disse Jeremiel. — Ele sabia que você voltaria e nos contaria.

Kara observou o Conselho:

— Tenho certeza de que ela estava dizendo a verdade. Lilith e eu somos as únicas. E acredite, Lilith já será um problema. Pelo que eu vi e contei — ela logo voltará atrás de vingança. Ela está muito nervosa comigo.

O Conselho ponderou silenciosamente. Eles fizeram um círculo, inclinaram suas cabeças e deliberaram novamente. Um pouco depois, o Arcanjo Jeremiel se inclinou e juntou as mãos sobre a mesa.

— A criatura lhe disse mais alguma coisa que você acha que devemos saber? Há algo essencial que você não está nos contando?

Kara balançou a cabeça como uma criança teimosa. Sua cabeça estava girando:

— Não. Eu já contei tudo.

Jeremiel a observava cuidadosamente. Kara tinha certeza de que ele sabia que ela estava mentindo, mas o arcanjo não a questionou novamente.

— Kara Nightingale, fizeste bem. O Conselho agradece pelos seus

serviços. Você retornará ao nível cinco. O Arcanjo Ariel aguarda seu retorno. Você será informada se convocarmos outra audiência com você. Isso é tudo por hoje. A reunião está encerrada. Você pode ir.

Ela teve a sensação estranha de que, em breve, estaria na frente do conselho novamente. Após resmungar um agradecimento desajeitado, ela atravessou a câmara, sorriu e passou pelas enormes portas de ferro.

Capítulo 21

Presente para um Amigo

O sol era um disco amarelo no céu azul da tarde. Uma brisa morna trazia o cheiro de grama cortada e das flores de verão. As ruas estavam vivas com os sons das pessoas entrando e saindo de lojas, e com o barulho dos pneus no asfalto.

Kara sorriu para três garotos que estavam com os rostos esmagados contra a vitrine de uma loja de quadrinhos. Suas mães lhes afastavam da loja irritadas, gritando por causa das marcas que os dedos oleosos deles deixavam no vidro.

— Pobres crianças — disse Jenny. — Eu deixava marcas de dedos em todas as lojas do quarteirão; acho que é por isso que os proprietários me perseguem o tempo todo. Eu costumava pensar que era porque eles não gostavam do meu cabelo.

Kara sentiu o cheiro de café fresco:

— Eu adoro seu cabelo. Faz você parecer uma fada descolada.

— Obrigada — Jenny riu. Ela suspirou alto. — Estou tão feliz por Peter e David não terem entrado em apuros por causa daquela experiência com você. Quem me dera eu pudesse estar lá — parecia tão legal.

— Bem, eu nunca vou fazer aquilo de novo. Eu meio que machuquei eles — e a mim mesma. Mas estou muito feliz porque não entramos em apuros. Para ser honesta, eu não tinha certeza de que íamos nos safar dessa. Foi loucura fazer aquilo, você sabe, mas não tínhamos outra alternativa. Acho que o Conselho tem medo dessa situação toda com a Lilith.

Jenny olhou para o chão, seu rosto estava absorto:

— Eu espero que a gente não esbarre com aquela branqueia psicopata tão cedo.

Kara apertou a mandíbula e não respondeu. Na verdade, ela achava que ia receber uma visita de Lilith a qualquer momento. O que é pior, com seu

talento para mudar de forma, Lilith conseguiria se disfarçar como ninguém. Ela duvidava que sua irmã usasse o disfarce de garotinha novamente.

Kara olhava para os rostos das pessoas que passavam. Lilith poderia ser qualquer uma delas.

Kara franziu a testa. Era impossível saber. Ela sabia que a princesa demônio ainda não tinha terminado com ela.

— Então... qual é a missão? — perguntou Jenny, um pouco mais alegre.
— Você não me disse nada desde que nós saltamos. Eu vi você sussurrando para o David e o Peter antes de sairmos. O que foi aquilo? Eu vi como eles olharam para mim. O que está acontecendo, Kara? E por que estamos em Boston?

Kara sorriu:

— Você vai ver. Estamos quase lá. É só esperar.

Um casaco de couro preto aparecia e desaparecia no meio da multidão.

Kara congelou. A mão dela roçou a alça da sua lâmina da alma, escondida na jaqueta. Ela se esticava para ver por cima da massa de mortais que estava na rua. O casaco havia desaparecido. Ela estava vendo coisas?

Jenny ficou ao lado de Kara e observou o rosto dela:

— Kara? O que foi? Você viu alguma coisa?

Kara balançou a cabeça, irritada.

— Eu — pensei ter visto algo. Tenho certeza de que não é nada. Não se preocupe. Não tem nada a ver com a missão.

— Você pode pelo menos me dizer onde estamos indo?

Kara apontou para a frente:

— Lá. É para lá que estamos indo.

Jenny franziu a testa e colocou as mãos nos quadris:

— Na cafeteria? Tem uma fenda lá dentro? Fala sério Kara, o que está acontecendo?

— Não posso dizer — assuntos oficiais da DCD — altamente secreto. Venha.

Kara riu e incitou Jenny a continuar. Ela parou em frente a uma loja de tijolos vermelhos, com uma grande placa de madeira, escrito *Café Parada Única*. Os dedos dela envolveram a maçaneta de ferro frio e puxaram a porta.

O aroma do café fresco pairava como uma névoa pungente, e uma fila de bolos estava exposta nos balcões da pequena loja. Uma variedade de cadeiras e mesas redondas ocupavam um espaço no centro. Kara estudou as pessoas sentadas nas mesas. Seus olhos recaíram sobre um jovem bonito, de cabelos escuros e olhos cinzentos.

Jenny seguiu o olhar dela. Ela ofegou e cobriu a boca com a mão:

— Kara... o que é isso? O que realmente está acontecendo?

Ela se virou e olhou para a amiga, confusa.

Kara não respondeu, apenas deu um grande sorriso.

— Espere um minuto... Não estou entendendo. — Jenny se inclinou mais para perto de Kara. — Como você o encontrou? Como sabia? Eu nunca contei para ninguém.

Kara sorriu com confiança:

— Eu tenho minhas fontes. — Kara riu suavemente. — Vá em frente — fale com ele. Ele não irá reconhecê-la, mas sentirá que você é familiar. Vá ficar com ele. Temos três horas — você pode ser quem quiser.

Jenny apertou Kara em um abraço de urso:

— Não sei o que dizer para agradecer. — Jenny abraçou Kara ainda mais forte. — Você é a melhor, Kara. Te devo uma.

Jenny soltou Kara e saiu em disparada através das mesas e cadeiras, para ficar ao lado do garoto de cabelos escuros. Ele olhou para ela e sorriu. Kara observou quão brancos eram os dentes dele. Ele era ainda mais bonito quando sorria. Kara assistiu os dois conversarem por um momento, e então ele puxou a cadeira ao lado para Jenny se sentar.

Jenny se sentou ao lado do garoto. Ela se virou para Kara com um enorme sorriso estampado no rosto.

Kara sentiu como se um nó se desfizesse em sua garganta. Aquilo significava muito para ela — ver a amiga tão feliz. Jenny merecia o mundo. Ela era uma garota incrível. Se o Kara precisava mentir e escapar da DCD por algumas horas — aquele sorriso valia todo o esforço. Na verdade, ela faria tudo novamente.

O mundo mortal estava seguro por hora, e Kara estava realmente ansiosa para chegar em casa e passar um tempo com David. Eles ainda tinham um filme para assistir.

Woof, woof!

Um buldogue branco e marrom se sentou aos pés dela. Seus olhos castanhos e sérios a observavam fixamente sob grossas dobras de pele. Baldes de baba escorriam pelas laterais do seu queixo caído. Havia um colar de bolinhas vermelhas e brancas em seu grosso pescoço.

— Thor! — Kara se ajoelhou e acariciou a cabeça do cão. Ela olhou por cima do ombro para ver se alguém estava prestando atenção. Ela diminuiu a voz até o nível de um sussurro. — O que você está fazendo aqui? Como me encontrou?

Thor lambeu os lábios:

— Eu senti o cheiro.

— Obrigado. — Kara olhou para o cão. — É um prazer vê-lo também. Você sabe que também não cheira como flores, certo? — Ela não sabia se estava feliz por ver aquela carinha de novo.

— Eu nunca disse isso. E de nada. — Thor se sentou ruidosamente. Suas perninhas magricelas se projetavam por baixo da barriga gigante. — Ouça — não estou aqui para tomar café — você precisa vir comigo. Houve um ataque.

Kara chegou mais perto:

— Que tipo de ataque? — Pela quantidade de baba que escorrida do cachorro, o assunto parecia sério.

— Houve um ataque contra os sensitivos — um massacre — quase todos morreram. Apenas um punhado deles sobreviveu.

— O que? — A voz de Kara ficou mais alta, antes que ela pudesse controlá-la. Ela viu Jenny se levantar, mas se despediu dela com um aceno de mão e um sorriso falso. Ela baixou a voz. — Como isso pode ter acontecido? Quem fez isso?

Um rosnado profundo se formou na garganta de Thor:

— Os seirs.

E, agora, uma espiada em SEIRS



S
E
I
R
S

GUARDIÕES DE ALMA LIVRO 5

KIM RICHARDSON

Capítulo 1

Banho de Sangue

Uma brisa morna acariciava o rosto de Kara, enquanto ela corria através da multidão de mortais que se aglomerava no elaborado labirinto de ruas. Ela havia tentado de tudo para acompanhar o buldogue inglês que corria ao lado dela, se mantendo próximo aos edifícios e tão distante quanto possível da comoção. Os odores oscilavam entre repugnantes e aromáticos. Havia uma névoa tênue de fumaça dos escapamentos com um toque de flores. Ela passou por homens de terno, falando alto em seus celulares, mulheres carregando grandes sacos de compras, enquanto crianças e adolescentes riam animadamente de algo que viam em seus smartphones. Kara ignorou o belo e exuberante parque e o doce aroma das flores de verão. Ela sequer olhou para os filhotes de labrador na loja de animas de estimação.

Kara não tinha tempo para parar.

— Falta muito ainda? — sussurrou Kara, enquanto passava por uma mulher gorda, tomando um copo de refrigerante com um canudinho. — Os mortais estão me *encarando*.

Thor mergulhou sob os pés de um homem idoso com uma bengala e manteve os olhos na rua:

— Não muito. Logo após o próximo bloco.

Kara acidentalmente bateu com seu ombro em um homem. Ele olhou furiosamente para ela:

— Eu sinto muito, desculpe-me. Não vi você aí. Lamento muito. — Ela passou por ele e correu para acompanhar o Thor.

— Você não vai me dizer o que está acontecendo? — Kara deixou escapar em voz alta. Ela ignorou os olhares confusos dos mortais. Ela achava no mínimo justo saber o que estava acontecendo.

Thor parou e se virou. Sua língua cinza estava pendurada em um dos

lados da mandíbula, roçando desleixadamente na calçada.

— Você verá quando chegarmos lá, e então irá entender. Não posso falar sobre isso agora — especialmente aqui. — Seus grandes olhos castanhos estavam inquietos. Ele levantou o focinho e cheirou o ar. Acelerando o passo, ele se virou e desceu a rua.

O peito de Kara estava pesado, mas ela se pressionou a acompanhar. Ela havia feito uma excursão não autorizada a uma cafeteria em Boston com Jenny, quando Thor surgiu de repente. Houve um ataque contra os sensitivos. Se Thor sabia onde ela estava, isso significa que a legião também sabia.

Deixando Jenny por conta própria, Kara seguia Thor para fora da loja.

Não havia justificativa para mentir para a Divisão Contrademônios. Na verdade, ela faria novamente, se fosse para ver o sorriso no rosto de Jenny, ao ver aquele belo adolescente. Jenny quase tinha morrido no submundo; ela merecia um descanso e um pouco de diversão. Talvez os anjos da guarda fossem bons em esconder suas emoções, mas isso não significa que eles não tenham sentimentos. Kara queria fazer algo significativo para a amiga, mesmo que isso significasse infringir uma lei sagrada. Ela estava ciente de que suas ações provavelmente lhe custariam um rebaixamento na legião ou pior — uma viagem ao tártaro, a prisão dos anjos, seu lugar favorito no mundo. Mas parecia que o ataque recente contra os sensitivos a havia salvo da viagem.

Agora, parecia que o tártaro era o menor dos seus problemas.

Os joelhos de Kara cederam ao pensar nos Seirs abatendo os sensitivos em um ataque impiedoso. Um calafrio subia por sua espinha quando ela lembrava dos sorrisos malignos no rosto hediondo dos Seirs. Os olhos horripilantes, tatuados na parte de trás de suas cabeças, pareciam segui-la onde quer que ela fosse. Seus casacos de couro preto longo e lâminas mortais a assombravam. Embora uma vez eles tenham sido sensitivos, dotados com a capacidade de enxergar o sobrenatural, os Seirs se tornaram malignos e juraram lealdade ao mundo dos mortos. Agora, eles se tornaram inimigos que os anjos da guarda não poderiam enfrentar ou matar. Como todos os anjos da guarda, Kara

jurou proteger todos os mortais, e embora os Seirs fossem completamente sinistros, eram mortais e não podiam ser tocados. Os Seirs estavam fora dos limites.

Com um olhar furioso e a mandíbula apertada, Kara decidiu que, de alguma forma, acharia uma maneira de detê-los. Alguém tinha que fazer isso, e ela poderia muito bem ser este alguém.

Ela se lembrou dos olhos amáveis e do rosto gentil dos sensitivos, que salvaram ela seus amigos no armazém, há uma semana. Eles estavam tão elegantes em seus ternos e chapéus, como os bandidos nos filmes antigos, que ela adorava assistir com a avó. Mas se os sensitivos eram tão hábeis com suas espadas reluzentes e tão bem treinados nas artes marciais, como os Seirs os derrotaram nestes ataques recentes? Lilith estava por trás desses ataques?

De alguma forma, Kara tinha a desagradável sensação de que estava.

Os Seirs seguiam os comandos de Lilith como cães obedientes. Eles receberam a promessa de poder e imortalidade, em troca de fazerem a vontade de Lilith. Quando Kara resgatou Jenny das suas garras, Lilith prometeu que iria vingar a morte do pai. Parecia que a vingança dela já havia começado.

A última visita ao mundo dos mortos havia deixado Kara incomodada. Ela não compartilhou sua conversa com Morthdu, o guardião do inferno, com ninguém — nem mesmo com David. Já era ruim o suficiente ser marcada para ser um demônio. Ela não podia culpar a Legião por suspeitar dela — eles deviam saber que havia traidores entre eles. Kara sabia que não era apenas filha de Asmodeus, mas também compartilhava uma espécie de vínculo com Morthdu. Seria um erro contar a ninguém sobre isso.

A entidade verde havia dito, *a escuridão vive dentro de você...*

Kara tremia só de pensar. Ela sabia que era parte do abismo, e tinha uma conexão inconfundível com um outro nível de consciência. O que o sol verde disse era verdade – Havia uma escuridão dentro de Kara.

Mas como ela foi parar lá?

Desde sua viagem ao submundo, ela estava obcecada com o que Morthdu lhe contara. Ela repassava a conversa várias e várias vezes. Havia algo faltando? Ela ouviu errado o que Morthdu disse? Kara tentava negar repetidamente, mas no final, sabia que havia uma escuridão dentro dela — ela sentia isso. Ela queria desesperadamente compartilhar isso com alguém, para que este alguém pudesse dizer que não era verdade. Aquela verdade a consumia como uma doença, como mãos frias em volta do seu pescoço, tirando dela sua vida angelical.

E ainda assim, ela não podia abandonar suas emoções por aquele poder...

Kara estremeceu. Aquilo fazia parte da escuridão?

Quanto mais ela usava seus poderes elementais, mais se sentia atraída pelo submundo. Ela tentou negar, mas a sensação era intoxicante. Parte dela queria explorar esses sentimentos — e a outra parte estava aterrorizada com o que isso significava.

Ela não era como seu falecido pai, ou a sua meia-irmã Lilith. Ela estava entre os mocinhos, não estava?

Os prédios de tijolos em torno deles projetavam grandes sombras, e Kara se apressou para acompanhar Thor. Ele virou a próxima esquina no final do bloco. Uma parede de prédios de tijolos pairava diante deles. Thor corria do outro lado da rua. Kara ignorou comentários de um casal de meia idade sobre deixar um cão sem coleira no meio da cidade e correu atrás dele. Ela subiu por um lance de escadas de concreto, que a levou a uma grande porta de madeira preta. Kara estava surpresa com a agilidade de perrinhas do buldogue.

O edifício tinha uma cor marrom aconchegante, e Kara imaginou que os tijolos eram feitos de chocolate. Como ela sentia falta do sabor do chocolate derretendo na sua língua! Seus dias de mortal pareciam tão distantes.

Caixas de flores vibrantes, com uma variedade de violetas roxas e gerânios vermelho-sangue, apareciam nas janelas altas dos prédios vizinhos, mas as flores penduradas nas janelas do edifício marrom chocolate estavam mortas.

Uma única vela queimava em uma das janelas inferiores.

Thor subiu no corrimão de metal e apertou a campainha de bronze em forma de adaga com a pata. Após alguns segundos, houve um zumbido, um clique e a porta se destrancou. Thor saltou para a varanda e abriu a porta com seu rosto achatado.

Kara fechou a porta quando passou. O assoalho rugeu quando ela saiu do vestibulo e seguiu Thor por um corredor. Moldes intrincados decoravam as paredes, como cobertura um bolo. Era como um grande hotel, mas em uma escala menor. O som das botas de Kara era sufocado por um exuberante tapete persa no corredor. A iluminação fraca de um grande lustre lançava uma luz sombria, e Kara podia ouvir vozes murmurando. O ar cheirava a desinfetante e sangue.

Thor desapareceu por uma porta no final do corredor. Kara foi atrás dele.

Peter, David e alguns sensitivos estavam lá dentro. Na frente deles, corpos de homens e mulheres repousavam uns sobre os outros, com seus membros terrivelmente torcidos. Feridas abertas apareciam em seus pescoços, e suas mãos vazias agarravam as gargantas, em uma última tentativa de impedir que o sangue escorresse.

A cena macabra a horrorizava, mas também a compelia a investigar mais de perto. Era como uma cena do crime nos programas policiais que ela adorava assistir com sua mãe. Sangue cobria as paredes, como se baldes de tinta vermelha tivessem sido jogados contra elas. Kara procurou, mas não encontrou nenhuma arma.

Uma jovem com os olhos inchados e vermelhos começou a limpar o sangue do piso. Ela limpou o nariz molhado com a manga e passou um pano cor de rosa sobre o assoalho. Seu longo cabelo loiro caiu sobre o rosto. Ela murmurava de forma incompreensível, enquanto trabalhava vigorosamente para tirar as manchas que se infiltravam nas tábuas do chão.

David e Peter estavam apoiados em uma parede, ao lado de uma

grande janela. A luz suave projetava sombras sob seus olhos. Peter parecia que estava prestes a ficar doente. Ela compartilhou um olhar com David, antes de se obrigar a verbalizar seus sentimentos. Não era a hora e nem o lugar para afetividade.

— Onde está a Jenny? — perguntou David em voz baixa. Ele estudava Kara. — Eu pensei que ela estava com você.

Kara evitou seu olhar:

— Ela está ainda no café. Eu disse a ela que nos encontraríamos mais tarde. Eu não contei sobre isso aqui. Thor não me deu muito tempo para isso.

David passou os dedos em seus cabelos loiros desgrenhados e suspirou:

— Não era o que você esperava, não é? Esses Seirs são muito perturbados. É preciso ser seriamente psicótico para fazer isso com outros mortais. Eles precisam de uma lição. — David estalava os nós dos seus dedos. — Eu queria que a Legião nos deixasse revogar nossos juramentos por uns minutos — apenas o suficiente para matar alguns deles.

— Gostaria de poder ter feito algo. — Com as mãos nos bolsos, Peter balançava para a frente e para trás nas pontas dos pés. — Eu me sinto tão inútil.

Kara apertou seu ombro delicadamente:

— Eu também, Peter. Quem me dera ter conseguido ajudar de alguma forma. Essas pobres pessoas não mereciam morrer desse jeito. — Kara suspirou alto. — É horrível.

Os sensitivos se amontoavam no centro da sala conversando entre si. Seus rostos estavam escondidos por seus chapéus pretos.

Thor cruzou a sala e cheirou os corpos cautelosamente. Ele levava algum tempo até passar para o próximo, como um cão policial farejando drogas no aeroporto.

Um sensitivo de olhos escuros assistia o cão por baixo do seu chapéu

preto. Uma cicatriz marcava o lado esquerdo do rosto dele. Ele avistou o Kara e, depois de um momento, foi em direção a ela. O barulho das suas botas pesadas cortou o silêncio tenebroso. Ele tirou o chapéu em uma saudação. — Kara. Estou feliz por você estar aqui.

Kara deu um ligeiro aceno, sempre com os olhos na cena:

— Santo, o que aconteceu aqui? — Ela manteve a voz baixa, com medo de desrespeitar os mortos.

Santo soltou um suspiro pesado:

— Um banho de sangue. —

— Mas... — Kara encarou os olhos escuros de Santo. — Mas não vejo nenhuma arma. É quase como se eles tivessem sido executados.

O dedo do Santo acariciou a cicatriz em seu rosto:

— Eles *foram* executados — por um grupo de assassinos covardes. Eu deveria estar aqui. Teria arrancado seus corações com minhas próprias mãos. — Santo apertou o punho da sua espada até os nós dos dedos ficarem brancos.

— E você tem certeza de que os Seirs fizeram isso? — disse Kara, em um tom que parecia mais uma declaração do que uma pergunta. Os olhos dos mortos a fitavam, como se a acusassem do massacre — como se, de alguma forma, tudo fosse culpa dela, e ela devesse tê-los protegido. Kara suprimiu um arrepio e desviou o olhar.

— Sim, é assim que eles matam. É a marca registrada deles, um corte na garganta. Covardes — Santo murmurou algo, e sua expressão ficou sombria. — Eles não estavam preparados. Eles nunca tiveram uma chance de lutar. — Uma grande veia pulsava na sua testa, abaixo da borda do chapéu. — Eu vou matar cada um deles. Eu juro.

— Ei! Ei! — disse a David, olhando por cima dos ombros. — Os dias deles estão contados. Pode ter certeza.

Kara piscou para afastar o odor de desinfetante dos olhos. A situação era pior do que ela esperava:

— O que você fará com os corpos?

Santo deslocou o peso de uma perna para outra e olhou para o chão:

— Vamos enterrá-los em um local sagrado para nós, fora da cidade. Teremos uma cerimônia...e enterraremos nossos mortos.

Os outros sensitivos ficaram intrigados com Thor pressionando a pata contra o corpo de uma mulher. Depois de um momento, ele foi até a cabeça e se sentou ao lado dela. Seus lábios se moveram, e a baba escorreu para o rosto da mulher. Kara se virou para tentar enxergar melhor o que ele estava fazendo. Porque ele estava tão interessado no corpo de um mortal?

— Santo, e as almas? As almas foram salvas?

Santo ficou em silêncio por um momento:

— Nós temos a confirmação de que suas almas estão mortas. Os Seirs os massacraram e destruíram suas almas.

Kara havia testemunhado os brilhantes e minúsculos cristais, separando-se dos corpos dos mortais muitas vezes. Na maioria das vezes, ela ou outro anjo estavam lá para levar a bola branca e brilhante em segurança. A menos que alma fosse salva, o espírito morria.

A Legião havia perdido milhares de anjos na batalha contra Asmodeus e seus demônios. Agora não havia guardiões suficientes para cuidar de todos os mortais. A situação estava para lá de horrenda.

— E você acha que os Seirs também mataram as almas deles? — perguntou Kara. — Mas isso não faz sentido. Eles são mortais. Por que estariam interessados nas almas?

Santo fechou os olhos e esfregou suas têmporas com o polegar:

— Os Seirs usam almas mortais como pagamento — é parte do acordo que fizeram com o outro mundo. Eles ajudam os demônios a ficarem no nosso mundo, dando almas a eles. É tudo parte do plano que acaba com eles se tornando demônios um dia.

Kara cravou as unhas na perna. Aquilo tinha o cheiro da Lilith por todo o lado. De alguma forma, ela sabia que sua irmã estava envolvida, e ela precisava ser impedida.

A jovem chorava enquanto esfregava o chão.

Kara desviou o olhar e deslocou o peso do corpo desconfortavelmente:

— Não vejo nenhuma criança entre os mortos. Havia alguma criança?
— Ela mordeu o lábio e rezou para que os Seirs não tivessem machucado as crianças.

Santo apertou a mandíbula e encarou os corpos. A voz dele tremia quando ele falou:

— Achamos que eles levaram as crianças.

— O que? Por que eles fariam isso? — Kara se inclinou e observou o rosto de Santo. Um cheiro de mofo encheu as narinas dela.

Santo se virou para encará-la e arranhou sua barba por fazer. Sua boca se apertou até se tornar apenas uma linha:

— Não sabemos — isso nunca aconteceu antes. Nunca ouvi falar dos Seirs levando crianças... crianças sensíveis menos ainda. Os anciãos são estupefatos. Não entendemos o que está acontecendo.

Kara e David compartilharam um olhar inquieto.

Ela voltou sua atenção para Santo:

— Você disse que eles os levaram, então isso significa que eles ainda estão vivos, certo? Então ainda há esperança de que vamos encontrá-los. Se eles

estiverem vivos — nós vamos encontrá-los. A Legião irá ajudá-lo — tenho certeza disso. Vamos encontrar as crianças.

Kara apertou o braço de Santo com uma das mãos. Quando ele não disse nada, ela continuou:

— Nós vamos encontrar as crianças, eu prometo. Os Seirs não devem estar longe. Eu e a minha equipe procuraremos pela cidade. Nós vamos recuperá-los.

— Não é só na cidade. — As sobranceiras grossas de Santo se abaixaram em uma carranca. — Temos relatos de assassinatos e raptos por todo o globo. Todas as crianças estão sumindo. Eles as levaram e desapareceram. Não sabemos como eles fizeram isso, ou como foram capazes de matar tantos e saírem ilesos. Eles devem ter recebido ajuda externa.

Kara tinha uma ideia sobre onde eles conseguiram esta ajuda. Com o rosto petrificado, ela manteve sua culpa afastada. Ela não queria que Santo e os outros tivessem noção do que ela estava pensando. Se ela estivesse certa, e Lilith estivesse por trás disso, isso significaria que Kara era parcialmente culpada, pois Lilith estava buscando vingança. Ela sabia como chegar até Kara.

Quando Kara desviou os olhos dos mortos, ela fez uma promessa a si mesma. Ela jurou encontrar as crianças desaparecidas e trazê-las de volta. Elas eram inocentes. Quem poderia imaginar que coisas horríveis os Seirs poderiam estar fazendo com elas neste momento? Uma coisa é certa, ela tinha que achar as crianças antes que os Seirs as matassem.

— Kara. — os grandes olhos de Thor brilhavam com urgência. — Rápido, ela não tem muito tempo.

Kara seguiu o cão até o corpo no qual ele estava tão interessado. David e Peter a seguiram rapidamente. Fios de cabelo preto estavam presos na testa suada da mulher, e o peito dela subia e descia com esforço. Seu rosto estava ensanguentado, e o corte profundo na garganta gorgolejava silenciosamente. Suas pálpebras abertas se mexeram, e ela encarou o teto. Ela piscou lentamente e então viu Kara.

— Você, você é... Kara? — Ela sussurrou, cada palavra a fazia estremecer.

— Ela ainda está viva! Precisamos levá-la a um hospital. . .

Kara tentava falar, mas as palavras pareciam estar presas na garganta. A expressão do Thor era solene. Ela balançou a cabeça lentamente e baixou os olhos.

Kara franziu a testa. Ela se inclinou e segurou a mão da mulher. Seu toque era gelado, e Kara apertava suavemente a mão dela. — Sim, eu sou Kara. O que posso fazer para ajudá-la?

A boca da mulher se moveu. Seu lábio inferior tremeu, ela gemeu e fechou os olhos. Depois de um momento, ela abriu os olhos novamente e falou:

— Eu...tenho...uma...mensagem.

Kara olhou para cima e encontrou o olhar interrogativo de Santo. Os outros sensitivos se reuniram em torno deles.

— Qual é a mensagem? Quem te deu essa mensagem? — Kara olhou para o rosto da mulher.

Os olhos dela se viravam quando ela tossia sangue. Kara se encolheu ao ouvir o som que a mulher fazia quando tentava encher os pulmões de ar. Ela não tinha certeza de que a mulher seria capaz de dar a mensagem.

— Ela está sofrendo... por favor, não podemos fazer nada? Ela precisa de um médico. — Kara sentiu um ligeiro aperto em sua mão. A mulher olhou para ela, abriu os olhos e falou com vigor renovado.

— Para a minha querida irmã, Kara — disse a mulher em uma nova voz — suave e zombeteira. — Por sua causa, eu decidi tomar o mundo mortal para mim, e matar todos esses nojentos seres humanos com os quais você se importa tanto. Meu exército de Seirs irá aniquilar os anjos e exterminar os sensitivos que resistirem a nós. Todas as pessoas livres serão mortas ou

escravizadas — e eu também dobrarei você à minha vontade.

— Você sabe que eu estou fazendo tudo isso por *sua causa*. Você será culpada pela destruição do mundo dos mortais, irmã querida. Ta-dá!

Um suave suspiro escapou da boca de mulher. Suas pupilas rolaram para trás da cabeça, e seu corpo ficou mole.

Sobre a Autora

Kim Richardson é a autora da série GUARDIÕES DE ALMAS. Ela nasceu em uma pequena cidade no Norte de Quebec, Canadá, e estudou no ramo de Animação 3D. Como Supervisora de Animação para uma empresa de Efeitos Visuais, Kim trabalhou para grandes produções de Hollywood e permaneceu na área de animação por 14 anos. Desde então, ela se aposentou do mundo de Efeitos Visuais e se fixou no interior, onde ela escreve em tempo integral.

Para aprender mais sobre Kim Richardson, visite:

www.kim-richardson.blogspot.com

www.facebook.com/KRAuthorPage

http://twitter.com/Kim_Richardson

-